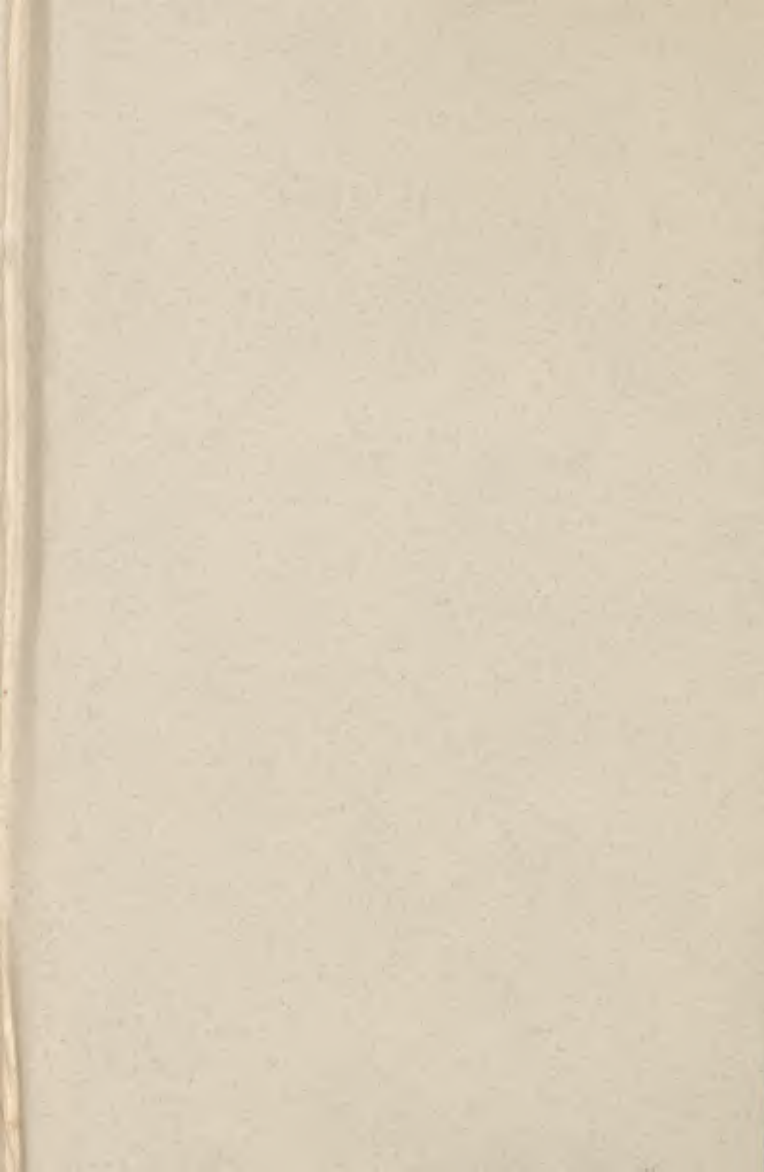
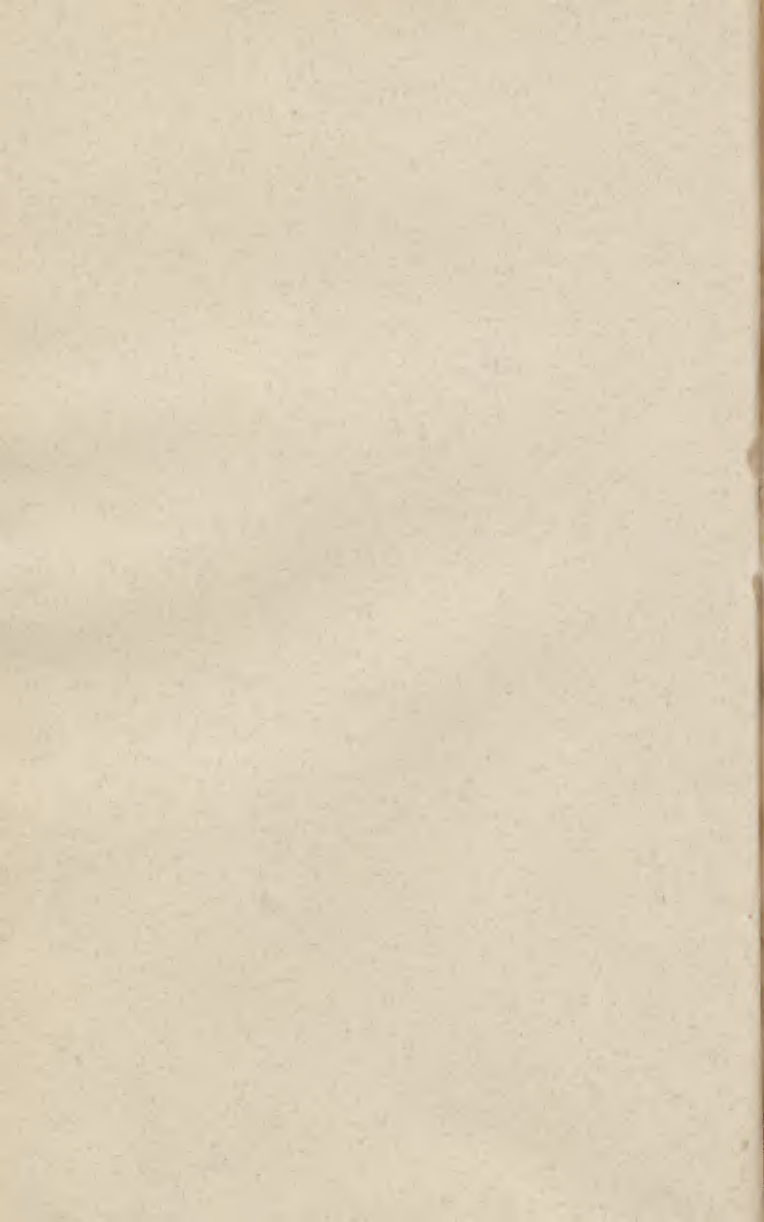




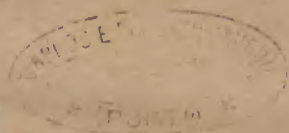
3 Gama, Arna

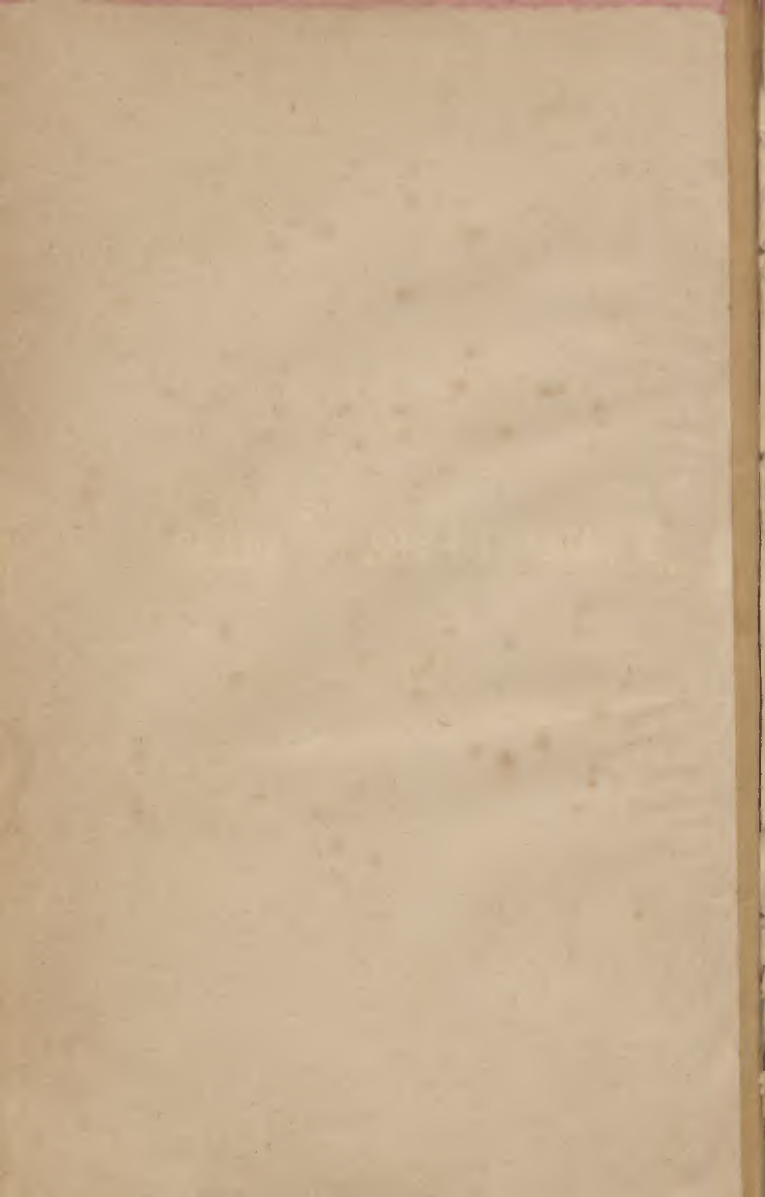






O SARGENTO-MÓR DE VILLAR





C.M.B.
Biblioteca



O Sargento-mór de Villar

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(EPISODIOS DA INVASÃO DOS FRANCEZES EM 1809)

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA
E ILLUSTRADA



PRIMEIRO VOLUME

C. M.
BARCELOS

BIBLIOTECA

5210

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

4 — RUA DE SANTO ILDEFONSO — 6

1885

Porto — Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66



0433

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

Vós não haveis de mandar
Em casa sómente um pello;
S'eu disser isto é novello,
Haveil'o de confirmar.
E mais quando eu vier
De fóra, haveis de tremer,
E cousa que vós digais
Não vos ha-de valer mais
D'aquillo que eu quizer.

GIL VICENTE

O viajante, que, sahindo de Barcellos e subindo pela margem esquerda do Cávado, parar, a hora e meia de caminho, na aldeia de S. João de Areias, encontra-se em amêna e fertil planicie, que, se não é das localidades mais mimosas e mais bem ajardinadas do Minho, é indubitavelmente uma das mais pittorescas.

Imagine o leitor um tracto plaino de terreno, de extensão a perder de vista, mas de pouco mais que tres quartos de legua de largura — todo cultivado e dividido em campos de differentes tamanhos, a que servem de extremos frondosas fileiras de castanheiros enlaçados de vides. No meio d'elles branquejam, como lançadas a êsmo, aqui uma casa sobradada, alli uma térrea, acolá uma cabana palhiça. Todas são, em geral, exteriormente caiadas de fresco e com o esmero, com que o minhoto se apura n'esta sua usança favorita — usança que não pouco contribue para avivar, em qualquer panorama do Minho, aquelle aspecto de mimo e de frescura, que tanto concorre para o affigurar, quando visto de um alto, immenso e formosissimo jardim, retalhado em canteiros irregulares.

As arraias, que delimitam, aos lados, este plaino, ainda lhe acrescentam mais

no delicioso e no pittoresco do aspecto. De um lado, a noroéste, estreita-o o Cávado — rio que, de verão, se reduz as mais das vezes a cinco ou seis pequenos regatos, cada um dos quaes se transpoem facilmente de um salto; mas que de inverno transmonta caudaloso, lambendo em torrentes as margens, e que, depois de atravessar a Penida em salto de cavallo selvagem e furioso, corre até Espozende, onde se lança no mar. Borda-lhe as margens frondosa e quasi ininterrompida alamêda de pinheiros gigantes e seculares, e de castanheiros e carvalhos, que verdadejam copados de parras brotadas dos innumeraveis braços, com que os enlacam as cepas plantadas de encosto a elles. Defronte, na margem direita, jaz a aldeia de Manhente, couto antiquissimo; e, mais ao lado, a casa solar de Azevedo, na esplanada da encosta, a branquejar por entre os pinheiros, com as suas de-

zeseis columnas de polido granito e a sua torre senhorial, que recorda os tempos gloriosos, em que viveu alli o famoso Lopo Dias de Azevedo, um dos capitães de Aljubarrota, e o não menos famoso Martim Lopes de Azevedo, um dos doze de Inglaterra — lenda romanesca que inspirou a Camoens magnificas estancias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade historica como muita gente imagina.

Taes são os limites pittorescos, que bordam a noroeste a formosa planicie. A sudeste levanta-se a montanha de Airó, braço gigantesco que o Gerez estende para o Cávado, cultivado até mais de meia altura, e coberto de aldeias, de campinas e de arvores sempre verdejantes, atravez das quaes alvejam as casas dos lavradores, e levantam-se os campanarios das igrejas. O cimo alteroso, sobre o qual se vêem muitas vezes pousadas as nuvens,

achata-se em vasta planura, assombrada a espaços por denso arvoredó, por entre o qual jorram fontes naturaes de agua limpidissima. Da aresta avista-se Braga, Barcellos, Caminha, Espozende, Vianna, aldeias, rios, campinas—immensa paisagem emfim no mais formoso panorama, que se póde alcançar do alto de qualquer montanha do Minho, até mesmo do cimo dos píncaros do Gerez, d'onde a vista se espraia em verdade por mais dilatado território, mas d'onde o panorama é mais bello, por ficar a maior distancia, e por isso mais nebuloso e menos perfeito.

N'esta aldeia de S. João de Areias, á margem do Cávado, e no meio d'esta formosa paisagem assim delimitada, levanta-se o mosteiro de Villar de Frades, a antiga casa capitular dos padres loyos—os beguínos ou bons homens de Villar, como por muito tempo os denominaram os nossos maiores.

A primitiva fundação do mosteiro de Villar data, segundo dizem, da segunda metade do século vi; mas foi sómente desde os principios do século xv que pertenceu aos padres loyos, os quaes, aposando-se d'elle, architectaram sobre o acanhado e mesquinho cenóbio, que os beneditinos tinham abandonado, o magestoso edificio que ainda hoje se levanta n'aquelle local. ¹ D'esta epoca é que data tambem a sua celebridade. Desde então o mosteiro de Villar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão da magestade do edificio e do pittoresco do sitio, mas, e sobretudo, em respeito das grandes riquezas que possuia, e dos vastos dominios que senhoreava. O reitor dos beguínos de Villar, além de muitas outras possessoens, era senhor

1 Not. I.

donatário dos coutos de Villar e de Manhente, e coudel-mór e alcaide-mór dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça civil. Apresentava sessenta abbas e curados, e as suas terras coutadas eram isemptas de um sem numero de impostos. Em razão de donatário era tambem capitão-mór das ordenanças dos dous coutos. Estes altos e poderosos cargos, por incompativeis com a santa paz e doçura dos habitos monásticos, eram exercidos, em delegação, por um official secular subalterno do reitor e d'elle dependente. Este official era o sargento-mór das ordenanças dos coutos; do que o leitor póde desde já inferir que o sargento-mór de Villar, que é o principal heroe d'esta novella, era um verdadeiro potentado, que dispunha a seu bel-prazer e capricho d'aquellas dilatadas povoaçoens.

Posto isto, e supposto como cousa possivel que o leitor faz perfeita ideia do

que era um couto e da organização das ordenanças ou *bicha*, ¹ como plebeiamente as epithetavam, entro sem mais demora na minha narrativa.

No dia 13 de março de 1809, João Peres de Villalobos, opulento lavrador da freguezia de S. João de Areias, era sargento-mór dos coutos de Villar e de Manhente. Havia quatro geraçoens que este officio andava na familia d'elle : e por isso havia quatro geraçoens tambem que os passados de João Peres tinham deixado de trabalhar na lavoura, desconheciam a rabiça do arado, e viviam das suas rendas, ociosamente e á laia de fidalgos. Estas *rendas* não chegavam em verdade a prefazer a magra somma de quinze *moêdas de oiro* ; mas juntas aos pingues proventos da sargenteria-mór, tinham habilitado os Villalobos a acrescentar ao

1 Vid. not. II.

caldo, borôa e vinho, sustento ordinario de qualquer lavrador minhoto, um arrattel de arroz e uma farta talhada de presunto nas tres comidas do dia, e, ao domingo, uma pouca de vacca cozida e pão de trigo para o chefe da familia. Gallinhas, frangões e pombos do pombal da casa, esses eram a granel e quando appeteciam; perdizes, lebres e coelhos, d'esses não se fazia caso, porque eram aos milhares ahi nos montados e mattas dos coutos, onde ninguem podia caçar sem licença do reitor do mosteiro ou d'elle sargento-mór.

João Peres de Villalobos era homem de cincoenta e cinco annos de idade, de estatura regular, bem construido e athleticamente fornido de espáduas. As mãos eram grossas, cabelludas e d'estas capazes de abrirem a fronte de um boi com um só murro; os pés podiam servir de alicerces a uma torre. Tinha a cara gros-

sa e n'ella grandes bochechas, cobertas de pelle dura e de côr vermelha sobre o tostado. Os olhos eram pequenitos, vivos, scintillantes e assombrados por duas espessissimas e vastas sobranceiras pretas; o nariz grosso e de ventas felpudas e arrebitadas; e a bocca rasgada e de beiços grossos e vermelhos, quasi escondidos, por traz de um enorme e espesso bigode, já rarejado de brancas, que se unia sobre as bochechas com duas felpudissimas suissas, que pareciam dous novelos de pello de bode, recurvados em foicinha. O genio e o caracter d'este varão não desdiziam o que as feições prognosticavam. João Peres era franco, leal, valente e generoso como legitimo minhoto que era; mas rude e sobretudo destemperado de modos, como o são todos aquelles que á natural rudeza de genio ajuntam caracter fegoso e arrebatado. Não era dotado de grande agudeza e prespicacia; mas tinha

razão bastante clara, que inspirada pela natural generosidade do animo, pensava sempre rasoavelmente, todas as vezes porém, e estas infelizmente eram poucas, que o genio casmurro e teimoso o não punha em opposição com os outros. Era portanto capaz das mais nobres e generosas acçoens, e n'este sentido irrompiam sempre n'elle os primeiros impulsos ; mas espicado pela cólera ou pelo espirito da contradicção, não recuava diante do disparate nem mesmo da vingança villã, que n'essas occasioens, seja dito de passagem, não se lhe affigurava tal. A sua posição financeira azava-lhe frequentes vezes de manifestar estas virtudes e estes defeitos. A' mesquinha herança paterna e aos mais avantajados proventos de sargento-mór tivera elle a ventura de ajuntar sessenta mil cruzados em bom dinheiro, final liquidação da herança de um tio materno, que lhe morrera na America.

Mais de metade d'essa somma empregou-a elle em acrescentar o patrimonio territorial dos seus antepassados ; a outra metade andava a juro, ou antes á razão de juro, pelas mãos dos fidalgos dos arredores, e não só pelas d'elles, mas até pelas dos mais pobres jornaleiros da aldeia. João Peres nunca negou o seu dinheiro, a quem lh'o pedia com as lagrimas da necessidade nos olhos ; mas pela mais somenos embirração, pela mais tola frioleira ou pela mais esqui-pática venêta que se lhe apossasse do cráneo, dava por paus e por pedras, e arruinava um devedor com tanta maior facilidade que tinha a justiça de casa, como sargento-mór que era do couto.

Antes de ser sargento-mór de Villar e chefe da familia dos Villalobos, João Peres havia sido soldado. D'aqui a origem dos bigodes, que destoavam com as antipathias minhotas, mas de que elle

usou toda a vida. A razão d'este tirocinio bellicoso foi o que vou dizer. João Peres era filho segundo, e o pai, que queria fazer casa no mais velho, entendeu que o melhor meio de impedir a futura divisão ou empenho do seu pequeno patrimonio, era metter João ao modo de vida de padre. Recalcitrou elle ferozmente ao principio; mas o pae applicou-lhe sobre os hombros flexivel vergasteiro zurzido por mãos de minhoto, e o pobre, *torto collo et invita Minerva*, entrou a estudar grammatica latina nas aulas do convento. Foi pelos cabellos até o *alteruter*, mas em *alteruter* desesperou. Um dia que o padre-mestre lhe quiz applicar uma duzia de palmatoadas para lhe avivar a memoria, João Peres envinagrou-se, fez em pedaços o *Novo Methodo*, saltou de uma janella abaixo, e correu, amaldiçoando o pae e o padre Pereira, a deitar-se a afo-

gar no Cávado. Felizmente, porém, João Peres, como todos os rapazes ribeirinhos, sabia nadar como qualquer dos saborosos salmoens do seu rio. Por mais que fez, não pôde morrer afogado. Mettia a cabeça debaixo da agua, mas, apenas lhe faltava deveras o ar, emergia-a instinctivamente ao lume d'ella; tentou outros expedientes, mas todos pela mesma razão lhe falharam. Emfim vendo que não podia morrer afogado, e não lhe lembrando por então outro genero de morte, resolveu-se a nadar para terra. Mal chegado, sentou-se ao sol e durante a meia hora que esteve a seccar, meditou a situação, e occorreu-lhe a ideia de cortar a difficuldade, alistando-se de soldado no segundo regimento do Porto. Pensal-o, resolvel-o e partir para a cidade foi tudo um. Tres dias depois João Peres de Villalobos era militar. Tinha

então dezenove annos — idade ainda muito de palmatoria n'aquelles felicissimos tempos!

Passou-se isto no anno de 1772. Durante vinte e tres annos João Peres de Villalobos não procurou noticias da familia, nem a familia as procurou d'elle. A coragem e a energia, de que era dotado, abriram-lhe facil caminho na vida militar. Em 1795, ao acabar a guerra do Roussillon com a paz de Basilea, já era capitão, posto que alcançara por distincção no assalto de Belver. João Peres voltou á patria muito cheio de si e soberbo do posto que merecera. Vieram-lhe então muito naturalmente os antojos de se apresentar á familia e de se vingar da embirra despótica do pai com o esplendor da patente, com a côr dos cordoens da banda e com o tirlintar da espada recurvada, com que acutilára os francezes em Banhuls e em Puig-Cerdá. Pediu

portanto licença, e poz-se a caminho. Eil-o emfim na aldeia natal.

Mas como tudo estava differente d'aquillo que João Peres deixára ao fugir, e que imaginava que ainda vinha encontrar! Ao bom do capitão do segundo regimento do Porto, quando por essas terras de Christo pensava na familia e na patria, jámais occorrera a ideia de que o tempo corria para os outros da mesma maneira que para elle corria. A fantasia representava-lhe sempre as cousas no mesmo estado, em que as havia deixando. Via o pai robusto e espadaúdo, ora de marmeleiro empunhado e embirrando furioso em que o filho João havia de ser padre por força; ora de casaca verde e de alabarda na mão, funcionando despóticamente como sargento-mór de Villar. Via a mãe, santa mulher, rezando e rosnando á lareira *padres-nossos* e *ave-marias*, rodeada dos rusticos cria-

dos a bocejar como asnos, do marido a roncar como porco, e dos filhos a cabecear como frades de sabugo. E por fim via-o a elle, ao irmão mais velho, aquelle em favor de quem fôra sentenciado a ser padre, de arcabuz caçadeiro ao hombro, rodeado de barulhenta matilha de caens e abusando desenfreadamente da sua posição de filho do sargento-mór. A par d'isto via tambem, de quando em quando, tres ou quatro moçoilas da aldeia, a quem dissera á surrella palavras de ternura, e para quem nas esfolhadas procurára ancioso a *rainha*.¹ E ellas sempre as mesmas — as mesmas que elle conhecera havia vinte e tres annos, frescas, repolhudas, coradas e transudando vigor e saude por todos os póros do corpo.

Diante d'estas visões João Peres

¹ Nol. III.

empertigava-se com o olho arregalado na farda. Como não havia de ser admirado pelas cachopas da aldeia! Como o pai e o irmão se haviam de espantar á surrella no esplendor irradiado pelo capitão do segundo regimento do Porto! Quantas cruces e quantas benções não havia a mãe de fazer chover sobre as illustrissimas costas de tão respeitavel filho! João Peres de Villalobos não cabia dentro da pelle, ao imaginar centralisadas na sua pessoa todas as attenções e todas as curiosidades da aldeia.

Partiu — chegou — e viu...

Que desillusão!..

A mãe tinha-lhe morrido, e o irmão mais velho havia sido assassinado por não sei que demasias de capitão-mór, praticadas na vizinha freguezia da Pousa. O pai esse era vivo; mas fôra mais feliz se tivera morrido. Como estava tão outro do que tinha sido! O homem ro-

busto, irascível e temido mais que aban-tesma nos coutos, estava agora reduzido a um miseravel velho alquebrado pelos desgostos e pela doença, que já a ninguém impunha respeito, e que até o proprio reitor de Villar ameaçava lançar do officio, em razão de o julgar incapaz de o exercer.

Ao achar-se diante d'estas realidades, tão tristes e tão ao revez do que imaginára, João Peres sentiu-se tonto e como se cahira das nuvens. Mas logo ao primeiro impulso os seus nobilissimos sentimentos galgaram por cima de todas as desforras inspiradas pelas recordações do passado. Resolveu immediatamente não desamparar mais o pae, e jurou, com um cento de pragas, que havia de salvar a dignidade da familia e obrigar os bargan-taços, que tinham escarnecido e abusado da imbecilidade do velho sargento-mór, a respeitá-lo e a venerá-lo ainda mais do

que o santo mais milagreiro do altar-mór do convento. Pediu portanto a reforma, alcançou-a, e ficou. Imagine agora o leitor o que faria o rude e corajoso soldado de Ceret e de Belver, ao achar-se dominador da alabarda do sargento-mór de Villar.

O velho sargento morreu mezes depois do filho chegar, e morreu venerado até á humildade por toda a gente d'aquelles arredores. Desde aquella epoca ninguém mais ousou passar por elle sem se desbarretar em respeitossissima mesura, a menos que não quizesse ir parar com os ossos á cadeia de Manhente ou sentir as costellas apalpadas pelo primeiro ramo de cerquinho, com que João Peres deparasse ao perpassar pelo individuo. Depois da morte do pai, o sargento-mór de Villar ficou só com duas affeições n'este mundo. Era objecto de uma o seu compadre, amigo e camarada Fernão Sil-

vestre de Encourados, filho segundo da nobilissima e antiquissima familia dos senhores de Encourados; da segunda era-o uma filha que lhe nascera, em 1789, de uma senhora com que casára no Porto, e de quem enviuvára anno e meio depois de casado.

Estremecia a filha com ternura e dedicação de amante extremoso. A' menor palavra d'ella, ao seu menor desejo, a um beijo apenas que lhe dêsse, aquelle genio casmurro e irritavel embrandecia, e curvava-se de modo que de leão furioso ficava transformado em mansissimo cordeiro.

Estremecia com igual affecto o amigo. Questionava é verdade com elle, e contradizia-o por habito em todas as cousas; mas por fim cedia, resmungando sempre, mas cedia. A este, além das razoens de amizade, ligavam-no tambem razoens de gratidão por serviço de tal or-

dem que João Peres, ainda mesmo depois de em Banhuls lhe ter salvado a vida com apertado perigo da sua, continuava a confessar-se-lhe devedor insolúvel. Este serviço fôra-lhe prestado em 1793, ao partir para a campanha de Roussillon. N'esse tempo Villalobos achou-se gravemente incommodado por não saber o que havia de fazer da filha, que tivera até então em casa de uns parentes da fallecida esposa, mas por quem receiava agora em razão de lhe faltar a sua vigilância. Fernão Silvestre acudiu então ao amigo, offerecendo-se-lhe para mandar a sua afilhada para o solar de seus pais, onde seria educada por sua cunhada, excellente e nobilissima senhora. João Peres acceitou, e a linda e intelligente creancinha partiu para o paço de Encourados, onde a carinhosa esposa do morgado a tractou e educou com todos os mimos e com todos os regalos de verda-

deira fidalga. Alli passou ella a infancia, alli cresceu e medrou até á puberdade, alli viveu ainda alguns annos depois que o pai se estabeleceu definitivamente em S. João de Areias, e d'alli sómente sahio quando os primores da mais rara belleza principiaram a despontar n'ella, e advertiram ao pai e ao morgado de que, *pro prudentia et pro decentia*, a filha do sargento-mór de Villar não devia continuar a viver debaixo do mesmo tecto com o filho primogénito e unico herdeiro do senhor donatario de Encourados.

Estas duas ternissimas affeições — a filha e o amigo — já tinham sido azo de grandes desgostos para o bom do sargento-mór.

Camilla, o seu beijinho, a filha benjamim já o pozera nos apuros que sabemos quando elle teve de partir para o Roussillon; e mais tarde, quando a trouxe de Encourados para Areias, tambem

lhe não tirou poucas noites de somno, por se lhe ter despertado a consciencia de que a filha estava finalmente mulher.

Fernão Silvestre, o amigo querido, esse ainda lhe tinha dado maiores penas. Depois da restauração do Porto, em 1808, Fernão Silvestre foi accusado de jacobino, por ser intimo amigo do célebre capitão Mariz e Luiz Candido Furtado.¹ O odio e a exaltação popular, que já n'esse anno prognosticavam os horrorosos acontecimentos de 1809, perseguiram-no até Villar de Frades, onde veio acolher-se em casa do sargento-mór. O povo levantou-se contra o jacobino, e cercou a casa para o matar. Ao ver o amigo n'aquelle trance, e desacatada a sua despótica authoridade, João Peres dementou-se de furor. Tomou a espada de Belver e de Puig-Cerdá, e, acompanhado de al-

1 Vid. nol. IV.

guns amigos que lhe accorreram e auxiliado sobretudo pelo seu antigo camarada, velho soldado do Roussillon, que com elle vivia, depois que juntos deixaram o serviço, cahiu sobre os amotinados, acutilou uns, metteu outros na cadeia de Manhente, e multou toda a freguezia, dando por essa occasião prova cabalisima do poder de um capitão-mór em 1808.

O motim dispersou, mas Fernão Silvestre entendeu que devia deixar a casa do amigo; e o sargento-mór ficou desde então notado de jacobino, nome que ninguem lhe ousava chamar cara a cara, mas que todos mentalmente lhe davam, e que n'aquelles tempos revoltosos não era dos mais appeteciveis.

Tal era o sargento-mór de Villar, João Peres de Villalobos, homem, em verdade, que mais que ninguem precisava de trazer sempre diante dos olhos aquella

copla do nosso poeta philosopho, que diz :

Olha que em tudo o soffrimento val,
A cabeça não corra mais que os pés,
Seja a razão o guia principal: 1

mas a quem apesar dos defeitos de arrebatado, casmurro e grosseiro, não se podiam negar excellentes qualidades, todas aquellas emfim que dão ao homem direito a ser classificado entre os verdadeiros nobres de espirito. Parece-me que o leitor já o deve conhecer bem, por isso passo agora a apresentar-lh'o em pessoa.

Pouco passava das cinco horas da manhã do dia 13 de março de 1809. O sol principiava a despontar no horisonte, e o céu estava limpo de nuvens e tinto da mais bella e pura côr de anil. Mas

1 Sá de Miranda. Ecloga IV.

o monte de Airó e as campinas comarcans estavam cobertas de neve, e a aragem fresca que soprava de leste, correndo por sobre ella, enregeleva as faces e as mãos, e parecia levar até o coração o frio glacial que fazia.

Ao dar a ultima pancada das cinco no velho relógio de um só ponteiro, que sobre esguio e comprido tubo de pau de pinho se erguia a um dos cantos do quarto do sargento-mór, este acordou, sentou-se na cama, bocejou, espreguiçou-se, e benzeu-se. Depois rosnou uma praga, saltou ao meio da casa, e, apesar do frio, foi, como estava direito, á janella, que não tinha vidraças, e abriu-a de par em par. Debruçou-se então um pouco para fóra, e poz-se a bradar pelos criados.

— O' Chanisco ! — gritava elle — Ah ! ladrão ! Então ainda estás no quente, alma do diabo ! E a égua sem estar appa-

relhada!.. O' Zé Vogas, ai, desavergonhado, que vou lá que te arranco as orelhas, entendes? Pois ainda não sahiste com o gado, maldito! A que horas has de chegar a Barcellos, ladrão dos meus peccados! O' Domingos, poem-te a pé senão vou lá com um arrocho, entendes? E a égua sem estar apparelhada!.. Estes ladroens querem dar cabo de mim... mas eu arreberto-os... O' Chanisco, alma de cantaro...

—Que diabo está vocemecê a barregar?—disse então com modo rude e sacudido um homem de cara arrenegada e de grandes bigodes, que de repente appareceu no eirado, ainda descalço e atacando os calçoens—Agora amanheceu, não vê? E' todos os dias o mesmo bradorio. A égua vai apparelhar-se. Escusa de berrar. Está ahi a fazer esse destempero, e o almoço ainda não está prompto. Quer sahir sem almoçar?

— Sem almoçar ! — exclamou João Peres, arregalando os olhos no seu interlocutor, que era nem mais nem menos que o supracitado camarada, velho soldado tão casmurro como o amo, mas de muito mais bom senso, e que era o unico que com elle ousava ter e tinha impune-mente estas liberdades.

— Sem almoçar, sim senhor — replicou o veterano com mau modo — É como lhe digo. A varanda ¹ ainda está fechada. A moça ainda está dormindo.

— Que dizes, homem ! Pelo inferno ! — exclamou o sargento-mór, dando um salto para dentro do quarto.

Atacou então á pressa uns calções, abriu a porta do quarto, e poz-se a ber-
rar pela criada que tratava da cosinha.
Era ella mulher já de idade, e de muitos annos familiar da casa dos Villalobos ;

1 Not. V.

sonsa e matreira a mais não poder ser, e que por isso fazia ouvidos de mercador aos brados do amo, e ao rumorejar das criadas da lavoura, que, logo aos primeiros berros, principiaram a dar signal de si. João Peres continuou a gritar por muito tempo sem que a velha se resolvesse a ouvir; provocado por fim por aquella teimosa surdez, segurou com a mão esquerda os mal atacados calções, e correu para a porta do quarto d'ella, que ficava ao fundo do corredor, pegado com a cosinha.

— Arriba, Jabel, que ahi estão os francezes! — gritou, batendo ao mesmo tempo com o punho cerrado duas ou tres pancadas na porta.

— Credo, senhor! Anjo bento! — responderam de dentro em voz nasal e sobresaltada; e ao mesmo tempo sentiu-se baquear no sobrado massa pesadissima, que gemeu dolorosamente.

—Upa, mulher, que já são comnosco!—replicou João Peres, repetindo as punhadas.

Depois retirou-se, sorrindo da gracinha com que, a seu parecer, amedrontára a criada, e dando manifestos signaes, que, apesar dos berros com que salvára o dia, o rude e casmurro sargento-mór de Villar amanhecera, benzêra-o deus, prasenteiro e bem humorado. Recolheu-se então ao quarto a preparar-se e a vestir-se; acto em outro qualquer dia de nenhuma importancia, mas n'este muito sério e de muito trabalho, pelas razoes que o leitor saberá brevemente.

D'ahi a pouco tudo estava em reboço n'aquella casa. A velha Jabel accendeu na lareira um monte de vides e de achas de pinheiro, que depois de fazerem fumaceira tal que, a havel-a no inferno, não haveria condemnado para dous dias, levantou grandiosa fogueira, ao calor da

qual a sorna da velhinha requeitou n'um momento o caldo da vespera, que impingiu como novo aos criados, e de que reservou sufficiente porção para o amo. D'ahi a meia hora os moços da lavoura sahiram almoçados para os seus misteres; e José Rodrigues, o Trinta e tres, como João Peres lhe chamava por habito da numeracão do regimento, levantou-se resmungando e praguejando a velhacaria da criada, e foi apparelhar a alentada e possante égua do sargento-mór, sobre a qual silhou enorme e largo albardão estufado, com muitos tópes vermelhos, e que terminava em alto bico, a prumo do rabicho, no topo do qual balouçava uma borlasinha de seda e um alentado cornipinho entre vistosa laçaria amarella.

Tres quartos de hora depois, o sargento-mór, que, ao ser intimado para almoçar, ordenára que os criados fossem

almoçando, e não esperassem por elle, como é de uso e cortezia nas casas dos lavradores minhôtos, deu copia por fim da sua pessoa, sahindo para fóra do quarto. E sahiu, não como a galhofa da madrugada faria esperar que sahisse; mas grave, carrancudo, a passo batido e compassado, e com ar de muita authoridade e despotismo.

A razão d'esta mudança inesperada trazia-a elle mesmo em cima dos hombros. João Peres trajava a farda de sargento-mór de Villar, e todas as vezes que a envergava, por mais prasenteiro e communicativo que estivesse, tornava-se assim. Cobria-lhe a cabeça enorme chapéu de dous bicos, de mau feltro e sem guarnição alguma, pela parte posterior do qual descia sobre as costas o comprido e farto rabicho do cabello, atado e adornado de grande laço de fita de seda preta. O pescoço, curto e grosso, vinha

assoberbado por monstruoso lenço de cambraia branca, por cima do qual subiam ao lado das faces dous enormes collarinhos bordados, que lhe trepavam até os cantos da bocca, guerreando ferrozmente as suissas. As compridas pontas do lenço, que eram tambem bordadas, cahiam-lhe sobre o peito da camiza, rico egualmente de ramalhudas bordaduras. Vestia casaca do panno verdegai, que era a farda dos sargentos-móres, de góla singella e alta, e com dous alamares por dragonas. Trazia por debaixo um collete de velludo côr de vinho, e, em lugar de calçoens, umas calças do uniforme do segundo regimento do Porto —inovação que os inglezes tinham introduzido em Portugal em 1808, e que João Peres adoptára a instancias do seu amigo Fernão Silvestre, que embirrava de ver um militar de calçoens. A' cinta trazia os cordoens, que então serviam

de banda, e a espada do Roussillon, que, ao sahir do quarto, suspendia repousada sobre o braço esquerdo.

Com este apparatus entrou o sargento-mór na sua cosinha, que, no Minho, é sala de comer do lavrador por mais abastado que seja.

— Ui! onde vai vocemecê assim de madrugada? — disse a velha Jabel, metendo-se a abelhuda, animada pela galhofa do romper do dia.

— E que lhe importa a você, sua excommungada? — respondeu desabridamente o sargento-mór, parando junto da cadeira espaldar, que se via á cabeceira da enorme meza de castanho, que, rodeada de bancos de pinho, estava defronte, mas a distancia, da lareira.

Jabel (ou Izabel, como se diz cá fóra do Minho) encolheu-se toda, sem ousar dizer mais palavra. Depois deitou o caldo

na *malga* ¹ do amo, e veio pôr-lh'o de frente, bem como um prato com um succulento naco de toucinho cozido, cercado de enorme arrecife de couves gallegas, tudo a fumegar.

João Peres basculejou então uma alentada cabaça que estava junto d'elle, e rosnou um grunhido de nada contente ao sentir o estrago que os criados da lavoura tinham feito no conteúdo. Em seguida encheu de vinho uma pequena malga, que ainda hoje, no Minho, é copo commum a amos e criados, arredou o toucinho depois de meditar indeciso um instante, e aproximou de si a malga do caldo. De repente, e como acomettido pela recordação de um dever que lhe ia esquecendo, poz-se de pé, levantou de-

1 Ao leitor pouco familiar com a fraseologia minhôta é preciso advertir, que *malga* ou *covilhe* significa tigella de louça branca. A todas as outras chamam tigellas, excepto ás vermelhas, que distinguem pelo nome de barreiras.

votamente as mãos, e, de chapéu de bicos na cabeça e de olho meio fechado, resmungou alguns segundos inintelligivelmente, e ao cabo d'aquella oração, que bem se podia chamar mental, cerrou a cerimonia lançando uma larga benção a tudo o que estava sobre a meza.

Depois esfarelou sobre o caldo quasi meia boroa, remexeu tudo aquillo, que nada menos era que mistura indigesta de couve gallega, de nabos e de feijão frade, e poz-se a comer. Acabado o caldo, bebeu o vinho, e, depois de limpar á toalha os beiços e os bigodes, poz-se de pé.

—Jabel—disse então gravemente e em tom authorisado—hoje é dia grande em Encourados. Eu vou para lá, e não volto com a menina senão d'aqui por quatro dias, entendes? Tu ficas senhora da praça. Portanto, se quando a menina voltar houver transtorno na casa... en-

tendes? Se me consta que mettes cá alguem de fóra... entendes? Se não déres bem de comer aos criados... se me não tratares bem dos porcos... se me déres cabo do pombal e das gallinhas... entendes? Se me deixas morrer o papagaio... Se me deixas ir o gato ao pintasirgo... entendes? Se me não tiveres as camas bem feitas... o quarto da menina bem aparelhado... a cosinha bem composta... as cebollas enrestadas, e as batatas estendidas na sala da capella... Por esta que trago á cinta, corto-te as orelhas. Entendes?

Aqui João Peres arregalou os olhos *ad terrorem* para a velha, que, acostumada a estes sermoens do amo, voltou-lhe sem ceremonia as costas, e poz-se a mexer no panellão, que tinha sobre o fogo da lareira.

O sargento-mór sahiu então pela porta fóra.

—Trinta e tres! —bradou ao chegar ao meio da escada, que da varanda descia para o cirado.

O veterano appareceu, puxando pela arreata á égua. João Peres desceu para junto d'elle.

—Trinta e tres—disse-lhe por fim depois de o fitar gravemente um instante —tu ficas tenente-rei d'esta praça. Eu não volto com a menina senão d'aqui por quatro dias, entendes? Confio-te, pois, a guarda da minha casa. Imagina-te dentro de Belver ou de Puig-Cerdá, e guarda-me a minha propriedade... entendes? como guardarias aquellas fortalezas, se d'ellas tivesses prestado homenagem ao principe regente, nosso senhor. Portanto, se o Chanisco mandrionar... entendes? e não me tratar bem do gado, pau n'elle; se o Vogas não andar diligente com os carretos para Barcellos,

pau n'elle; se o Chancudo me cavalgar no potro... entendes? pau n'elle, Trinta e tres, pau n'elle; se a Jabel metter gente de fóra cá em casa, pau n'ella... Mas... n'ella não; deixa-a cá por minha conta, que já é velha. Entendes? E, portanto, adeus.

Assim dizendo, metteu o pé no mourisco estribo de pau, bifurcou-se de um salto no alteroso albardão, e dirigiu-se para a porta do eirado, que o veterano abriu de par em par. Ao chegar porém á soleira da porta, fez revirar a égua, e voltou para dentro.

—Trinta e tres, sentido!—bradou, levantando energicamente a mão—Sentido, Trinta e tres! Entendes? Não sei por onde andas ha dous mezes com essa cabeça, tresnoutado, fóra de casa e por leiras do diabo... Eu não sei o que isto é, Trinta e tres. Mas seja o que for, vou



— Trinta e tres, sentido!



socegado, porque sei que me és fiel . . . entendes? e que nem ao proprio satanaz voltas a cara.

— Vá, homem, vá, com um milhão de diabos — interrompeu-o aqui o veterano, bufando de impaciente — Vá, e vá sem cuidado. Que lhe importa a vocemecê com a minha vida? Já tenho idade para me saber governar.

— Está bom, basta palavra. Portanto, olho n'elles . . . e se for preciso . . . entendes? pau n'elles, Trinta e tres, pau n'elles, pau n'elles . . .

E a berrar *pau n'elles, pau n'elles*, espicçou a égua com a enorme espora de ferro, que levava na bota do pé direito, e despediu como um foguete pela porta fóra.



II

Mestre por prova melhor,
Quem o contrário presume,
Se viu amor sem ciúme
Ou ciúme sem amor?

F. R. LOBO. *Primavera.*

A freguezia de S. Thiago de Encourados está situada, parte d'ella nas abas do monte de Airó, e outra parte estendida por elle acima, do lado do noroeste. A poente fica-lhe Villar de Frades. No extremo da freguezia, e no ponto, onde ella mais se eleva, estava situado o paço e solar do fidalgo, senhor donatario do couto, fundado sobre a extensa rechã, em que a montanha se collea, ao chegar

áquella altura. O panorama da aldeia, estendida em amphitheatro de verdura pela encosta, salpicada pelas casas dos aldeoens, que apparecem aqui e alli, e no alto, a cavalleiro d'ellas, e como que a vigial-as, o solar do senhor donatario, era uma das mais formosas vistas que, ainda no principio d'este seculo, se encontravam na nossa provincia do Minho.

O paço de Encourados, de que apenas restam hoje as ruinas, era um vasto e magnifico edificio, mixto extravagante de differentes architecturas. A fundação primitiva fôra uma fortissima torre, semelhante ás tantas outras edificadas nos seculos x e xi, quando a conquista christã mal se podia resguardar contra as repetidas e subitas invasoens dos serracenos, ainda então poderosissimos na nossa peninsula. Mais tarde, no seculo xiii, um descendente d'aquelle que fundára a torre, edificou pegado a ella um

alcacer acastellado, ao abrigo do qual os ricos-homens de Encourados desafiaram durante uns poucos de seculos as justicas de el-rei, e guerrearam competencias e caprichos com os ricos-homens comarcãos. Durante este longo espaço de tempo, o alcacer soffreu differentes modificaçoens, tendentes ora a adornal-o, ora a fortalecel-o mais, segundo a indole d'aquelle que as mandava fazer. Quasi todos deixaram n'elle fundos vestigios, mas nenhum lhe mudou a feição principal. No seculo xvi foi que elle se transformou inteiramente. Na segunda metade d'esse seculo, um senhor de Encourados, voltando da India, opulento de glória e não menos de riquezas, emprehendeu tirar ao paço senhorial a feição rude e bellicosa, que recordava os tempos turbulentos, em que fôra edificado, a dar-lhe aspecto mais em harmonia com a epoca faustuosa, em que elle vivia. Em

conformidade com este plano, a barbacã e a muralha foram derribadas, servindo para entulhar a cava; e a frontaria do alcacer, a que se podia chamar principal, foi substituída por outra modelada pelo gosto architectónico da epoca. O paço perdeu assim o aspecto guerreiro que tinha, e o velho castello dos baroens do século XIII ficou exteriormente transformado em palácio de cortezão opulento. Ao interior porém não chegou a reforma assoladora. Por traz da frontaria moderna, ficou o paço, a torre da menagem, a sala d'armas e todos os outros repartimentos do antigo castello; porque o senhor de Encourados contentou-se com enxertar feições novas no velho gigante, e deixou-lhe o seio intacto e apenas modificado nos adornos. Nos fins do século XVII o paço soffreu nova alteração. Um outro desceute dos antigos ricos-homens, que viveu muito tempo em Pa-

riz, mandou construir de encontro á porta principal do edificio um vasto corpo saliente, de magnifica fachada, e que tinha por sobre-céu um bello terraço, para onde se sahia por uma porta aberta no panno fronteiro da velha torre, que ficava por traz e a cavalleiro do edificio do seculo xvi. Sobre a grandiosa e elegante porta principal d'esta fachada é que se via, esculpido em granito, o escudo das armas dos Encourados, que eram — em campo de prata uma cruz de vermelho firmada no escudo, elmo aberto com paquife de prata e vermelho; por timbre um meio touro arremettente de prata, armada de vermelho. ¹

Estas alteraçoes, sem unidade de plano, davam ao paço de Encourados aspecto extravagante e irregularissimo, mas não deixavam tambem de concorrer

¹ Vid. not. VI.

para a magestade imponente, com que elle se erguia sobre a gigante rechã da montanha.

Em 1809 Vasco Mendes de Encourados era o senhor donatario do couto e o proprietario do solar. Vasco Mendes era pela índole, pelo orgulho, pela corpulencia e pelas forças gigantescas, dignissimo representante dos cavalleiros, que haviam fundado a torre e o alcacer. Mas estes peccados eram n'elle remidos por virtudes altamente aquilatadas. Era bom pai, bom esposo, bom irmão e bom amigo. A soberba heráldica, que era o defeito mais saliente, que tinha, tornava-o às vezes desconversavel e duro; mas a generosidade e a bondade, de que era dotado, faziam não poucas vezes que o soberbo e repellente fidalgo, que fallava a todos de chapéu na cabeça, voz grossa e sobrecenho encrespado, entrasse na choupana do mais pobre dos seus vas-

sallos, a levar-lhe soccorros offerecidos com tão bondosas palavras de consolação, que não só escureciam totalmente o ridículo pavoneamento, com que fallava dos seus quarenta nobilissimos avós, mas faziam-no adorar por todos os plebeus de muitas leguas de arredor. Além d'este peccado da soberba heráldica, Vasco Mendes era em alto grau sujeito a outro, que, desde remotissimas eras, foi sempre como que essencial a todos os fidalgos portuguezes. Este peccado era o da perdularidade, no qual já primára seu pai, seu avô, seu bis-avô e toda a sua geração, mas que n'elle chegava até ao extremo em razão da muita bondade e caridade que tinha. D'aqui succedia que Vasco Mendes herdára uma casa não muito grande, mas muito empenhada, a qual tinha de deixar ao successor em estado que era impossivel empenhal-a mais.

Vasco Mendes era casado com D.

Luiza de Aboim, senhora tão nobre como elle, mas que não tinha a respeito de fidalguia as ideias exageradas do marido. Era filha de uma casa nobilissima da fronteira, e em razão de ter perdido a mãe, sendo ainda muito creança, fôra educada n'um convento do Porto, d'onde sahiu, contra vontade do pai, para casar com Vasco Mendes. Tinha tido educação primorosa, e a natural lhaneza de character fizera-a naturalmente escapar á denguiça freirática, que n'esses tempos ficava sempre indelevelmente estampada em todas as meninas educadas em convento. A bondade de D. Luiza emparelhava com a do marido, excedendo-a porém em nunca ser empanada sequer por uma olhadella de soberba, que offendesse nem ao de leve a dignidade dos outros. D'esta união nascera apenas um filho, e como elle tem de em breve apparecer ao leitor, se hei-de mais tarde

dizer-lhe o preciso para lh'o fazer conhecer, vou-lh'o dizer desde já.

Luiz Vasques de Encourados tinha, em 1809, vinte e quatro annos de idade. Possuia todas as qualidades do pai, e não lhe tinha nenhum dos defeitos. Dos ricos-homens seus antepassados herdára tambem o espirito cavalheiroso e a validez muscular; mas não herdára a corpulencia. N'este ponto a natureza modelára-o em fórmãs mais proprias para incendiar as cabeças das raparigas romanescas e imaginativas. Era de estatura mais que regular, airosamente desempenado, e de cabeça alta e nobremente assombrada. As feições eram perfeitissimas, e notaveis pela expressão varonil, que annunciava, logo á primeira vista, o cavalheirismo d'aquelle nobilissimo espirito e a coragem e a impavidez de que era dotado. Demais em ninguem como n'elle se podia dizer que o rosto é

o espelho da alma. Todas as paixões, todos os sentimentos se reflectiam no d'elle com tal vigor e com tal perfeição, que por mais momentâneo que fosse o abalo, ainda assim era tão sensível a expressão do semblante, que logo o deixava conhecer com a mesma facilidade, com que se conhece sobre a superficie do mar em calma todas as alterações de mais ou menos vigor que as brizas lhe fazem ao passar.

Vasco Mendes empenhára-se em vigorisar no filho os sentimentos e as propensões da raça illustrissima a que pertencia; D. Luiza em lhe desenvolver as virtudes, apontando-lhe as do pai e prevenindo-o ao mesmo tempo delicadamente contra os pequenos defeitos que este tinha. Outra circumstancia concorreu não menos para fazer de Luiz Vasques modêlo de cavalheiros; e esta circumstancia fôra o ter sido educado con-

juntamente com Camilla, a filha predilecta do sargento-mór de Villar. Era Camilla uma d'estas organisaçoens angélicas, a que alguém já chamou, e com razão, notas desferidas das harpas dos anjos, tão sensitivas nascem, tão delicada e poética é n'ellas a sensibilidade. Luiz Vasques era mais velho do que ella cinco annos. A doçura d'aquelle anjo, que lhe acompanhára a infancia, acrisolou-lhe até á perfeição a natural poesia do espirito; a fraqueza d'aquelle ser tão mimoso, a cujo lado se achára desde o berço, engrandecera n'elle aquelle sentimento de protecção cavalheiresca, que inspira a heroicidade ao homem, incendiando-lhe o brio que eleva a sua superioridade orgânica muitas vezes além dos limites, que a natureza parece ter demarcado.

Se a educação de Luiz Vasques tivesse corrido unicamente dependente do pai, nunca o moço fidalgo saberia mais

do que escrever mal o seu nome, jogar as armas, montar e cavalgar com perfeição. Se n'ella tivesse influenciado exclusivamente a mãe, Luiz não passaria de um bom homem de bem, e porventura de um litterato medíocre. Mas, felizmente, era elle filho de duas pessoas que se presavam extremosamente, e o resultado d'esta mutua afeição era a mutua condescendencia. Assim Luiz Vasques aprendeu a jogar as armas, a caçar e a cavalgar como qualquer dos mais rijos dos seus antepassados; e ao mesmo tempo aprendeu a ler e a escrever correctamente, e frequentou latim e humanidades nas aulas do convento. Além d'isto Vasco Mendes, por conselho da esposa, tinha tomado para pedagogo do filho um velho padre irlandez, homem excentrico, mas altamente conhecedor de linguas, que um dia imaginára o capricho de viajar a pé por toda a Europa, e que no fim

d'esta extravagante peregrinação parára ao passar em Encourados. A estes dotes de educação juntava Luiz Vasques uma tal ou qual experiencia do mundo, grangeada nos saloens dos fidalgos do Porto que o pai o obrigava a frequentar; e sobretudo na ultima campanha, em que o mandára militar voluntário, e na qual assistira a todos os pequenos combates, que se deram pela independencia nacional, e por ultimo aos dous da Roliça e do Vimeiro. Esta experiencia do mundo, sobretudo a alcançada na vida dos acampamentos, desempoeirára totalmente a grande alma d'aquelle moço, e déra-lhe certa firmeza de acção, que fazia sobresahir o joven morgado de Encourados entre os morgados mais ou menos alarves das visinhanças.

Tal era o senhor de Encourados e a sua familia. De um outro membro d'ella, que já de passagem apresentei ao leitor,

mais tarde terei de fallar. Isto diz respeito a Fernão Silvestre de Encourados, irmão mais novo de Vasco Mendes, e amigo, compadre e camarada do sargento-mór de Villar.

Eram dez horas da manhã d'aquelle mesmo dia, em que o sargento-mór sahira, de uniforme, para Encourados, deixando de sentinella aos penates o seu fiel Trinta e tres. O dia, que amanhecera frigidíssimo, entepidecera aquecido pelos raios do sol de março, o que acontece quando a atmospheria está em plena calma, e de horisonte a horisonte não apparece uma nuvem. As flores da primavera começavam a matizar as campinas; e o vasto e formoso jardim do paço de Encourados, obra do fidalgo do seculo xvii e agora recreio e cuidado da vida sem nuvens de D. Luiza, começava tambem a inflorar-se de mil formosas boninas, espalhadas pelos canteiros e pen-

dentes de um sem numero de braços de trepadeiras, que se enroscavam pelas paredes de buxo, que ladeavam as bem arreadas avenidas e passeios. Distante do palacio havia um grande lago, encerrado dentro de espessa e alta parede de cedros, artisticamente sujeitados uns aos outros. Do lado opposto ao castello pegava com ella, e para dentro d'ella tinha entrada, um extenso e copado bosque de muitas arvores differentes, alabaryntado por um sem numero de ruas, que todas por fim convergiam para um grande portão aberto no alto muro, que cercava a quinta do fidalgo.

Eram pois pouco mais ou menos dez horas da manhã do dia 13 de março de 1809. A grande porta envidraçada, que do paço dava sahida para o jardim, abriu-se, e por ella sahio a mais gentil e mimosa creatura, que vós, leitores, podeis

imaginar por mais poética e oriental que tinhaes a imaginativa.

Era Camilla, a linda filha do sargento-mór de Villar.

Camilla era um d'estes seres que se não descrevem; que se imaginam, e que só se podem imaginar aos quinze annos, na idade em que o homem, ao desabrochar na juventude, immaculado, cheio de vida e de poesia, cahe a cada passo em sonhos vagos, em abstracções, que antevêem a espaços o ceu, e nas quaes o instincto do amor lhe faz apparecer um sêr aério, puro e formosissimo, que é d'elle o primeiro objecto. Camilla era pela belleza vaporosa das fórmãs e pela expressão maviosa e infantil do semblante a realisação do mais delicado typo d'esses sonhos. O pol-a de par com outro qualquer simil falsearia infamemente a pintura. Comparal-a com as pérís tra-

vessas do ceu de Zoroastre, seria mentira; confrontal-a com as lascivas houri do eden de Mahomet, seria blasphemia. Não, Camilla não era nada d'isso. Era... era aquelle sonho; era o archetypa da Eva de Milton, o unico poeta que, depois de Deus, soube comprehender a mulher, quando pela primeira vez sente que vive, porque sente que precisa de amar.

Camilla encaminhou-se pela extensa avenida, que conduzia para o lago, entrou para dentro do cerrado dos cedros, e foi sentar-se n'um banco de pedra, ao lado da porta que dava para o bosque, a qual ficava fronteira áquella por onde havia entrado. Depois passeou os olhos por cima dos canteiros, por cima da agua limpidíssima do lago, pelos festoens de flores que as trepadeiras penduravam pela parede dos cedros abaixo; seguiu aqui o saltitar de um passarinho, acolá

o vôo de outro; e por fim cahiu n'aquelle vago e delicioso scismar, em que a solidão enleva as almas que Deus formou para amarem, e para apreciarem os mimos da creação. A's vezes um sorriso angélico confrangia-lhe ao de leve os labios de carmin; outras os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas, e o seio arfava-lhe ao impulso dos suspiros caprichosos, que se lhe desprendiam da alma.

Esteve assim por mais de um quarto de hora n'este doce enlevo dos sentidos, e assim estaria muito tempo, se não fosse despertada pelo ruido de passos apressados, que do bosque se dirigiam para o lago. A linda menina estremeceu, as faces purpurearam-se-lhe, e os olhos irradiaram-lhe aquella celestial sensação indefinivel, que enleva a donzella, ao sentir aproximar-se o homem que ama, e cujos passos o amor lhe ensina a distin-

guir a distancia, e ainda mesmo que soem no meio de muitos.

Um momento depois Luiz Vasques de Encourados assomou á porta, que dava para o bosque. Trazia na cabeça um chapéu de felpudo pêllo de seda, de copa mediana e de abas largas e redondas. Por cima do collete, afogado até meio do peito, vestia um casaco de panno inglez, de côr escura e forrado internamente de magnificas pelles. Este casaco, segundo a moda da epoca, era bastante comprido, e tinha a gola alta, curta e ligeiramente enroscada. As calças, que vestia, eram muito justas, e justavam cada vez mais á medida que desciam para a parte inferior da perna, onde em fim se mergulhavam nos altos canos de umas primorosas botas, acanhoadas de branco, que lhe subiam até mais de meia canella. Este traje, que, apesar do ódio que tinhamos então aos francezes, era

pouco mais ou menos o usado pelos republicanos de 1792, alterado depois ao de leve pelos partidários do império, era moda mais que geral entre os pintalegretes do meio dia da Europa, e Luiz Vazquez apurava-se n'elle em razão das suas frequentes visitas ao Porto. Aquelle grande chapéu, e sobretudo a alta e enroscada gola d'aquelles fartos casacos, nem a todos ficavam christãmente; mas n'elle lustrava tudo bem em razão da elegancia das fórmulas, da magestade do porte e do airoso do passo. Trazia nas botas umas pequenas esporas de prata, afiveladas ao lado por estreita e lustrosa correia; e na mão um chicote de punho tambem de prata, affeiçãoado á semelhança de garra de ave de rapina.

Ao ver o moço, Camilla aconchegou mais sobre o seio o capote de fina case-mira branca, fimbado de seda, que, ao uso da epoca, trazia por cima do vestido,

enfiado pelas mangas, e fitou-o com indizível expressão de amor. Luiz, entrando pela porta do bosque, ladeára para a direita do lago, de fórma que não viu Camilla, que estava sentada a pequena distancia, mas do lado opposto áquelle por onde elle se encaminhára. A linda menina, enlevada na contemplação do seu querido companheiro da infancia, deixou-o ir ávante, sem que aquelle arroubamento lhe consentisse forças para dar signal de si. Luiz ia já quasi a sahir pela porta opposta do cerrado, quando ella tossiu ao de leve.

Voltou-se o moço. Quando apparecêra, trazia o semblante pensador e como reflectindo imaginaçoens, que indecisas lhe agitavam a alma. Ao dar com os olhos na linda menina, o rosto de Luiz Vasques quasi que sumiu de todo a expressão que trazia, e os olhos brilharam-lhe de subito como quem se sentia aba-

lado pela repentina apparição do objecto do pensamento que o perturbava. Mas para logo, esta expressão descahiu para a da mais sincera e viva satisfação, sem comtudo vencer completamente umas ligeiras tintas, que lhe ficaram do primitivo cuidado.

—Tu aqui, minha Camilla!—disse o moço, voltando para traz e dirigindo-se a ella.

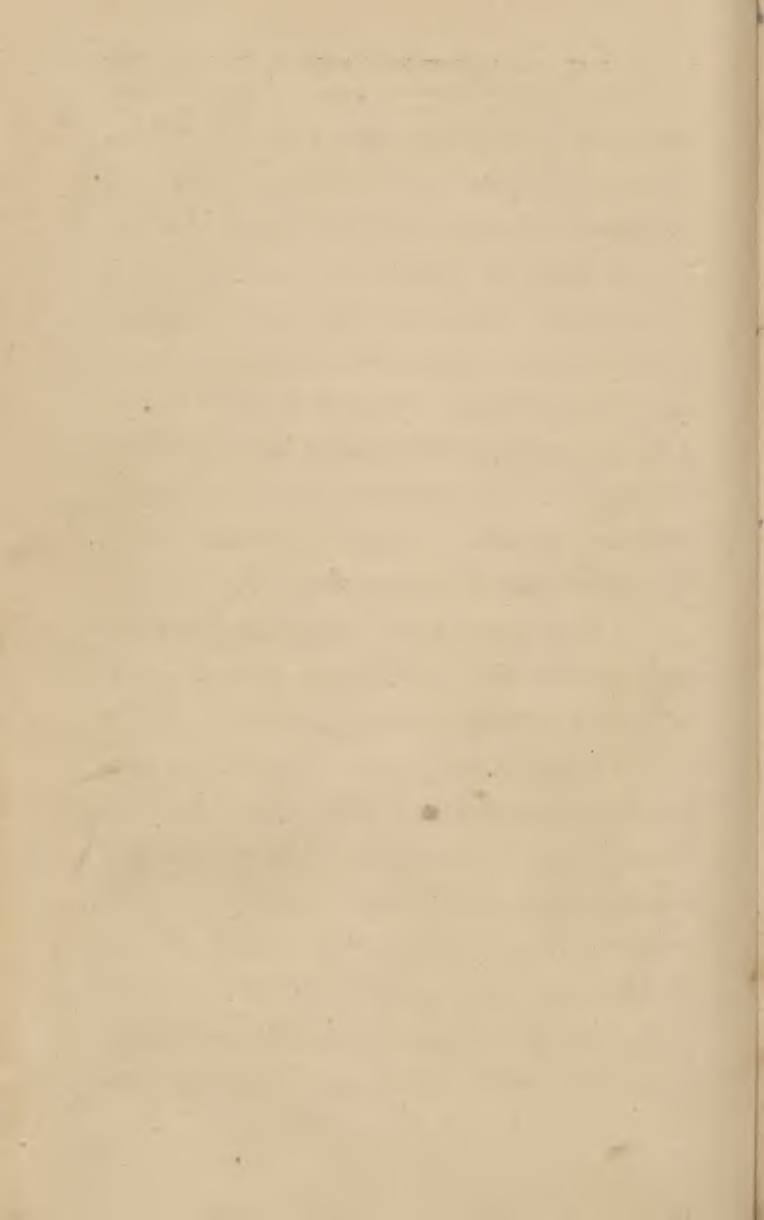
—Vim gosar este formosissimo dia... aqui, onde tantos gozamos ambos brincando—respondeu ella, fitando-o com um olhar angélico.

Os olhos de Luiz brilharam com a mais viva expressão de castissimo amor, de amor todo d'alma.

—É verdade!—replicou, sentando-se ao lado da linda menina, e levando aos labios uma das mãos d'ella—Oh! que dias... que dias formosos aquelles! Que innocentes prazeres! que delicio-



—Tu aqui, minha Camilla!



sos folguedos! Não vale a pena ser homem. Aquelles dias—acrescentou em voz mais baixa—não tinham cuidados, não tinham nuvens:...

A entoação da voz de Luiz, e a expressão que o rosto lhe tomou ao proferir estas palavras, condiziam cabalmente com o semblante pensador, com que havia entrado no cerrado, e se suppunha comsigo a sós. Camilla estremeceu, e voltou-se rapidamente para elle.

—Que tens, Luiz? Porque dizes isso?—exclamou com anciedade e com os olhos arrazados de lágrimas.

—Por nada, querida Camilla, — respondeu elle, simulando completo socego de espirito—por nada que te deva fazer receiar pelo teu amigo da infancia. O que eu disse, refere-se unicamente aos tempos revoltos que vão. O futuro não se antolha muito de rosas, querida irmã. Estamos em tempo de guerra, e amea-

cados de nova invasão. Os francezes occupam toda a margem direita do Minho, e ameaçam atravessal-o á viva força. Estamos em vespervas de grandes acontecimentos, Camilla... Quem sabe o que será? Depois, quem tem pessoas que estima e que préza mais que a propria vida, sente-se agitado, sente-se commovido por estes temores e por estas incertezas, anda mal...

E o moço parou de subito, e ficou um momento seguindo com os olhos a ponta do chicote, com o qual rabiscava na terra.

— Crês em agouros, Camilla? — perguntou de repente, mal podendo soffrear a violenta agitação que pouco a pouco se fôra assenhoreando d'elle.

— Não, Luiz — respondeu a linda menina, cada vez mais opprimida. — Creio só em Deus e na virgem, nossa

senhora, que ha-de arredar de nós as desgraças de que tanto te arreceias.

O moço não respondeu logo; ficou alguns momentos callado e seguindo sempre com a vista os mil recortes, que machinalmente traçava no chão com a ponta do chicote.

— Eu também não creio em agouros — disse finalmente, fitando Camilla e sorrindo com um sorriso, que debalde queria apparentar aberto e prazenteiro. — Mas emfim ás vezes ha cousas... Ha antipathias taes... Olha, Camilla, tenho o presentimento de que o dia de hoje ha-de-me ser fatal.

— E porque? — balbuciou ella a tremer.

— Porque me rompeu mal agoirado, Camilla; porque a primeira pessoa que vi esta manhã, foi o unico homem por quem sinto desprêso e até ódio, o ho-

mem cuja vista me faz mal, porque é o maior infame e o maior malvado que Deus consente sobre a face da terra. E não só o vi, Camilla, mas fallei-lhe, ou melhor, fallou-me elle, e disse-me cousas que me denegriram o espirito, que me escureceram a alma. Quando sahi, ia feliz, ia alegre, respirava bem este ar da primavera; depois que lhe ouvi a voz, fiquei com o espirito agitado, fiquei mal, tudo me desgosta, até as flores me incommodam...

Aqui Luiz Vasques interrompeu-se, e, fitando em Camilla olhar prescrutador, acrescentou em voz sacudida e secca:

— Conheces Braz de Paiva, isso que chamam por ahi morgado da Barca?

Camilla empallideceu levemente.

— Conheço — balbuciou em voz trémula da commoção, em que a lançára a voz e os gestos sacudidos de Luiz.

—E sabes a historia do infame procedimento d'aquelle villão para com o irmão mais velho, que devia succeder no morgado, o desgraçado Francisco de Paiva, que o povo appellida *De profundis*?

—Por alto a ouvi a meu pai—respondeu ella cada vez mais convulsa.

Luiz Vasques ergueu-se subitamente de pé, e poz-se a passear agitado de um lado para o outro.

—Oh! maior villão do que aquelle não se aquece de certo aos raios do sol —dizia elle. —E' o protótypo dos grandes infames, é a realidade da astucia e da malvadez de Satanaz. Tu não fazes ideia do que é aquella fera, Camilla; e não sabes de certo toda a hediondez da historia que endoideceu o pobre *De profundis*. Oh! Camilla, custa a acreditar que a justiça de Deus consinta homens como aquelles sobre a face da terra!

E Luiz callou-se um momento, continuando a passear agitado.

— Se ha justiça no céu — irrompeu finalmente — é impossivel que toda aquella familia não esteja condemnada. Pai, mãe... e até a esposa, concorreram concertadamente para aquelle grande crime. E' impossivel que consigam perdão no austero tribunal divino. Se a justiça de Deus alcançasse tão longe, o inferno estaria vazio.

Acabando de dizer estas palavras, Luiz Vasques veio sentar-se ao lado de Camilla, fazendo por asserenar-se, e por socegar a agitação que perturbava aquelle pobre anjo.

— Olha, Camilla, — disse-lhe por fim — vou contar-te a historia d'aquelle grande malvado, para que tu dêes razão a este ódio que sinto, e ao presentimento de mau agouro que tenho. São duas palavras apenas. A historia do desgra-

gado *De profundis* conta-se em dous minutos.

E depois de um instante de pausa, continuou:

— Eu conheci *De profundis* e aquelle seu infame irmão mais novo ainda na escola, onde fomos companheiros. Francisco era uma creança meiga, franca e corajosa; Braz era uma fêra, tençoeiro, refolhado, denunciante e traidor. A differença de character que havia entre os dous irmãos, lia-se-lhes no rosto: Francisco era um lindo rapaz com feições que revelavam a alma; Braz tinha cara e olhar de coruja, aspecto de ave de mau agouro. Taes eram os dous irmãos; mas, cousa incomprehensivel! — o pai, a mãe e toda a familia odiava Francisco, e estremecia Braz, lastimando que aquelle tivesse nascido primeiro, e fosse por isso o successor da casa. Esta ideia produziu logo desde o princi-

pio os effeitos que se deviam esperar em gente avillanada e sem educação. Os mimos, as preferencias e os ócios eram para Braz; para Francisco ficavam os trabalhos, os castigos e os maus modos. Sob o peso d'esta differença ominosa, o character do pobre moço foi-se melancolisando e intimidecendo; o do outro medrou em orgulho, em soberba e em astucia. Cresceram elles... crescemos todos. Francisco resistiu aos maus tratos, e chegou a ser homem. E homem, á parte a melancolia e a timidez, era o que em creança prognosticava que viria a ser — franco, generoso e leal. Braz ficou sempre o mesmo — infame, tençoeiro e traidor. E o ódio e a preferencia da familia medrou á medida que elles foram medrando. Chegou por fim a tocar os derradeiros limites. Aquelles pais desnaturados imaginaram um plano para inutilisar o filho mais velho, endoidecen-

do-o, a fim de que o mais novo viesse a ser, ao menos de facto, senhor d'aquella casa. E puzeram-no em prática. Sequestraram Francisco de todas as affeições da familia; obrigaram-no a rigores e práticas religiosas, aproveitando-se ao mesmo tempo da timidez e fraqueza, a que tinham reduzido o pobre moço, para lhe aterrar o espirito com superstições e fábulas pavorosas; e por fim começaram a zombar de tudo o que elle fazia, a fim de lhe persuadirem que estava louco, e fazerem acreditar os outros na apregoada loucura. N'outro homem estas infâmias produziriam o ódio e a ferocidade, que inspiram o parricídio. N'elle não; n'elle deu em resultado o acanhamento completo, e abriu caminho ao idiotismo. Por fim, quando entenderam que era occasião propria, alancearam-no com o ultimo golpe. Haviam-no casado, e d'este casamento nascera um

filhinho. Amava elle a esposa e o filho, como aquelle homem era capaz de amar. Infelizmente, Clara, a esposa do pobre moço, era muito inferior á posição em que a sorte a collocára. Para ser o anjo consolador d'aquelle desgraçado era preciso ser mulher que sympathisasse com o infortúnio, que comprehendesse aquelle, e que tivesse a coragem e a grandeza d'alma precisas para o defender e para o revocar ao sentimento da propria dignidade. Clara nada d'isto tinha; era estúpida e orgulhosa. A estupidez fazia-a cega para a origem das desgraças do marido, e o orgulho fazia-lhe ter pejo de se ver unida para sempre a um homem que a familia tinha em conta de doido, e cuja timidez não ousava repellir o conceito, em que era tido acintemente por ella. Os pais d'elle aproveitaram os defeitos d'aquella mulher, incendiaram-nos, e um dia Clara abandonou o mari-

do, e fugiu para um convento de Braga, onde de ante-mão preparára entrada.

Aqui Luiz Vasques poz-se de novo a pé, trémulo de cólera e mal podendo soffrear os impetos da indignação.

— E Braz de Paiva, — exclamou momentos depois em voz convulsa — o infame em prol de quem se commettiam todos estes crimes, que provocava a desgraça do irmão, que a instigava, que o escarnecia, que o espancava... aquelle malvado foi quem tratou da entrada da cunhada no convento... quem a acompanhou a Braga... e ao passar o Cávado cahiu no rio... cahiu com o sobrinho nos braços, percebees, Camilla?... e a pobre creancinha de seis mezes, o filho do irmão mais velho, morreu afogado, e o malvado salvou-se a nado!...

De novo parou o nobre mancebo sufocado pela indignação. Esteve um pouco sem poder continuar, até que, sere-

nando, seguiu assim o fio da historia que estava referindo :

— Os pais correram então a dar parte ao filho mais velho do que havia acontecido, e zombaram do facto, e zombaram do doido. Ao saber da fugida da esposa e da morte do filhinho, Francisco cahiu por morto em terra. Levaram-no para o leito nupcial, agora só d'elle, e alli jazeu o triste, entre a vida e a morte, durante trinta dias. Quando se levantou, estava louco; ou melhor, levantou-se n'esse estado de espirito que pende entre a loucura e o idiotismo. Mudaram-se então as scenas. Até alli a familia fugia d'elle; agora fugia elle da familia, que tambem não procurava encontral-o. Não apparecia dias a fio em casa. Vagueava pelos arredores, entoando sempre canções funebres, e os cánticos dos mortos. D'aqui lhe veio a alcunha de *De profundis* em memoria do seu canto favorito.

Os lavradores ora fugiam d'elle, ora lhe davam por caridade o sustento. Tomava-o elle d'onde o encontrava; de cima de uma pedra, do subpedáneo de uma cruz de um adro, de junto de uma árvore, d'onde enfim lh'o iam pôr, segundo a direcção em que o sentiam vir aproximando. Por esses lugares tambem dormia, n'elles se acoutava, de verão e de inverno, chovesse ou fizesse sol. Os pais nem tratavam de saber d'elle. Estavam satisfeitos os desejos d'aquelles villãos. A obra estava completa. Francisco, o filho mais velho, era o *De profundis*; Braz, o mais novo, era o administrador do morgado...

—E o outro... o *De profundis*? Ha tanto tempo que se não sabe d'elle...

—balbuciou Camilla, commovida por aquella tristissima história,

—Desappareceu—replicou Luiz Vasques. —Ha seis mezes que o não vêem.

Os pais crêem que morreu, ou afogado n'algum dos poços do Cávado ou despenhado por ahi em algum barranco. Comtudo elle é vivo, e vive para quando a justiça de Deus ordenar que elle appareça.

A entoação da voz do moço era tão solemne ao proferir estas últimas palavras, que Camilla estremeceu. Estava affeita a ver n'elle apenas o companheiro da sua infancia, e n'aquelle momento reconhecia que elle era mais do que isso, mais do que o compartilhador dos seus innocentes folguedos e pensamentos; reconhecia enfim que era um homem sujeito a paixões violentas, como ella nunca pensára que existissem, e que podessem concitar alguém.

Luiz continuou então :

—Eu fui sempre muito amigo d'aquelle desventurado. Creio que já então presentia n'elle as desgraças, com que de

futuro havia de sympathisar. Imagina pois o desprezo e o ódio que me deve inspirar o miseravel que as causou, e com que espirito agoireiro devo considerar qualquer encontro com elle. Encontrei-o, como te disse hoje; foi a primeira pessoa que vi, e demais a mais fallou-me... E sabes o que me disse, Camilla? — acrescentou, fitando-a — Quando o avistei, desviei para o lado o cavallo, mas o villão atravessou o d'elle diante do meu. Cumprimentou-me civilmente, e depois disse-me com a mais aprimorada cortezia:

«— Snr. Luiz Vasques, tencionava procural-o, mas já que tenho a felicidade de o encontrar, peço-lhe licença para aqui mesmo lhe fazer uma pergunta, que entre velhos pareceria desasisada, mas que entre rapazes deve ser considerada e correspondida com franqueza.

«— Diga — balbuciei seccamente.

«—V. s.^a tem algumas tençoens a respeito da filha do sargento-mór de Villar?

—Ao ouvir estas palavras, senti vontade de lhe cruzar a cara com este chicote. Contive-me porém e respondi:

«—Com que direito se reputa o senhor para me fazer essa pergunta?

«—Perdão ; —replicou elle—eu não quero offendel-o, nem me arrego outro direito que não seja o de apellar para a franqueza, que deve existir entre dous moços. A minha pergunta significa até uma prova de consideração por v. s.^a Eu me explico. Gosto d'aquella menina, e aquelle casamento convem-me. Tenho-me apresentado como pretendente umas poucas de vezes, e de todas tenho sido repellido. Eu, snr. Luiz Vasques, persuado-me que nem a minha familia, nem a minha casa estão nas circumstancias de serem menospresadas pela

filha de um sargento-mór de Villar. Puz-me por isso a scismar na razão d'este menospreso, e lembrou-me... Perdão; em bem sei que a antiquissima nobreza da casa de Encourados repugna com tal união; a minha, com quanto me faça superior a um sargento-mór, tolera mais facilmente esta desigualdade; porque, como v. s.^a sabe, a nobreza da minha casa data de meu bisavô, que foi nobilitado por el-rei o senhor D. João v, que Deus haja, e que constituiu o morgado da Barca, o qual...

—Eu já estava de todo fóra de mim.

«—Snr. Braz de Paiva—exclamei pois interrompendo-o—poupe-me por favor á história da sua fidalguia villã. Em quanto á pergunta, que me fez, repito que lhe não reconheço direito algum para tamanho atrevimento; e da repugnancia de Camilla, se porventura tem sido repellido por ella, procure as ra-

zoens na infamia do procedimento, com que roubou o seu desgraçado irmão.

— Com isto voltei-lhe as costas, porque se o não fizesse, matava-o... tenho a certeza de que o matava. Estive quasi a acreditar-o — acrescentou o mancebo, balbuciando e como a fallar comsigo — e se o chegasse a acreditar, se chegasse a persuadir-me que elle tinha ousado... Matava-o — repetiu em voz surda, e batendo furioso com o pé na terra, onde tinha os olhos fitados com ferocidade.

Camilla tremia convulsivamente, e tinha os olhos arrasados de lagrimas, fitos no moço.

— Luiz, eu nada sei d'aquelle homem — balbuciou em voz trémula de medo e de angustia.

III

Despenhem-se primeiro estas montanhas,
E a meu corpo infeliz seu peso esmague:
Primeiro se confunda a natureza,
Que eu cesse de adorar tua belleza.

BOCAGE. Cancão IV.

Luiz Vasques passeou por alguns minutos, inteiramente fóra de si, em frente de Camilla, até que, vencida a violenta agitação que o commovia, parou, e foi sentar-se ao lado d'ella.

—O infame mentiu,—disse então sorrindo—mentiu como mente em todas as cousas, como mente á propria meza da communhão, quando toma o Senhor. Mas aquella mentira, minha Ca-

milla, —continuou em tom mais grave —foi um grito profundo de alarme que me despertou, advertindo-me de que é preciso que por fim nos definamos um para com o outro.

Callou-se de novo um momento; depois, tomando entre as suas uma das mãos da gentil menina, fitou-a, e disse em voz suave:

—Nunca te lembraste, Camilla, de consultar o coração a meu respeito? Nunca lhe perguntaste o que elle sentia por mim?

Assim dizendo, Luiz fitava a donzella com os olhos cheios de amor; e ella, com o rosto purpureado pelo pudor e resplandecente de felicidade, sorria enlevada na magia d'aquellas palavras dulcissimas, que ouvia pela primeira vez, e que ouvia sahidas dos labios do homem, que amava desde menina.

—Olha, minha Camilla adorada, —

continuou o moço—é preciso que d'aqui por diante nos conheçamos bem um ao outro. Até hoje não nos temos considerado mais do que irmãos. Mas a nossa infancia acabou, Camilla; e talvez que ella durasse mais do que devia durar. Ha mais tempo que eu te devia ter dito o verdadeiro nome do sentimento que me prende a ti, e ha mais tempo tambem que devia ter pedido a nossos paes, que sancionassem com o seu consentimento a união de duas almas, que elles proprios uniram indossolavelmente desde a infancia. E' imprudente protrahir por mais tempo este passo; mas para o dar é preciso que te consulte primeiro. Eu amo-te,—acrescentou, cobrindo-lhe de beijos as mãos pequeninas—amo-te, não como irmã, mas como a escolhida pelo meu coração para companheira da minha peregrinação n'este mundo. E tu, Camilla, e tu? Não vês em mim senão

um irmão? O coração nunca te segredou a meu respeito outro sentimento, outro nome... um nome que te fizesse subir ao rosto o pudor da tua innocencia infantil? Responde, minha Camilla, — continuou, deixando-se escorregar de joelhos para diante da donzella, cujo rosto irradiava a felicidade suprema, e cujo seio arfava aos impetos do definir d'aquelle sentimento até alli mal avaliado por ella — responde, diz o que sentes por mim, sem te obrigares por consideração de qualidade alguma. Eu amo-te, Camilla, mas se o teu coração se não declarar a meu favor, se te não sentires para mim mais do que irmã, resignar-me-ei, porque nunca tentarei chegar á felicidade, passando por cima de sacrificio que te seja penoso. Responde, pois; o amor, que me tens, reduz-se apenas á casta affeição fraternal, ou vai mais lon-

ge, toca o céu mais de perto . . . é o amor da amante e da esposa?

Luiz parou, e ficou com os olhos cheios de anciedade fitados nos da linda menina. A ella o amor e a alegria agitavam-na, arfavam-lhe irregularmente o seio, e suffocavam-na a ponto que se aquelle excesso de felicidade, aquella angustia de prazer — deixem-me dizer assim — durasse muito tempo, Camilla morreria. Por fim escondeu o rosto nacarado no seio do amante, circulou-lhe o pescoço com os braços, e balbuciou :

— Amo-te . . . amo-te, meu Luiz adorado.

— E Deus abençoará a vossa união, meus queridos filhos, e ella fará a felicidade da minha velhice — disse então junto d'elles uma voz meiga, que tremia commovida pela alegria.

Luiz Vasques ergueu-se de um pulo,

e Camilla soltou um pequeno grito, e cobriu o rosto com as mãos.

Junto d'elles estava D. Luiza de Aboim, que entrára no cerrado havia minutos, e que se aproximára d'elles sem que a sentissem, embebidos como estavam n'aquella conversação arrebatadora.

—O' minha mãe, minha boa mãe, minha santa mãe!— exclamou Luiz Vasques, tomando-lhe as mãos com ardor e cobrindo-lh'as de beijos.

Camilla lançou-se nos braços de D. Luiza, escondeu o rosto no seio d'ella, e, com ella abraçada, despeitorou alli a felicidade em lagrimas e soluços.

D. Luiza, por cujas faces corriam lagrimas deliciosas, fez levantar o filho, levou-o com Camilla para o banco de pedra, e n'elle se sentou no meio d'elles.

—Ouvi tudo, meus filhos;—disse

então—e approvo e abenço o vosso casto amor. Este casamento será a coroa da minha felicidade n'este mundo. Que eu o veja, e que depois o senhor me leve para si, quando for do seu agrado. Mas para que elle se realise, é preciso prudencia, Luiz, é preciso resignação, Camilla.

Os dous fitaram-na com olhar admirado.

—Cumpre não dissimular a verdade, meus filhos. O vosso amor, que é santo e agradavel aos olhos de Deus, que é abençoado pelas lagrimas da alegria de tua mãe, Luiz, é impossivel aos olhos do mundo. Tu, Luiz, és herdeiro e representante de uma familia illustrissima, cuja fidalguia data de muitos seculos; e tu, Camilla, és filha de um simples lavrador, que não tem por si outra cousa mais que uma patente de capitão do exercito, uns poucos de mil cruzados e

um officio subalterno n'um couto de frades. Aos olhos do teu amor, Luiz, tudo isto é nada; aos olhos da tua innocencia e da tua santa affeição, minha filha, nunca taes visoens se antolharam... não é assim? Comtudo o mundo está ahi entre vós, e separa-vos por motivos que vós nem mesmo sonhaes...

—E que me importa a mim o mundo, minha mãe?— exclamou arrebatadamente o moço, carregando as sobrance-lhas.

—Quererás tu ser mau filho, Luiz Vasques? Quererás que teu pai morra amaldiçoando-te?— replicou D. Luiza sollemnemente.

O moço estremeceu diante d'estas palavras, e D. Luiza acrescentou:

—Teu pai é bom... mas teu pai pensa como o mundo, Luiz.

O rosto do moço irradiou de repente profunda tristeza e bem pronunciado

desgosto. Camilla escondeu, a chorar, o rosto no seio de D. Luiza.

—Mas não desanimeis, meus filhos —acudiu esta ao vel-os assim—sereis um do outro, que o desejo, que o quero eu, e que o merece o vosso amor tão puro e tão do coração. Mas para isso é que é preciso ter prudencia e resignação por algum tempo. Se a não tiverdes, acordareis o orgulho de teu pai, Luiz, e os brios do teu, Camilla. Podeis casar contra vontade d'elles, mas—e aqui D. Luiza abaixou melancólicamente a voz —os casamentos, que os pais não abençoam, têm bodas tristissimas. Eu casei contra a vontade de meu pai. Entre a minha familia e a de meu marido havia antiquissimo feudo. Nossos paes odiavam-se sem saberem pelo que... e eu e teu pai, Luiz amamos-nos. Elles queriam que nós sacrificassemos o nosso amor áquelle ódio sem causa, e nós ca-

samos-nos apesar d'elle. O casamento é para a mulher, que ama, o ponto culminante da felicidade. O meu tinha todos os requesitos necessarios para o ser. E comtudo o dia da minha boda foi de muitas lagrimas para mim e de muitas tristezas para o meu Vasco. Nada nos faltava para sermos felizes; possuamos tudo, excepto a benção de nossos paes. Deus não quiz levar mais longe o castigo da nossa desobediencia. Contentou-se com nos fazer triste o dia que para todos é de suprema alegria. Eu não tive dia d'noivado.

D. Luiza interrompeu-se para limpar as lagrimas, e depois continuou:

—Prometto-vos que haveis de ser um do outro, e que no dia da vossa boda não vos faltará a benção de vossos paes. Mas para isso cumpre que vos entregueis inteiramente á minha direcção. Luiz, promettes-me que occultarás a teu pai o teu

amor por Camilla, até o dia em que eu te mandar que lh'o descubras?

—O' minha mãe, entrego-lhe toda a minha felicidade—exclamou o moço, cobrindo de beijos as mãos de D. Luiza.

—De ti, minha filha—continuou esta—de ti nada receio, minha Camilla. Sei de quanto as mulheres são capazes quando amam, e demais tu és a filha da minha criação. Deixai-me o cuidado da vossa felicidade. A empreza, assim mesmo, é mais facil do que vos parece... Mas quem anda aqui?

D. Luiza interrompeu-se com estas últimas palavras, porque sentiu remexer por traz da parede dos cedros junto da qual estavam sentados. Luiz ergueu-se rapidamente, e correu para a porta do bosque; mas, ao embocal-a, estacou, porque topou pela frente com um homem de figura singular, que a ella assomava então.

Era magro, alto e de fôrmas bem torneadas e possantes de força nervosa. Os cabellos da cabeça, que trazia compridos e emmaranhados, eram côr de azeviche, variegada por muitas brancas, cuja precocidade era attestada pela juventude, que lhe irradiava do rosto. Era este comprido, ossudo e colorido nas faces pelo rosado desbotado, que sobresahe sobre o pallor natural dos éthicos. Trazia a barba inteira e descurada. A fronte era alta e espaçosa, o nariz e a bocca graciosos, e os olhos esbugalhados de tal fôrma que as córneas se destacavam completamente no meio da brancura da sclerótica. Vinha em mangas de camisa, da qual trazia desapertado o collarinho e todo o peitilho; e por cima vestia um collete velho e esfarrapado. Cobria as pernas até os joelhos com uns calçoens tambem velhos e rotos; d'ahi para baixo trazia-as nuas, e os pés mettidos n'uns sapatos esburaca-

dos. Vinha com a cabeça descoberta, e na mão não trazia cousa com que indicasse estar habituado a cobril-a.

Este homem assomou á porta do cerrado com um sorriso parvo nos labios, a cabeça acanhadamente contrahida sobre o lado direito, e o corpo entortado para o mesmo lado.

Ao estacar diante d'elle, Luiz Vasques empallideceu.

— *De profundis clamavi ad te, domine* — entoou o recém-vindo em cantochão de defuntos, e estendendo ao mesmo tempo para Luiz a mão direita, secca, comprida e descarnada, com a qual sacudia a compasso uma tira de papel.

— Tu aqui, *De profundis!* — exclamou Luiz Vasques — Foi elle que te mandou?

— *Requiem eternum dona eis, domine* — respondeu *De profundis* no mesmo tom. E entregou-lhe a tira de papel.

Luiz relanceou os olhos por ella. Ape-

nas alli se viam escriptos estes dous versos de Camoens:

Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu rei forem contrarios.

Ao ler estas palavras, o rosto do moço tornou-se momentâneamente cuidadoso e melancólico.

— Muito bem, *De profundis*, agora pódes partir. Diz-lhe que não faltarei. D'aqui a meia hora lá estou — disse por fim Luiz Vasques, acenando com a mão ao doido, como para o despedir.

De profundis não se mexeu. Fitou-o a sorrir com um sorriso alvar e coçando estúpidamente na cabeça.

— Aguenta, choupêlo! — exclamou por fim, misturando, segundo costumava, a linguagem do vulgacho das aldeias do Minho com a fallada pelas pessoas mais gradas e de mais alta posição —

Aguenta! Canté isso queres ser feliz? Bumba! Ouvi tudo... ouvi tudo... ouvi tudo... Parvo! A ventura n'este mundo não é senão para os marotos... e tu não és maroto, Luiz Vasques. A ventura... a ventura... a ventura... *Requiem eternum dona eis, domine.*

Interrompeu-se aqui de repente; e depois, a sorrir parvoamente, a coçar na cabeça, e torto e cambado para a direita, dirigiu-se acanhadamente e quasi que em bicos de pés para onde estava Camilla. Chegado diante d'ella, fitou-a um momento; depois poz-se a fazer mezuras profundissimas, e disse por fim:

—Minha senhora... minha senhora... A-dei como é guapa! Minha senhora... minha senhora, muitos parabens, muitos parabens. Desejo-lhe muitos annos bôz, e muita felicidade... Felicidade!—repetiu, estacando de repente e endireitando-se—felicidade!..

De profundis clamavi... Requiem eternum... requiem eternum...

A estas palavras deu de repente uma volta sobre si mesmo, e sahiu pela porta do cerrado fóra, entoando em cantochão funerário o *De profundis clamavi*.

— Eil-o ahi vai, Camilla; ahi tens o desgraçado — disse Luiz Vasques, seguindo-o com olhar melancólico e carregado.

As duas senhoras, vivamente abaladas pela figura, pelos gestos e ainda mais pelo canto fúnebre do idiota, olhavam com vago terror para o bilhete que Luiz ainda conservava na mão. Este, depois de um momento de íntima concentração, em que o espírito lhe vagueou tristemente pelas desgraças do pobre *De profundis*, relanceou casualmente o papel, pareceu acordar para a realidade, e dirigiu-se á mãe, a quem disse em voz,

onde toava ainda a impressão por que passára:

— Preciso de deixal-a já, minha mãe. Eu bem te disse que o dia me tinha principiado agoirento, Camilla. Vês tu? Hoje que eu devia pertencer todo á minha familia, é que me vejo obrigado a separar-me d'ella, e talvez por todo o dia. Paciencia! — continuou, forçando um sorriso — desculpe-me para com meu pai, minha querida mãe. Elle ha-de agoniar-se, mas emfim, que lhe hei-de fazer? — a honra manda-me que parta...

— E aonde vaes tu, filho? — disse D. Luiza, aferrando-o machinalmente e deixando sentir na voz o vago receio que d'ella se apoderára.

— Onde vou, querida mãe? — respondeu o moço, sorrindo e cobrindo-lhe de beijos a mão que o retinha — vou por esse mundo fóra, mas perto...

— Oh! não o deixe partir... não o

deixe partir! — balbuciou Camilla, quasi desmaiada de terror e agarrando-se com força ao braço de D. Luiza.

Os terrores vagos, que esta sentia, augmentaram-se então ainda mais.

— Tu não sahes d'aqui, filho, tu não sahes d'aqui — balbuciou, prendendo-lhe cada vez mais o braço.

— E' impossivel deixar de o fazer, minha mãe; — replicou Luiz, sentando-se a par d'ella — mas não tenha receio. Afianço-lhe que me não ameaça perigo de qualidade alguma...

— Mas aquelle homem funesto... aquelle homem agoirento...

O pobre *De profundis!* Triste rapaz! Se soubesse a affeição que elle me tem!.. E' capaz de se deixar matar por minha causa. Demais, n'este negocio, elle não intervem por outra cousa mais senão como portador de um recado. E a pessoa que m'o manda, minha querida mãe, pre-

sa-me tanto... tanto, que estou em dizer que nem a meus pais nem á minha Camilla consentiria que diante d'elle dissessem que me têm maior amisade. Soceguem; dou-lhes a minha palavra de honra, que não corro nem se quer sombra de perigo no logar para onde vou. E' possivel que eu volte em poucas horas, que volte mesmo antes do jantar. Vamos, soceguem, e não imaginem nuncio de maus agouros o meu pobre *De profundis*. Aquella desgraca é muito respeitavel; recebe-se com lágrimas e não com prejuizos que ainda a fazem magoar mais.

E, desprendendo-se então da mão com que a mãe o aferrára, beijou esta na face e Camilla na fronte, e acrescentou, sorrindo e fugindo como a brincar:

—Não tenham medo. Adeus... até logo, até logo.

E abanando-lhes affectuosamente

com a mão, desappareceu pela porta, por onde o louco tinha sahido ha pouco.

Ao vel-o desapparecer, Camilla deixou-se cahir a soluçar para o peito de D. Luiza.

—Filha!... filha!—exclamou esta cheia de terror.

—Oh! Luiz vai morrer... vai morrer!—balbuciou a pobre menina entre soluços.

—Que dizes, filha?—exclamou D. Luiza, pondo-se de pé.

Camilla fez então um esforço supremo, e contou-lhe o que Luiz Vasques lhe dissera ácerca do seu encontro com Braz de Paiva.

—Oh! minha mãe, — acrescentou — eu não tenho querido dizer nada a Luiz, tenho tido medo do génio d'elle... Mas o que aquelle homem lhe disse, é verdade. Tem-se dirigido a mim por differentes vezes... por escripto sempre, e sem-

pre a ameaçar-me com a morte de meu pai... com a morte de Luiz... e com vinganças que ha-de tirar se eu não quizer casar com elle. Oh! Luiz vai morrer... Luiz vai ser victima do ódio d'aquelle homem!—acrescentou, soltando aqui um grito doloroso e apertando as mãos com afflicção.

D. Luiza correu espavorida para a porta, por onde o filho tinha sahido. Mas de repente parou, pensou um momento, e depois voltou para junto de Camilla, com o rosto sereno e magestoso de toda a energia das almas verdadeiramente fidalgas.

— Louquinha! — disse então, beijando Camilla na face — E o caso é que tambem me puzeste medo! Receiar eu por Luiz! Meu filho é muito fidalgo para que um villão se atreva a levantar os olhos para elle; e a casa de Encourados nunca produziu covardes. Depois não ouvis-

te que nos deu palavra de honra que não ia correr perigo algum? O nosso Luiz nunca mentiu. Vamos embora, Camilla... Devéras, semelhante disparate na minha idade!.. Anda, vamos para casa, que já são horas de ir para a egreja. Teu pai já deve tambem ter chegado. Anda, vamos.

Camilla cobrou ánimo, e sahiu com D. Luiza para fóra do cerrado do lago. As duas senhoras tomaram por uma avenida que ia dar ao vasto terreiro que havia na frente do palacio. Ao entrar para dentro d'elle, ouviram o tropear de uma cavalgadura, que entrava choutando para dentro do portão, que estava aberto de par em par n'esse dia.

Voltaram-se. Era o sargento-mór de Villar bifurcado sobre a pavorosa aban-tasma da albarda.

—Viva Encourados, e morram os francezes!—bradou elle, agitando em

todas as direcçoens o seu gigante chapéu de dous bicos.

Depois, sem aguardar pelo criado, que, ao reconhecê-lo, sahira apressado a segurar-lhe o estribo, atirou comsigo da égua abaixo, e correu todo berros e risos para as duas senhoras, que o esperavam uma como filha predilecta e mimada e a outra como dona de uma casa, onde elle era affectuosamente estimado.



IV

Via que o seu aspecto uma vontade
E uma vontade firme, promettia.

CORTE REAL. *Nauf. de Sepulveda*. Canto XII.

Luiz Vasques, depois que deixou Camilla e D. Luiza, sahiu para fóra dos muros da quinta, e encaminhou-se para o alto do monte. Depois de andar quasi um quarto de hora, chegou por fim á magnifica e graciosa planura, que serve de corôa áquelle braço gigante das serranias do Gerez.

Eu já fallei da amenidade e da frescura do sitio, e do esplêndido e magestoso panorama, que se desenrola diante

dos olhos de quem sobe até ao cimo d'aquella elevadissima montanha. Grandioso é devéras o quadro, e grandiosos tambem os pensamentos que se incendiam na cabeça de quem respira aquelle ar, n'aquella grande altura sobre a pequenez das miserias humanas, como suspenso entre a terra e o céu em cima de immenso pedestal de granito, sobre o qual a faísca ethérea que anima o homem parece querer desprender-se da materia e subir ás sublimes regioens de que dimana. E para que nada faltasse á grandeza d'aquelle lugar, ergue-se lá, para mais de metade da vasta planura, espesso e cerrado bosque de pinheiros, faias e carvalhos, que se estende, a norte, até meio dorso da montanha, e por entre as primeiras árvores do qual avultavam n'aquella epoca as ruínas denegridas e magestosas de sumptuosa e antiquissima ermida.

Aquellas ruínas tinham uma historia veneranda e poética. O fundador d'aquella ermida fôra primeiro um cavalleiro e depois um santo. Era descendente da nobre e antiquissima casa dos condes de Urgel, na Catalunha, e deu no mundo grande brado de si. Mas por fim, ulcerado nos affectos mais intimos e desengannado da inanidade das cousas humanas, trocou a armadura de cavalleiro pela esclavina de peregrino, atravessou a Espanha, entrou em Portugal, e parou alli n'aquelle monte, onde o que fôra grande e poderoso senhor viveu muitos annos de vida humilde e penitente, e morreu finalmente com o nome de Joanne, o pobre. ¹

Luiz Vasques, depois de resfolegar do cansaço de tão ingreme subida, encaminhou-se para as ruínas, e, penetrando alguns passos no bosque, achou-se em-

1 Vid. nota vii.

fim na pequena clareira, que em frente d'ellas se abria. O portal da ermida estava vedado por uma forte e mal acabada porta de castanho, que pela parte de dentro se segurava com alentado ferrolho. Ao lado do portal havia um pequeno tanque, naturalmente cavado n'uma pedra e continuamente cheio por limpidissima veia de água, que descia saltando por entre as fragas lá do alto de uns poucos de penedos amontoados, que são o verdadeiro ponto culminante da montanha. Lá em cima aquella água repuxava por entre as fisgas da penedia em enormes borbulhoens, impellidos com tal força que a tanta altura não podia deixar de considerar-se ou effeito de um milagre ou de antiquissimas casualidades vulcanicas. O povo acreditava na primeira causa, e dizia que Deus a fizera brotar para recreio e consolação do seu servo Joanne, no tempo em que alli vivia.

Luiz Vasques tomou farta golfada d'aquella água, e depois aproximou-se da porta da ermida, e poz-se a espreitar pelas fendas para dentro.

A scena, que lá se representava, era digna do pincel de Ticiáno ou do scopro de Miguel Angelo.

Ali, no meio das paredes seculares d'aquella pequena capella e debaixo d'aquella abóbada esburacada, cujas pedras ameaçavam mergulhar de um só golpe para dentro, estava um homem sentado sobre uma pedra, em frente de uma tosca meza formada por dous cantos derribados da abóbada, pousados sobre um montão de pedras soltas.

A figura d'aquelle homem era nobilissima, era o protótypo do que a arte antiga sabia imitar, era um modêlo dos typos hoíméricos. Tinha a estatura magestosa, e era espadaúdo e reforçado de membros, e de fórmias modeladas com

donaire varonil. Tinha a fronte alta e escavada, os olhos grandes, vivos e brilhantes da luz severa que reflecte a serenidade e a sublime coragem das grandes almas. Trazia curtos os cabellos da cabeça, que já eram encanecidos, e a barba, em que já também se avantajavam as brancas, usava-a inteira e comprida, mas não de fórma que nem ao de leve lhe affrontasse o peito. O vestuário realçava-lhe o aspecto venerando. Estava com a cabeça descoberta, e tinha vestida uma comprida e grossa japona, por baixo da qual se lhe via um collete de pelle enchumado. As calças eram de anta, e pouco abaixo do joelho mergulhavam n'umas botas grossas, em cujos calcanhares reluziam duas fortes esporas de prata. Cingia-se com um cinto de couro amarello apertado n'uma fivela de latão. No cinto tinha mettido um par de pistolas, e em cima da meza estava uma com-

prida espada desembainhada. Este homem lia com profunda attenção n'um livro que tinha aberto diante de si, e que arredava dos olhos a todo o comprimento dos braços, que se apoiavam estendidos sobre a tosca meza de pedra.

Luiz Vasques poz-se a contemplar aquella scena. Assim enlevado, nem mesmo se mexia; mas apesar d'isso, minutos apenas passados, o homem voltou o rosto, fitou o ouvido, curvou-se, e affirmou-se mais. O hábito da solidão tinha-lhe apurado aquelle sentido até á perfeição, de que são dotados alguns animaes selvagens, que até as brizas distinguem a distância. Depois de escutar um momento, o homem da ermida fechou o livro, metteu-o com cuidado no bolso da japonsa, depois dirigiu-se dous passos para a porta, e disse em voz rija e desassombrada:

— Quem está ahi?

Luiz não respondeu, embebido como estava na contemplação d'aquella figura magestosa, que, erguida no meio d'aquellas ruínas, affigurava homem de outras éras, resuscitado no meio de um edificio que a ellas pertencia. Então o homem empunhou uma das pistolas, engatilhou-a, e depois de lhe examinar cuidadosamente a escorva, bradou de novo, encaminhando-se á porta:

— Quem está ahi?

— Sou eu, meu tio, sou eu — respondeu Luiz Vasques, acordado pelo instincto da conservação.

— Ah! és tu, sobrinho — replicou o outro, que era, como o leitor bem póde vêr, Fernão Silvestre de Encourados, o amigo e compadre do sargento-mór de Villar.

Depois metteu a pistola no cinto, e correu o ferrolho da porta.

— Porque não respondeste logo, so-

brinho?—disse em tom de branda reprehensão— Bem sabes que o jacobino refugiado e atalaiado por inimigos mortaes não abre sem saber a quem.

—Perdoe, tio; — respondeu Luiz Vasques — mas é que me esqueci a contemplal-o aqui, no meio d'estas ruinas, onde se me affigurava estar vendo um dos antigos heroes da nossa familia, um dos ricos-homens que em outros tempos sahiam da torre de Encourados á frente de muitas centenas de homens de armas.

Fernão Silvestre encolheu os hombros, sorrindo, e foi com o sobrinho sentar-se na pedra, d'onde ha pouco se levantára.

— Foi de propria lembrança que vies-te, ou porque *De profundis* te deu o meu recado? — disse por fim.

— Foi por causa d'elle que vim, meu tio. Recebi o signal. Chegou porventura o tempo dos grandes trabalhos?

Fernão Silvestre abanou a cabeça, e com os olhos fitos em Luiz, declamou machinalmente a meia voz :

Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu rei forem contrarios.

Ficou então por uns poucos de minutos com os olhos fitos no moço, depois disse, pousando-lhe a mão no hombro :

—Sobrinho, sentes-te já homem?

Luiz Vasques estremeceu, e fitou-o com olhar surprehendido.

—Sentes-te capaz—continuou Fernão Silvestre—de não desauthorisar por teus feitos o nome de teus avós?

As faces do mancebo purpureáram-se de repente, e os sobr'olhos carregaram-se-lhe resentidos.

—Meu tio,—respondeu gravemente—aos vinte e cinco annos nenhum homem póde negar a si mesmo que é ho-

mem; e parece-me que o meu passado não envergonha aquelles que usam o nome a que tenho direito.

— Não, por Deus! — exclamou com orgulho o velho cavalleiro, sacudindo rudemente o sobrinho pelo hombro — Não, por minha honra! Tu serás a glória da linhagem de Encourados, por isso é que vélo por ti.

E depois de o contemplar um momento com as feições radiosas de ufanía e de satisfação, continuou com mais fogo:

— Sobrinho, chegou emfim o momento em que todo o portuguez, que cruzar os braços e proferir a ociosidade e o descanso a armar-se em favor da patria, é um covarde e um traidor.

Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança: —

—exclamou, batendo com a mão no lado, onde tinha mettido o livro. — A's armas, Luiz Vasques de Encourados; ás armas, descendente de um nome illustre! Portugal está em perigo de perder-se; a pátria chama ás armas todos os seus filhos. A's armas! que é chegada a occasião em que todo o portuguez brioso, e sobretudo aquelles que têm a honra de um grande nome a seu cargo, devem correr ás armas para salvaguardar a independencia da pátria contra os perigos que lhe estão imminentes.

—Não o percebo, meu tio...

—Ha tres noites que se apagaram de todo os fachos dos píncaros de Barroso, e ha tres noites tambem que as montanhas de nordeste scintillam continuamente com fogachos que rapidamente se succedem uns aos outros. Sabes o que isto significa, sobrinho?

Luiz Vasques fitou-o sem responder.

— Significa — continuou o velho cavalleiro — que os francezes avançam para Traz-os-montes pelas alturas, e que, a estas horas, os soldados do corso maldito já nos pizam talvez o sólo da pátria.

— Mas os inglezes?.. Mas Francisco da Silveira? — balbuciou Luiz Vazques, fitando-o com espanto.

Fernão Silvestre cravou, por um momento, os olhos n'elle sem responder.

— Sobrinho, — disse por fim — cumpre que saibas a verdade. Inglezes, Silveira e o marquez de la Romana são puros feros e espalhafatos banaes, que teem servido até hoje para alentar a crédula confiança do povo. Mas agora, diante do perigo, reduzem-se ao que valem verdadeiramente; a nada, a fumo que enturva a atmospherá em tempo sereno, mas que se dissipa e desaparece ao mais leve sopro da nortada. O exercito francez não se faz parar com palavras

nem com bravatas; para o combater é preciso um exercito, e um exercito de soldados aguerridos e disciplinados. A invasão é irremediavel, porque não ha com que lhe resistir. Soult pizará como conquistador a terra portugueza, e chegará até onde Deus permittir que elle chegue. A unica vez que esses imbecis governadores do reino fallaram verdade á nação, foi quando francamente o confessaram. ¹ E como o não confessariam — bradou aqui, batendo rijamente o pé no chão — como haviam de poder dizer o contrario, se a consciencia lhes está continuamente clamando que é á inépcia e á covardia d'elles que a facilidade d'esta invasão é devida?

Assim dizendo, Fernão Silvestre er-

1 Na proclamação de 21 de janeiro de 1809, publicada na «Gazeta de Lisboa» de 28 de janeiro, n.º 4. Supplemto extraordinario.

gheu-se e poz-se a passear agitadamente a todo o comprimento da capella. De repente parou, exclamando :

— Oh ! que tempos, que tempos !..
Que tempos e que homens ! Onde está o Portugal que conquistou a India e a Africa ? Em que degeneraram esses homens heroicos que eram, ainda ha dous séculos, a glória e o espanto da Europa ? O que são os descendentes d'elles ? O que são... o que são... o que são ? Vergonha e infamia ! Como tudo está mudado !.. Então o patriotismo era uma religião, o amor da glória a inspiração de todos os portuguezes... Do rei até o lavrador tudo era soldado... Mas hoje... hoje... Dizes bem, dizes bem, grande poeta ; a verdade está nas tuas palavras ; dizes bem :

Um fraco rei faz fraca a forte gente.

—exclamou n'um brado temeroso, batendo enfurecido o pé na terra.

Depois callou-se, e poz-se de novo a passear agitado.

O entusiasmo de Fernão Silvestre tinha-se communicado ao sobrinho. A figura magestosa e veneranda d'aquelle homem, e a grandiosa solidão do lugar, onde se representava esta scenã, produziram n'aquelle moço, cheio de vida e sublime pela nobreza dos sentimentos, a impressão que necessariamente deviam produzir. Luiz Vasques sentia galopar o sangue nas artérias, que pareciam querer arrebentar; o corpo endireitára-se-lhe com o vigor da commoção, e os olhos, fitos no tio, brilhavam-lhe com o fogo das aspirações sublimes.

— Meu tio, — disse então, não podendo soffrer por mais tempo o silencio — pois estaremos assim indefezos? Pois tão baixo terão descido os brios portu-

guezes, que os invasores não encontrem diante de si um só homem que lhes dispute a independencia da pátria?

Depois, forcejando por acalmar-se, continuou mais friamente :

— Parece-me, tio, que as cousas não chegaram ainda ao ponto de desesperar totalmente. Os inglezes occupam a Galiza, apoiados no exercito espanhol que commanda o marquez de la Romana. As nossas fronteiras do Minho estão guardadas pelas tropas de Bernardim Freire; e em Traz-os-montes Silveira está á testa de uma divisão sufficiente para, auxiliada pelo patriotismo dos povos, repellir qualquer tentativa de invasão. Com estes meios de defeza é porventura provavel que o pequeno, e, como dizem, desalentado exercito de Soult entre em Portugal a seu salvo? Demais a nação está em pé com um só homem, como um só soldado. O ódio aos francezes é a

palavra de alarme em toda a parte. A este grito, Portugal, de norte a sul, levanta-se armado. Quando as nações chegam a estes pontos de enthusiasmo, não se conquistam.

Fernão Silvestre tinha parado para o escutar. Quando Luiz Vasques acabou de fallar, o velho soldado fitou-o, sorrindo e abanando lentamente a cabeça.

— Conquistam-se, sobrinho; — disse por fim — o que acontece quasi sempre, e que quererá Deus que aconteça connosco, é que estas conquistas não se podem conservar muito tempo. Desengana-te, Luiz Vasques, a invasão é irresistivel. Todas essas grandes forças, que tens ouvido apregoar, são apenas o que tantas vezes te tenho dito; são puras atoardas banaes, fanfarrices desasisadas, com que esses imbecis governadores do reino têm querido adular o enthusiasmo e os receios da nação, e cegar a pro-

pria inépcia e incapacidade. Depois do dia 20 de janeiro—continuou, pousando a mão no hombro de Luiz Vasques — depois da batalha da Corunha e da morte de sir John Moore, o unico verdadeiro general que a Inglaterra tinha para oppor aos generaes de Bonaparte, o exercito inglez desapareceu. Soult esmagou-o, esmagou-o litteralmente; e Hope, que succedeu no commando áquelle glorioso soldado, não podia refazer-se de tamanho desastre, ainda que tivesse o tino e a energia de que era dotado o seu antecessor. Os espanhoes e La Romana! Como, sobrinho! Pois tão longe estarás da verdade que não saibas que aquillo é uma guerrilhagem infame e covarde, incapaz de resistir dous minutos a qualquer dos aguerridos regimentos do corso? Não vês como La Romana se sente obrigado a retirar diante do general francez, a ponto de vir esbarrar nas nossas fron-

teiras, fugindo sem ver a cara ao inimigo, e não parando nem mesmo diante das injurias com que Silveira o pretende demover a arriscar uma acção decisiva? De que serve uma gente assim? E Silveira?—que commanda Silveira? Uma horda de populaça armada de chuços e de espingardas de caça, e meia dúzia de soldados indisciplinados, que morrerão até o ultimo no ponto que uma vez occuparem, mas com quem se não póde contar para cousa alguma, porque só obedecem, quando querem. Brios! Os nossos brios!—continuou com mais fogo—Quem nega que o espirito da independencia concite a nação? que os brios portuguezes inspirem a resistencia a todo o transe? Mas que importa isso? Que importa o patriotismo, que combate com chuços e com fouces, indisciplinado e em anarchia? As batalhas não se pelejam com enthusiasmos, pelejam-se com soldados ;

aos exércitos não se resiste com população armada em arruaça, resiste-se com exércitos que obedeçam á voz de chefes enérgicos e intelligentes. Os brios nacionaes, por maiores que sejam, não são por si só sufficientes para levantar de repente soldados. Levantam voluntários em chusma; mas só a fileira é que faz o soldado.

A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Mas vendo, tratando e pelejando—

—como diz o meu velho Camões, aquelle grande mestre de amor da patria e de amor da glória.

Fernão Silvestre callou-se de repente; sentou-se, pousou os cotovellos sobre os joelhos, mergulhou a cabeça entre as mãos e assim ficou alguns minutos

sem dar palavra. Luiz Vasques não despregava os olhos d'elle, mas não se atrevia a romper o silencio.

— Sobrinho — disse por fim o velho cavalleiro — a invasão é irremediavel... é irremediavel. Nem soldados, nem generaes! Ha sete mezes que Junot sahiu de Portugal, ha sete mezes que o general Dalrymple deshonorou a Inglaterra, e inutilisou com a infame capitulação de Cintra o sangue derramado na Rolissa e no Vimeiro. Bonaparte tem-nos dado todo este tempo de descanso, todo este tempo de folga. Em sete mezes arma-se e disciplina-se uma nação de cem milhoens de habitantes. Como é que esses imbecis governadores do reino os aproveitaram para se prevenir contra a vingança do corso? Que fizeram? Nada... nada... nada...

E Fernão Silvestre, sem mudar de posição, ficou alguns minutos callado,

com os olhos alheadamente fitos no sobrinho.

— Nem soldados, nem generaes! — disse por fim, como seguindo o fio da ideia que até ali se lhe fôra desenvolvendo mentalmente — Nem soldados, nem generaes! Esses patriotas governadores, que prenderam o Mariz, quizeram enforçar Luiz Candido, e concitaram a plebe, appellidando de jacobinos os que não queriam os bispos para generaes, nem para governadores da nação os ineptos, que gastavam em decretar banalidades despóticas o tempo que devia ser aproveitado em armar e fortificar o reino — esses miseraveis entregaram-nos assim, armados em arruaça, sem sermos capazes de nos defendermos, nas mãos do mais habil general de Bonaparte. Que têm elles para fazer frente ao marechal Soult e aos soldados aguerridos do Marengo? A plebe em anarchia, as orde-

nanças de chuços e de piques, e generaes que ignoram a arte da guerra!

Olhai se estaes seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

— como diz o poeta. E são, são; elles mesmos são os nossos próprios inimigos; não voluntários, não de coração, mas pela inépcia, pela ignorancia, pela falta de predicaos precisos para salvar a nação. Pobre Portugal!

Assim dizendo, Fernão Silvestre tornou a mergulhar a cabeça entre as mãos, e a alhear-se em silenciosa abstracção.

Passaram minutos: no fim d'elles, Luiz Vasques disse, como a medo de romper aquelle silencio:

— Apesar de tudo, meu tio, é contra essas proprias ordenanças, contra essa populaça armada de chuços e contra um d'esses generaes, contra Bernardim Freire, que os francezes, commandados por

Thomier, têm esbarrado já por duas vezes, tentando atravessar o rio Minho.

Fernão Silvestre voltou a cabeça, e fitou-o.

— Pois acreditas, sobrinho, que n'essas tentativas hajam vislumbres de seriedade? Pois imaginas que Soult, se quizesse sacrificar soldados, já não estava áquem do Minho? Acredita, Luiz Vasques; com esses ataques frouxos e repetidos e com essas desfeitas que tem sofrido o general Thomier em Camarido e em Villa Nova de Cerveira, o francez pretende de certo mascarar algum movimento strategico, que lhe abra as fronteiras de Portugal sem perda de gente. Soult, repito-o, é o melhor táctico que a França possui. Como tal, já deve de certo conhecer o que vale Bernardim Freire. Este — pobre homem! — é um soldado valente, um soldado arrojado e impávido. Mas general!... Vê até que ponto se il-

ludiu com a defeza ridícula que deixou a guarnecer a margem do Minho ! Julgou-a tão segura que recolheu a Braga com tanta confiança, como se entre elle e os francezes estivesse a muralha da China ! Pobre homem ! Soult, que o conhece, apparenta, com ataques simulados, querer atravessar o Minho, e chamando-lhe toda a attenção para ali, faz com que elle não veja apagados os fachos da serra de Barroso, illude-o a ponto de desconhecer que é por muito distante das margens do Minho que os francezes pretendem invadir Portugal ! Que soldados e que generaes !

Fernão Silvestre tornou a callar-se, pousando de novo os cotovellos nos joelhos e mergulhando a cabeça entre as mãos.

— Sobrinho, — disse por fim — ha muitos dias que penso no modo de remediar tamanhas faltas. Ha só um, e

para o pôr em prática é que te mandei chamar. O tempo do descanso acabou, Luiz Vasques; hoje todos devemos trabalhar.

— Que é preciso fazer, meu tio? — replicou o moço serenamente.

Fernão Silvestre passeou alguns minutos silencioso, com a cabeça pendida para o peito e as mãos mettidas nos bolsos da japonsa.

— Sobrinho, cumpre que amanhã mesmo partas para Braga, — disse o velho cavalleiro, parando finalmente diante do moço. — Irás ter com Bernardim Freire e dir-lhe-has, de mando de Fernão Silvestre de Encourados, que parta, que võe para o Porto, a pôr em estado de defeza aquella cidade. E' necessario abandonar a provincia do Minho, porque o Minho mais cedo ou mais tarde está perdido...

Que para se evitar força tamanha
Não valerá dos homens resistencia —

—declamou aqui, em tom mais baixo, como para si; e logo, levantando de novo a voz, continuou — Demais, quer invadam por aqui, quer por Traz-os-montes, os francezes não pararão senão no Porto. E' aquelle o seu primeiro fito, é ali onde querem firmar o seu verdadeiro ponto de apoio, para se lançarem sobre a capital. Conquistado o Porto, firme ali o dominio dos invasores, as provincias do norte ficam á mercê d'elles; depois, refociladas as forças, ser-lhes-ha facil a conquista de Lisboa. E' pois diante dos reductos do Porto que a invasão deve parar, que deve sentir a verdadeira resistencia. Se não poder tomar aquella cidade, Soult perder-se-ha, porque lhe será impossivel sustentar-se sobre o vasto e montanhoso territorio d'estas provincias

sem ver dentro em pouco fuzilado todo o seu pequeno exercito. Terá de retirar em massa compacta, como uma fortaleza ambulante, de outra fórma nem um só soldado francez sahirá de Portugal. Para isto é que serve o enthusiasmo da população. De traz de cada árvore, de traz de cada parede lhe hão fazer fogo. Ai d'elle se não tomar o Porto! Mas para que o não tome, é preciso fortifical-o, é necessário pol-o em estado de poder resistir a um assalto. Sobrinho, diz a Bernardim Freire que não hesite um minuto, que parta, que vôle. Não é preciso ser muito atilado, para ver que é ao Porto a que Soult baliza o primeiro salto da conquista, e que se perdermos o Porto, metade de Portugal será desde logo dos francezes. Ser general, não é andar atraz do inimigo, seguir-lhe passo a passo os movimentos. N'esta occasião é preciso alguma cousa mais, é necessario prevenir

tudo. Agora, mais que nunca, como diz o grande poeta :

..... nunca louvarei
O capitão que diga, não cuidei.

Cumpre não perder um momento. Partirás amanhã mesmo, Luiz. E' este o teu primeiro sacrificio á pátria; depois...

— Porém, meu tio, como é que?..

— Como é que Fernão Silvestre de Encourados se atreve a dar conselhos ao general Bernardim Freire de Andrada, não é assim, Luiz Vasques? — interrompeu o velho cavalleiro — Em circumstancias d'estas toda a gente tem obrigação de participar aos que governam, os males que descobre imminentes. Todo o homem, que ama a sua pátria, não deve callar-se na occasião do perigo. Ademais Bernardim Freire ha-de escutar-te, Luiz, quando lhe disseres que és sobrinho de Fernão Silvestre de Encourados, e que

em nome d'elle é que fallas. Estamos de accordo ha muito tempo. Aconselhando-o, não só cumprio com o que devo á minha pátria, mas cumprio tambem com o que devo á amisade. Vai sem receio; Bernardim Freire não estranhará a missão de que te incumbio.

—Mas... meu pai...

—Teu pai! Pois duvidas que Vasco Mendes de Encourados queira que o filho vá combater pela independencia de Portugal! Na nossa familia nunca houve senão portuguezes, sobrinho, e os fidalgos portuguezes sacrificaram sempre o seu melhor sangue á honra e á glória da nação.

—Mas aqui tambem são precisos soldados, meu tio...

—Hesitas! Porventura começará desde hoje a arrefecer em ti o sangue dos nossos passados? Enganar-me-ia eu, Luiz Vasques? Esgotar-se-ia toda a no-

breza dos teus pensamentos na pequena campanha do anno passado? Pensarás por acaso que são sufficientes á grandeza do nome, que herdaste, os louros colhidos por ti na Rolissa e no Vimeiro? Enganar-me-ia eu, Luiz Vasques? enganar-me-ia eu, sobrinho?... Será possível que prefiras aos gloriosos trabalhos dignos de um fidalgo portuguez, a infâmia villã d'aquelles.

..... que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as devícias,
Esquecidos do seu valor antigo?—

Será possível que sejas tu quem tenhas de lançar a primeira nódoa no brazão dos senhores de Encourados? Terei de córar de vergonha por ti, Luiz Vasques, por ti, filho de meu irmão? Será possível que tu...

—Não, snr. Fernão Sillvestre, não!

—bradou Luiz Vasques, erguendo-se de um pulo e a tremer de raiva — Mente, por Deus!...mente quem de mim tal pensar!

— Assim, sobrinho, assim... — exclamou Fernão Silvestre, aprumando-se com ufania diante d'elle e batendo com orgulho o pé no chão.

Luiz Vasques tornou a sentar-se, e esteve um pouco sem que a commoção, que sentia, o deixasse fallar.

— Meu tio, — disse finalmente com a voz ainda levemente trémula — sei o que devo ao nome dos meus passados, e, por vida de meu pai! não serei eu que o deshonne. Não me recuso á obrigação de servir a minha pátria, nem sei ainda bem o que é receiar pela vida. Não hesito, não, meu tio; mas combater por combater, prefiro ficar para defender o solar de meus avós e morrer esmagado debaixo das ruínas d'elle, a ir arriscar a

vida longe dos lugares que a honra e o dever me obrigam a defender. Se os francezes lograrem entrar em Portugal, cada palmo de terra d'esta provincia será um campo de batalha. Aqui tambem serão precisos soldados...

— Não são, sobrinho, não são — interrompeu Fernão Silvestre. — Morrer aqui será um sacrificio inutil e inglório, será morrer entre villoens a morte ignorada dos guerrilhas. Tu, herdeiro de um nome illustre, não deves morrer assim. O teu dever é pôr o fito em mais alto destino, é acrescentar a honra do teu brazão com a glória de feitos praticados em campo mais vasto. Deixa a nós velhos o morrer encostados á soleira das nossas portas. Para defender o paço de Encourados, se porventura for precisa a defeza, aqui estamos eu e teu pai, para quem a idade já cerrou quasi que inteiramente o futuro. Vai tu pelejar á luz plena do dia,

vai illustrar o nosso nome, sobrinho, onde as tuas acçoens possam ser apreciadas pelo mundo. Grande vai ser a occasião que se te aza para isso. E' impossivel que a Inglaterra veja indifferente a invasão de Portugal, e a realisação dos planos audaciosos do corso. Soou a hora de principiar uma guerra de gigantes, e a nossa pátria está destinada pelas circumstancias a ser o primeiro plano do glorioso theatro, onde se vão representar esses acontecimentos incalculaveis. E' no meio d'elles que tu debes apparecer, sobrinho; é ahi que tu tens de ir servir com o teu braço, com a tua actividade a nossa desgraçada patria.

—Devo pois abandonar meus paes e o solar de meus avós indefesos...

—Indefesos, não, Luiz Vasques — interrompeu severamente o velho fidalgo — indefesos não. Eu e teu pai ainda não temos tão quebradas as forças que nos

rendamos como velhas rabugentas, que já para nada prestam . . . nem valem. Este braço ainda póde bem com uma espada — acrescentou, estendendo para elle o braço robusto e hercúleo — e no couto de Encourados ainda ha uma vintena de veteranos, d'aquelles que acompanharam Fernão Silvestre ao exercito, que á voz d'elle estão promptos a renovar, quando for preciso, as glórias de Puig-Cerdá e de Banhuls.

— Meu tio, eu não duvido . . .

— Escuta, sobrinho — continuou, Fernão Silvestre sorrindo — vós os rapazes imaginaes que os velhos para nada mais prestam do que para aconselhar, e nem sempre aconselhar bem . . . dizeis vós. E comtudo, na vaidade dos vossos cabellos pretos, não reparaes que aquelles que os têm brancos são os que vos utilisam a virillidade, que, a não serem elles, o entusiasmo da inexperiencia an-

nullaria de todo. Suppoens tu, Luiz Vasques, que eu o foragido, o jacobino, que não penso desde a mocidade senão em como honrar o nome portuguez, estarei assim, aqui no meio d'estas ruínas, ocioso, a rezar pelas contas á laia de ermião? Enganas-te se o pensas, sobrinho; no logar onde te achas estúa um foco permanente de conspiração a favor da independencia de Portugal. Em torno d'elle reúno eu todos os dias os meus velhos companheiros da campanha, e aqui conversamos sobre as nossas glórias passadas, e sobre o que hoje nos cumpre fazer para lhes conservar o lustre. Tem por certo que se os francezes passarem n'estas cercanias, has-de ouvir dizer lá por onde andares, que acharam aqui um grupo de homens corajosos, que lhe fizeram guerra a todo o trançe, guerra de morte, guerra de desesperados. Cada collina, cada árvore, cada

penedo será uma bateria. A' minha voz essa gente ha-de mostrar que os velhos soldados do Roussillon são capazes de transformar-se em terriveis guerrilhas, quando a vingança da terra, onde nasceram, os obrigar a isso. Parte sem receio, sobrinho; o paço de Encourados tem quem o defenda, e a glória do nosso nome exige que procures campo mais vasto para os teus serviços e para as tuas acçoens.

Luiz Vasques ficou alguns momentos silencioso, com os olhos fitos no chão, meditabundo e abstracto.

—Que cumpre á honra do nosso nome que eu faça, meu tio?—disse finalmente, pondo-se de pé.

—Parte amanhã para Braga, Luiz Vasques—respondeu o velho cavalleiro—o primeiro serviço que deves prestar á tua pátria, é ir ter com Bernardim Freire e desempenhar a missão que te

incumbo. Depois lança-te dentro dos muros do Porto, e, se o Porto não poder resistir, corre a Lisboa, alista-te no exercito que Beresford está organisando, e marcha a combater pela salvação da pátria... da Europa talvez.

Luiz Vasques ficou um momento sem responder.

— Adeus, meu tio — disse, apertando-lhe rudemente a mão, que em seguida levou aos lábios e beijou.

— Adeus, sobrinho — respondeu Fernão Silvestre, sacudindo com a mesma rudeza a mão, com que Luiz Vasques apertava a d'elle — Deus te abençoe, e te traga com honra ao solar de Encourados. Se assim não tem de ser, que ao menos te aze occasião de morrer com glória. Lembra-te sempre de quem és, e do que deves ao nome de nossos avós, os quaes, como diz o poeta,

Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas,
E lá vos têm logar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Adeus. Diz-me o coração que estes meus cabellos brancos ainda hão-de remogar-se com o fumo da pólvora . . . a teu lado, nas grandes batalhas que estão para se dar. Adeus.

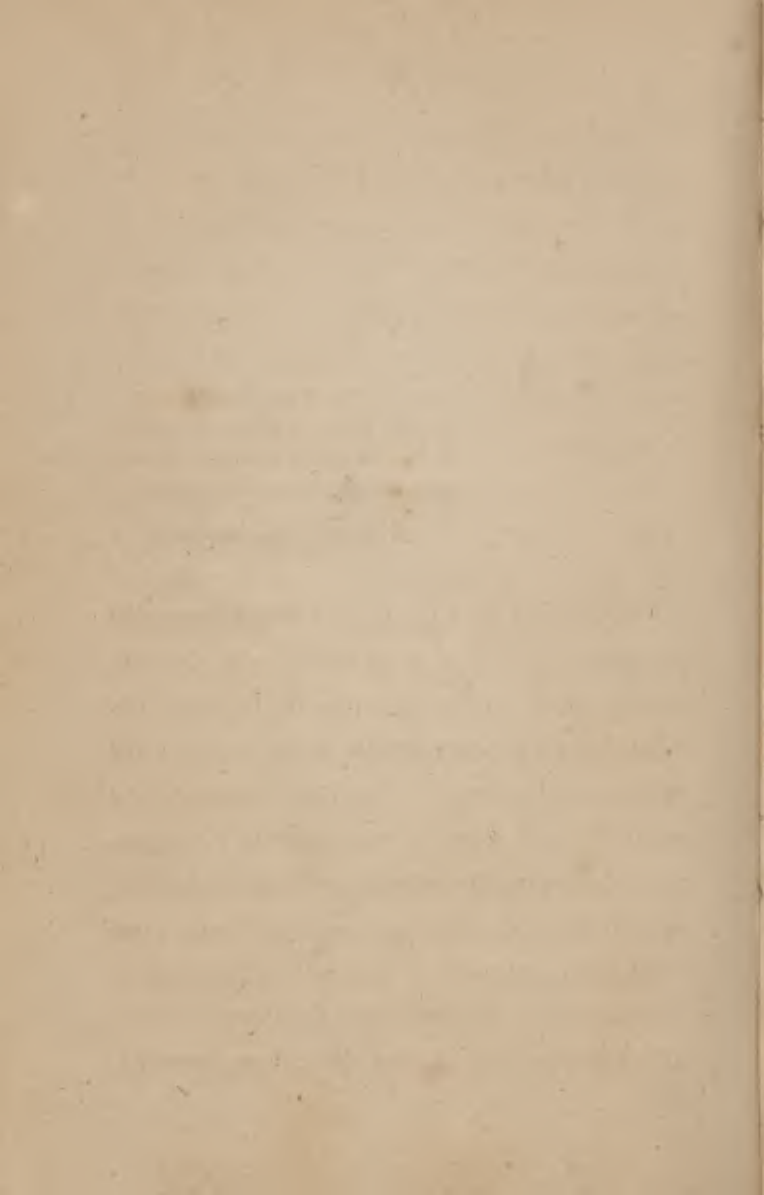
Dizendo, sacudiu rudemente a mão do sobrinho, que lhe correspondeu da mesma fôrma, e que em seguida se separou d'elle, tornando pelo caminho por onde viera.

Fernão Silvestre seguiu-o por um pouco com os olhos. Depois poz-se a caminhar apoz elle a passos largos e rápidos. Luiz Vasques ia a principiar a descer da planura para a encosta, quando sentiu sobre o hombro a mão pesada do tio, que se aproximára, sem que a abstracção, em que elle levava o espirito,

lhe tivesse deixado sentir-lhe o ruído dos passos. Ao toque d'aquella mão, o moço voltou-se de repente. Então Fernão Silvestre, fazendo-o olhar para o logar, onde, ao longe, se via branquejar a casa do sargento-mór de Villar, apontou para ella, e disse-lhe no tom da amizade franca e sincera :

— Vai sem cuidado; eu fico velando por ella.

Luiz Vasques fitou o tio como surpreendido e admirado; em seguida lançou-se-lhe nos braços, cingiu-o com força contra o peito, apertou-lhe a mão, e partiu depois em direcção ao solar do Encourados.



V

Pois que cuidavas?
Que era algum escudeiro ou fidalgo
De tres ou quatro avós? por este lado
Aparento c'os Piscos Sardoninhos.

DINIZ. *O falso heroismo.*

O dia 13 de março era dia de grande
função no solar e na aldeia de Encou-
rados. Era o anniversario do fidalgo. Os
aldeoens vestiam-se de festa, o sino da
igreja andava em bolandas, atroando os
ares com festivo e continuado repique,
e as não poucas espingardas caçadeiras,
que havia no logar e nos arredores, sus-
tentavam, desde o romper d'alva até o
fechar da noite, um fogo ininterrompido,
ora tiroteio franco, ora descarga cerrada.

Mal apontavam os primeiros arreboes da aurora, logo o festival repique do sino agoirava alegremente o dia, atroando a aldeia com os sonoros parabens do cura, apresentado pelo senhor donatário do couto. De pé eram logo os aldeoens mais ronceiros, que os mais madrugadores e dados a folias já andavam desde muito a espreitar a boieira. Rompia desde logo o fogo, e o solar principiava tambem a acordar e a dar signal de vida. Das oito para as nove começavam a entrar os parentes e os amigos. A's onze partiam todos em cirio para a igreja, fazendo acompanhamento ao fidalgo, que ia assistir a uma missa cantada em acção laudatoria dos seus annos. Entrando na igreja, e depois de receber do thuríbulo, empunhado pelo cura, os tres ductos¹ de incenso a que tinha

1 Vid. not. VIII.

direito, o fidalgo de Encourados tomava a cadeira espaldar e com docel, e rodeado pelos amigos e parentes, sentados em bancos cobertos de velhos alambeis desbotados pelo uso de muitos annos, assistia, muito contente de si e com a consciencia tranquilla a respeito da sua superioridade, á funcção religiosa, que em sua honra se fazia. Seguia-se lauto e succulento jantar no solar, e no fim abria-se a porta ao povo, que, invadindo o terraço contiguo ao jardim, vinha ahi foliar em honra do fidalgo, bebendo-lhe á saude por sobre as balofas fogaças, a cuja distribuição a fidalga presidia em pessoa, uma ou duas pipas d'aquelle magnifico vinho d'Airó, cujas excellencias os nossos antigos memoram com o anexim minhoto que diz—*vinho d'Airó bebe-o tu só*. Findava a noite com danças e cantares ao desafio, que tinham por fecho es-

trepitosa descarga geral, com a qual se despertaria totalmente a função.

Tal era a festa a que o sargento-mór de Villar ia assistir, no dia em que o vimos sahir tão aperaltado de casa, e no qual tambem Luiz Vasques conversára com o tio no alto da planura do Airó, ácerca das proximas desgraças da nação.

Eram quasi onze horas da manhã. No salão do paço de Encourados — vasta quadra dos fins do seculo xvi, de elevado pé-direito, com as paredes forradas de magnifico azulejo até meio e d'ahi para cima pintadas a fresco — já por João Peres esperavam impacientes Vasco Mendes e os parentes e amigos que lhe assistiam, uns de pé e passeando no meio da casa, e outros, resmungando contra a insolente demora do villão, sentados nas altas e torneadas cadeiras de couro

de Moscovia impressado, que adornavam o salão, de que eram dignas contemporâneas. Esta espera condescendente não era consideração pelo plebeu sargento-mór de Villar, mas sim respeito e veneração pelos mil cruzados que o tio lhe deixára, e de que a máxima maioria dos fidalgos presentes estavam na posse effectiva e real, e n'ella pretendiam conservar-se mais tempo.

João Peres de Villalobos, mal deixou as senhoras, que se recolheram para aparaumentar-se com o luxo e com a opulencia condigna de tão grande festa, dirigiu-se ao salão, e n'elle entrou com o franco desempenho e expansiva alegria do velho soldado, que se sente contente por ver feliz aquelle que estima de coração.

— Ora seja Deus aqui — entrou dizendo — e vivam vossas senhorias por muitos annos, e viva sobretudo o meu grande amigo, o snr. Vasco Mendes de

Encourados, e que por muitos annos e bons festeje este dia, e nós com elle, e praza a Deus, amen. Ora eis-me aqui, sã como um pero, para o acompanhar e venerar, e para lhe dizer, entende? que venham para cá francezes e herejes, que aqui está João Peres de Villalobos para lhes dizer que viva e reviva a casa de Encourados, e o snr. Vasco Mendes, e a snr.^a D. Luiza, e o morgadinho e o meu compadre Fernão Silvestre, e que venham para cá dizer que não, que digo eu que sim, com um milheiro de diabos! que assim o quero e tenho dito, entende?

E com este temporal desfeito de intimo contentamento, João Peres arremetteu de braços abertos para Vasco Mendes, que o recebeu nos seus com manifestos signaes de amisade. E não era esta fingida, nem boa cara de devedor; mas sim affeição bem sentida, porque o coração do fidalgo não podia furtar-se a re-

conhecer a sincera e teimosa estima, que o bom do sargento-mór dedicava a Fernão Silvestre e a tudo que pertencia á familia de Encourados.

Antes de passarmos adiante, digam-se duas palavras acerca de Vasco Mendes e d'aquelles que o acompanhavam.

Era Vasco Mendes homem bem apessoado e refeito. Não tinha a estatura gigantesca do irmão, nem o porte magestoso que n'aquelle se realçava; mas nem por isso deixava de ser digno de representar a velha prozépia dos ricos-homens de Encourados, e de authorisar pela nobreza do aspecto o respeito que a sua fidalguia impunha aos que não eram fidalgos, e mesmo áquelles que o eram. Tinha o rosto franco, aberto e bondoso; mas um tanto carregado pelo habito de se considerar superior aos outros, vaidade que sobretudo se lhe revelava no repuxado emproamento do pescoço. Ves-

tia uma casaca direita de velludo vermelho, com passamanes de ouro, da qual, como Tolentino disse do seu famoso collete, podia elle dizer, se o orgulho lh'o consentisse, que estava

Encartada ha muito tempo
Em *casaca* de funcçoens.

Quero dizer com isto que a sobredita casaca tinha já servido a seu bis-avô, quando esteve na corte em tempo de D. João v; que depois servira sempre nas occasioens solemnes e mais funcçoens grandes da familia, a seu avô, a seu pai e agora a elle Vasco Mendes. Com ella trazia vestido collete e calçoens correspondentes em luxo e em moda, e nos pés uns sapatos com suas fivelas cravejadas de diamantes.

Dos que lhe assistiam, a saber — o morgado de S. Julião, o morgado de Cabreiros, o morgado de Bastuço, o mor-

gado de Adaens e outros morgados, nada ha que dizer, nem o leitor perde coisa alguma, se o author, nos factos que vai narrar n'este capitulo, se esquecer de historiar o que elles disseram, se por ventura disseram alguma coisa. Trajavam todos ampla casaca e ajustado calção, e um ou outro, que ainda era rapaz, um pouco mais ou menos segundo a moda do tempo. Basta pois saber que todos eram fidalgos e portanto todos primos.

Saltando pois por sobre elles, paremos emfim n'um personagem tambem assistente, que não era fidalgo, mas que desejava sel-o ; que não era primo, mas que déra todos os dentes que ainda tinha na bocca para que lhe dessem, ainda que fôra por favor, esse titulo.

Era esse tal um padre, já de idade, alto, secco, levemente acurvado, figura macilenta e severa, e feições intelligentes, mas assignaladas pela propensão

para a mono-mania. Era cónego da collegiada de Barcellos, residia em Santa Maria de Abbade, e chamava-se João Valentim Nolasco.

O cónego Valentim era, como levo dito, homem intelligente e de conselho, e ademais erudito e dotado de bom senso litterario. Ouvido sobre qualquer ponto de litteratura ou discursando sobre a philosophia da vida, era para escutar-se. Mas tirado d'isso, era como são e têm sido muitos outros muito mais graúdos do que elle Valentim; era um mono-maniaco, um pateta dominado pela mais incommodativa toleima. Consistia esta nos seus antojos de grandeza. Aqui embicava a mono-mania. O cónego Valentim tinha ambiçoens impossiveis para um padre de aldeia; mas era pertinaz em as ter, e, se se lhe azasse occasião, era capaz de caminhar para o conseguimento d'ellas, fossem quaes fossem os meios que se lhe

deparassem para isso. As suas ambições fitavam muito alto. Não se contentava com qualquer abbadia pingue ou opulento bispado; sonhava com a séde patriarchal e com o logar de confessor de el-rei. Até consta que teve pesadellos medonhos, em que se lhe affigurava que lhe queriam roubar o já possuido chapéu cardinalício. Esta era a mania do cônego, mania que o fazia reptil e zombaria de fidalgos, e que mais tarde o comprometteu por jacobino, motivo porque esteve em França emigrado, até que foi absolvido do crime de traidor á patria por sentença da casa da Supplicação de 17 de dezembro de 1821. Além d'estas inclemencias, passou pela não menor de ter de compor um folheto para explicar o seu procedimento; folheto que escreveu em mau portuguez, mas que é mais que certo que pagou em bom dinheiro corrente n'estes reinos. A tal preço lhe

ficou a mono-mania da ambição; e por fim morreu sem mitra nem chapéu, no Porto, ahi para a rua Chã, no anno não sei quantos. O destino foi-lhe contrário até o fim. Do homem, que tão ardentemente desejou a grandeza e ambicionou os lugares mais elevados, nem mesmo se sabe hoje a sepultura! *In vanitate sua¹ apprehenditur peccator, et superbus et maledictus scandalizabitur in illis.*

Voltemos agora ao sargento-mór, e ao modo como foi recebido, e ao mais que depois succedeu.

Vasco Mendes apertou João Peres cordialmente nos braços, e respondeu-lhe assim ao retumbante cumprimento:

— Ora bem vindo seja o nosso sargento-mór de Villar — disse. — A modo que já nos ia tardando. Como assim! Pois é possível que o nosso bom amigo

1 Ecclesiasticus cap. xxiii. v. 8.

João Peres de Villalobos fosse em tal dia o último a chegar!..

João Peres não percebeu a benevolencia epigrammática do morgado. Limpava com o lenço o suor que lhe molhava a fronte, quando lhe eccoaram nos ouvidos as últimas palavras da resposta ao seu cumprimento.

—Ah! fidalgo,—exclamou então, com o lenço ainda erguido na mão direita, e na esquerda o chapéu empunhado por um dos bicos e estendido á laia de barcaça— não me diga isso. Não foi por falta de boa vontade; mas é que, infinamente, vim por Cabreiros, para fallar alli com o sôr morgado, entende?... para fallarmos a respeito de um potro que lhe quero comprar, cá para um certo amigo... Mas é verdade, onde está o Luizinho?

—O Luiz ainda não chegou— respondeu Vasco Mendes.—A propósito,

deixe-me saber o que é feito d'elle. Ventura!

A este brado appareceu á porta da sala um escudeiro.

—Onde está o snr. Luiz Vasques? Vai dizer-lhe que estamos esperando por elle.

O escudeiro, velho criado que tinha estado alguns annos na côrte, e que acompanhava sempre Luiz Vasques nas suas digressões pelo Porto, e por ali havia aperaltado em parte a rudeza do aldeão minhoto, entrou poucos minutos depois, e, apurando-se, disse cortezmente:

—A fidalga deseja fallar com v. exc.^a

—Concedam-me licença, senhores;
—disse então Vasco Mendes—eu volto já.

Assim dizendo, sahiu, deixando o sargento-mór ainda occupado com os restos da limpeza da frente.

— Snr. João Peres, — disse então do lado o cônego Valentim, que estava conversando e velho morgado de S. Julião — que nos diz a respeito dos francezes?

— Dos francezes! — exclamou João Peres — Que um milhão de diabos os confunda, e que partidas tenham elle as pernas dentro e fóra do nosso Portugal! E digam todos amen. Elles lá andam no Minho a turrar contra o general Bernardim. Cá não poem elles os pés d'esta feita. Entende? Digo-lh'o eu, e sei o que digo. E se vierem, por alma de meu pai! que lhes havemos de mostrar para o que somos! Está tudo revoltado, e o povo... e eu com a ordenança...

— O essencial é que elles não venham, amigo snr. João Peres — interrompeu, sorrindo, o cônego Valentim.

E que venham, pelo inferno! — replicou João Peres — Aqui os esperamos a

pé firme, como homens que somos, entende? Aqui hão-de ver que é mais facil entrar que sahir. De Portugal não vai um, por essa lhe fico eu. E tenho dito, entende?

— Isso é que é fallar, amigo João Peres; assim é que eu gosto dos homens! — exclamou o joven morgado de Adaens, notavel pela estupidez e pela força brutal — Nem um... nem um sahe. O que eu quero é que elles caiham na asneira de vir. Não me temo d'elles, como o snr. cônego Valentim, que com os seus modos cheira a jacobino...

— O' snr. morgado, jacobino eu! — interrompeu o cônego com gravidade offendida.

— Jacobino, sim senhor; quem tem medo dos francezes é jacobino — replicou o estúpido fidalgo. — Um portuguez é para vinte francezes. Conta-se de meu avô que, não sei em que batalha lá por

essas terras de herejes e de jacobinos, só de uma assentada agarrou dez á unha, como quem não quer a cousa, e depois trouxe-os para Adaens e fel-os trabalhar nas cavalharices e na nora como jumentos. Porque isto de herejes e de jacobinos são como jumentos. E vocemecê com esses seus modos cheira-me a jacobino, snr. cónego. Cá eu sou pelo que diz o snr. João Peres. A ordenança de um lado, o povo do outro, os fidalgos com a sua gente... quem diabo ha-de cá vir? Eu já lá tenho prompto o cavallo para o que der e vier. Pena tenho de me ter morrido de lamparões o meu baio. Optimo bicho! De um só salto passava por cima de um exercito. Vocemecê lembra-se, snr. João Peres? Então que me diz a isto?

—Eu? — replicou o sargento-mór — eu cá sou de infantaria. Digo, entende? que não tenho nem quero cavallo. Para

comer, basta-me a égua. Mas tenho lá uma espada que já serviu... e bem; e, por alma de meu pai, entende? que d'esta feita ha-de tirar a desforra do tempo que tem estado em descanso. Em quanto ao baio, sinto que morresse, por causa d'aquellas doze moedas que v. s.^a me pediu...

— Mas, primo, — acudiu aqui o velho morgado de S. Julião — ouvi dizer que o Soult estava em Traz-os-Montes... Disseram-te alguma cousa...

— Eu não sei d'isso, primo; — replicou o morgado de Adaens — o que sei é que se cá vierem, não sahe nem um. Vou-me aqui com a opinião do snr. João Peres. E demais digo que o meu cavallo ha-de servir. Optimo bicho! E' uma estampa. E' para ver como não soffre o castigo. Nem todos o montam. Não ha outro como elle por estes arredores.

— Isso lá has-de desculpar, primo —

acudiu o morgado de Cabreiros. — Vai ver o meu Turco se queres ver o que é um cavallo. Hontem ergueu-se com o criado, que o que lhe valeu, foi montal-o de cabeçaens ; que se não fôra isso, era defunto. Aquillo sim, aquillo é que é. Como elle é que não ha outro. Senão que o diga aqui o nosso amigo João Peres. E' pai d'aquelle potro...

— Sim, d'aquelle potro — interrompeu o sargento-mór. — V. s.^a quer por elle dezoito moedas. Mas sobre isso ainda havemos de dizer duas palavras. Dezoito moedas, entende? custou a v. s.^a o seu Turco na feira de Famalicão. E não me diga que não, que fui eu por signal que lh'as emprestei. Ora vender o filho pequêno pelo mesmo preço do pai grande... Não me cheira, entende? Nada, nada, havemos ainda de dizer duas palavras; porque emfim, senhor...

— Ah! tempos, tempos! — acudiu

aqui o morgado de S. Julião — se fosse n'outros tempos !.. Aquillo é que eram homens. Nos tempos dos meus antepassados, então sim, então é que os francezes se não atreviam a pôr cá o pé.

— Que, com um milheiro de diabos ! — exclamou voz em grito o sargento-mór de Villar — Que falta nos fazem cá os seus antepassados ? Hoje tambem ha homens. Por mim digo, entende ? que se os francezes passarem o Minho... passem por onde quizerem, que os leve o diabo — que, á fé de João Peres, nem um torna a sahir. Hei-de mostrar-lhes que ainda vivem os homens de Belver e Puig-Cerdá. Entende ? Que venham para cá, e tenho dito.

N'isto a porta da sala abriu-se, e Vasco Mendes entrou para dentro.

— Meus senhores, são horas de partirmos para a egreja — disse com o rosto carregado e dando visiveis signaes de

ter recebido noticia de pouca satisfação.

— E o Luizinho? — perguntou o sargento-mór.

— Luiz Vasques sahiu para negócio importante — disse seccamente Vasco Mendes. — Não estará em casa senão á noite.

— E esta! — exclamou o sargento-mór, abrindo grandes olhos — No dia de hoje...

— Snr. João Peres de Villalobos, — interrompeu quasi desabridamente Vasco Mendes — olhe cada um pelos seus deveres, que não faz pouco. Meu filho faz o que deve. Primeiro o dever que a devoção. Prouvera a Deus que elle cumprisse sempre com o que deve ao seu sangue, como actualmente está cumprindo.

Estas ultimas palavras foram ditas em tom desabrido e com visivel tenção. De-

pois de as dizer, o fidalgo voltou as costas, e dirigiu-se á porta acompanhado pelos parentes e amigos. João Peres ficou um momento atrapalhado; mas como a sua rude intelligencia lhe não deixava perceber o propósito do desabrimento, com que Vasco Mendes lhe dirigira as últimas palavras, e tinha a convicção de que d'aquella bocca nada podia sahir que lhe fosse offensivo, voltou a si da primeira surpresa, e tomou apoz elle logar na comitiva.

O círio seguiu até á igreja, por entre a vistosa ala de aldeoens, que atroavam os ares com vivas e com tiros. A' porta do templo o cura veio receber o senhor donatário, de capa de asperges e thuríbulo em punho. Depois caminhou adiante d'elle até á cadeira espaldar. Vasco Mendes metteu-se debaixo do docel, e de pé — e de pé também todos os seus convidados — recebeu a mesura do cura

e os tres ductos ou tres incensadellas do estylo, que elle acceitou de cabeça erguida com orgulho e passeando vaidosamente a vista por cima do povo que atulhava a igreja, e que espirrava em razão do péssimo cheiro do podre e velho incenso, que a elle cheirava tão suavemente, apesar da espessa fumaceira, em que por um momento esteve envolvido. E' escusado dizer que alguns dos primos, que não possuíam honra tão regalada e tão forte, olhavam invejosos aquelle fumo, aquelles ductos e aquellas contumélias do padre. Este, finda a incensação, fez nova mesura profundissima, e entregando o thuríbulo a um lapónio, revestido de capa vermelha, subiu ao altar, e começou em voz fanhosa e lalim derrancado a entoar o *Introibo ad altare dei*.

Acabada a cerimonia, o acompanhamento encaminhou-se para o solar.

Era uma hora da tarde quando os

convivas cercaram a meza do jantar na casa do refeitório, com se diz no Minho, do paço-solar de Encourados.

Eram dezeseis os convidados que rodeavam a vasta meza de carvalho, coberta n'essa occasião por finíssima toalha de linho das famosas de Guimaraens. As louças eram da China, das mais puras e mais preciosas, eram enfim as que tinha trazido da India aquelle senhor de Encourados, que lá fôra *flibustear* no seculo xvi. Havia poucos copos; mas em compensação havia para beber magnificas canecas de louça tambem da India e jarros em que saltitava o famosissimo vinho do Airó. O jantar era digno de um velho fidalgo sertanejo do Minho. Sobre as enormes travessas e bacias de porcellana chineza não fumegavam os primores culenarios de que o célebre Domingos Rodrigues fizera uma verdadeira sciencia no tempo de D. João v. Havia

muitas gallinhas cozidas, muitos peruns e patos assados, duas enormes bacias de louça de Estremoz com arroz do forno, muitos vegetaes cozidos e guizados, e sobretudo duas magnificas postas de vacca cosida, salpicoens sem numero, e um naco enorme, quasi manta, de presunto fumegante, que tentaria um santo na própria Thebaida, se o dito santo tivesse a felicidade de lá deparar com tal maná. Era um jantar portuguez de lei, jantar como nós homens de hoje não somos capazes de comprehender... nem sequer de tentar a digestão d'elle.

Poucas palavras se deram durante mais de tres quartos de hora. Os convivas, empenhados em guerrear até o extermínio aquella opulenta fartura, não tinham bocca para mais, e nem ousavam desaproveitar o tempo de se refocilarem para a próxima campanha com os francezes. Por fim chegou-se á penultima

parte do opíparo banquete, chegaram ao caldo. Era este gordo e de repolho, servido em magníficas tigellas de louça da India, mas de taes dimensoens, que a vista de uma só puzera em fugida o mais famigerado papa-jantares do nosso tempo. Esfarellada a necessaria boroa sobre a montanha de repolho, e levado o caldo até meia tigella, o cônego levantou-se, e propoz um brinde á fidalga e ao fidalgo, que foi entusiásticamente apoiado e desmarcadamente bebido.

— Vinho do Airó bebe-o tu só, diziam os nossos antigos — perorou o cônego, pousando a caneca por que bebera. — E tinham razão. Famoso vinho em verdade, snr. Vasco Mendes!

— Famoso e famosissimo! — bradou João Peres, pondo-se de pé, com os olhos a chisparem centelhas, vermelho até á raiz dos cabellos, e emfim mais que sufficientemente aquecido pelas suas dema-

siadas provas de amor pelo vinho do monte d'Airó—Famoso, famosissimo! E havemos de assim entregal-o aos francezes sem mais tir-te, nem guar-te! Irra! Fóra, herejes; fóra jacobinos! Não, pelo inferno! Que venham para cá, que não sahe nem um só. Entende, snr. cónego? E tenho dito.

—O cónego é jacobino, fique n'esta, snr. João Peres—bradou o morgado de Adaens, que estava ainda mais embriagado que o sargento-mór.

—Snr. morgado!..—exclamou com indignação o cónego Valentim.

—Jacobino, isso não, snr. morgado; —acudiu João Peres—jacobino, isso não, por alma de meu pai! Medroso, covarde, irra! isso sim... Com um milheiro de diabos. Entende?

—Jacobino, e tenho dito—gritou o morgado.

—Digo, e redigo, jacobino não—bra-

dou João Peres. — Jacobinos e herejes são ladroens. E tenho dito, entende, snr. morgado?

— Vocemecê atreve-se a desdizer-me? A mim! — bradou o morgado, pondo-se de pé.

— A si e a cem mil, com um milheiro de diabos! — vociferou João Peres, já de todo perdido — Entende? Todos me conhecem. Chamo-me João Peres de Villalobos, sargento-mór de Villar. Se quer alguma cousa, é sahir ao caminho. Entende? E tenho dito.

— Snr. João Peres... Primo... Isto que é?... Em minha casa! — bradou Vasco Mendes, fazendo troar a voz por cima da dos dous contendores.

Estes sentaram-se, bufando como dous toiros, e olhando-se com olhares enfuriados.

Passados alguns minutos de silencio, o morgado de S. Julião, homem pacifi-

co por indole e idade, reanimou a conversa em tom brando, dirigindo-se d'esta maneira ao cônego :

— Vocemecê que tão lido é, snr. cônego Valentim, pôde dizer-nos alguma cousa ácerca d'aquellas ruínas que se vêem no alto da serra? O povo tem-nas em conta de restos de morada de um santo. E parece que Deus approva esta ideia popular, porque tudo alli é do melhor. Quanto mais para o alto, tanto melhores são os vinhos, as fructas e as águas. Em que dia do anno se festeja o santo que alli viveu, e morreu?

O cônego Valentim sorriu-se com o sorriso do erudito, que ouve asnear um ignorante. Provou uma vez mais o vinho d'Airó, repotrecou-se na cadeira, semi-fechou os olhos, e abanou pausadamente a cabeça.

— O homem de Deus que alli viveu, snr. morgado, — disse por fim — ainda

não está no calendário, porque ainda não foi canonisado.

—Pois devia-o ser—gritou o morgado de Adaens.—Quem fez com que haja tal vinho...

—Silencio, primo!—disse gravemente o morgado de S. Julião.

—Qual silencio, nem qual diabo!—bradou João Peres—E' canonisal-o, entende? E' como elle diz, e está dito, que lh'o digo eu, entende?

—Psiu!—assoprou delá Vasco Mendes, vendo que o cónego queria continuar.

—A historia falla-nos pouco claramente d'aquelle homem,—continuou o cónego Valentim—mas a tradição local descreve-o com traços mais amplos. Quem era Joanne, o pobre? A historia só nos diz que era descendente dos condes de Urgel; que se fez ermita depois de ser cavalleiro; que a rainha a senho-

ra D. Filippa, esposa de el-rei o senhor D. João 1, e o senhor D. Affonso, primeiro duque de Bragança e filho d'aquelle excellente monarca, o mandava consultar como santo; que morreu por fim aqui santamente, e que os frades de Villar vieram buscar o cadaver, e como beindito o levaram processionalmente para o convento, na egreja do qual o sepultaram. Eis o que nos diz a historia, snr. morgado; mas pouco nos diz, como vê, porque diante d'ella Joanne, o pobre, continúa a ser um enigma.

Aqui o cônego fez uma pequena pausa, e em seguida continuou assim:

— A famosa e nobilissima casa de Urgel, snr. morgado, tinha acabado ha muito tempo, quando Joanne, o pobre, viveu. Confundira-se primeiro com a casa dos condes de Barcelona, que foram depois reis de Aragão. A linha varonil d'estes terminou no rei Martinho, que foi o

ultimo d'aquella antiga familia, e que morreu deixando por successora uma filha. Esta casou com o principe Fernando de Castella, que por este casamento veio a ser Fernando I de Aragão. Foi no tempo d'este que viveu Joanne, o pobre, e a circumstancia de todos os historiadores serem concordes em dizerem que era descendente dos condes de Urgel, faz-me crer que pertencesse á familia dos Ponces de Cabrera, ramo segundo d'aquella casa, os quaes disputaram á filha do rei Martinho o condado de Urgel, por serem representantes de varão, e no condado não poderem succeder fêmeas. Os Ponces de Cabrera foram infelizes na contenda, apesar de a sustentarem tenazmente durante muito tempo. Quando não podéram lutar mais, tiveram de fugir á vingança e á perseguição de Fernando I. D. João Ponce de Cabrera asy-lou-se em Portugal, e desenganado das

cousas do mundo veio penitenciar e morrer n'esta montanha, trocando o seu nobilissimo nome pelo tão humilde de Joanne, o pobre. A tradição acrescenta a estes motivos de desalento outros ainda mais fortes, porque tocam mais de perto o coração do homem honrado e de sangue e espirito quasi que real.

Nova pausa fez aqui o erudito cônego, e d'esta vez por tanto tempo, que o morgado de S. Julião, que o ouvia attentamente, teve de o fazer voltar a si, perguntando-lhe com curiosidade:

— E que motivos foram e esses tão fortes, tão fortes que pesaram mais no animo do illustre cavalleiro do que a perda da patria, e o ver-se impunemente despojado dos bens que lhe pertenciam?

— As causas, snr. morgado, — replicou o cônego — as causas a que a tradição attribue a vida eremítica de Joanne, o pobre, eu, segundo penso, D. João

Ponce de Cabrera, foram as que vou dizer :

E aqui o cónego fez outra pausa para molhar os beiços com mais um trago de vinho d'Airó, e em seguida continuou :

— Diz a tradição que Joanne, o pobre, no tempo em que fôra cavalleiro, amára ternamente uma dama, fidalga sim, mas de sangue menos illustre que o d'elle. Por ella passou o bom e leal cavalleiro muitos trabalhos e inclemencias, já em contendas domésticas, porque o orgulho da sua família não levava a bem taes amores, já correndo as mais famosas côrtes da Europa, onde proclamou a formosura da sua dama, e acabou em honra d'ella grandes feitos. Quando el-rei Martinho morreu, e D. João se empenhou na guerra da successão do condado de Urgel, já elle se achava casado clandestinamente com a mesma senhora. Parece porém que era a dama levian-

na e volteira; porque, segundo se diz, levada da galhardia de um valido de Fernando I, não só atraçou a honra do marido que tanto a amava, mas vendeu-lhe ao inimigo os segredos, e foi a causa primária da perdição dos Ponces de Cabrera. No primeiro ímpeto da paixão, D. João procurou vingar-se como se vingam os homens do mundo; mas, dando-lhe o decurso do tempo espaço bastante para se compenetrar bem da negrura do facto, tirou d'aquella meditação concentrada a funda convicção da inanidade das cousas humanas, e, apossado da melancolia e descoroçoamento que se segue apoz esta convicção, voltou as costas ao mundo, e virou-se todo para Deus, que é a suprema verdade e a suprema virtude. Movido d'esta santa resolução, tratou o mundo como merece ser tratado. Poz de parte todas as ideias de vingança, abandonou os homens aos homens, e, entre-

gando á justiça do eterno juiz o desforço da sua justa causa, depoz as vaidades e as glórias sociaes, despiu o saio de cavalleiro, abraçou-se com a cruz, e aos pés d'ella morreu aqui santamente. São estes, snr. morgado, os fortes motivos que fizeram, segundo a tradição, com que o poderoso cavalleiro, legítimo representante da nobilissima casa de Urgel, viesse morrer aqui, na planura do nosso monte d'Airó, com o nome de Joanne, o pobre. Santa e gloriosa resolução! Feliz e judicioso o homem que a tomou!

O cônego parou, e todos ficaram por um momento concentrados na história, que acabára de narrar. Por fim o sargento-mór começava a preludiar o rompimento do silencio com uma tossidella estrepitosa, quando o morgado de Adaens, dominando a atonia da embriaguez, exclamou brutalmente:

— Valente pateta por certo era o tal Joanne, o pobre! Commigo fôra o feito que não era para o filho de meu pai o vir prantear como villão açoitado o desavergonhamento da marafona. A ser commigo, ai da vaganoa! Torcera-lhe o pescoço, e pagára-me da pouca vergonha. Assim se devem haver os verdadeiros fidalgos, e mau mez para ser santo.

— Santo em todo o caso, — bradou o sargento-mór de Villar, em quem ainda picava o rancor da referta de ha pouco — santo em todo o caso, e renego de quem disser o contrário, que por tal deve ser logo tido na conta de hereje e de jacobino. Santo em todo o caso, mas estava ahi um bom cerquinho; era tomal-o ás mãos ambas, e depois desancar a bilhardona, entende? até gritar por Deus, amen.

— Digo e sustento que é melhor ser cavalleiro que santo...

— Digo e redigo, entende? que quem não quer ser santo é jacobino e hereje...

E os dous, o morgado e o sargento, pondo-se de pé, começaram com olhos turvos e enfurecidos a vociferar um contra o outro, fallando ao mesmo tempo e atroando os ares tão estrepitosamente, que não deixavam ouvir a voz de Vasco Mendes, que impunha irritadamente silencio.

A entrada do laçao, que veio annunciar, que o café ia ser servido na sala visinha, despartiu finalmente a contenda. Os convivas ergueram-se, e começaram a dirigir-se para a sala indicada com passos mais pesados e menos firmes, do que tinham vindo para a meza.

— Snr. João Peres de Villalobos, — disse então Vasco Mendes gravemente —desejo fallar-lhe em particular. Peço-lhe por isso que me acompanhe ao meu gabinete.

Estas palavras troaram como um trovão nos ouvidos do sargento-mór de Villar; quasi que o desembriagaram completamente. Aquella puridade em tal occasião cheirava-lhe assim a modo de pedido de emprestimo, e o bom do sargento achava-se, ao tempo, inteiramente desprevenido de dinheiro. Mas negar dinheiro a Vasco Mendes, ao irmão do seu Fernão Silvestre, ao homem em cuja casa a filha lhe fôra educada, era cousa que elle não comprehendia como podêsse fazer-se, sobretudo depois de tão succulento jantar. Mas como acceder ao pedido, se estava sem mealha? Agitado por estes pensamentos, seguiu sem replicar apoz o fidalgo, e com elle se encaminhou como autómató, como fulminado por medonho pesadello, para o gabinete particular.

Chegado ahi, Vasco Mendes aproximou duas pesadas cadeiras de braços,

sentou-se n'uma, e convidou João Peres a sentar-se na outra. Este, boquiaberto e sem saber o que havia de fazer para sahir-se airosamente e a seu sabor da entaladura imminente, desfazia-se em medidas ceremoniosas, sem atinar a sentar-se. Apertado por Vasco Mendes, sentou-se por fim.

Este fitou-o um momento como também violentamente embaraçado; por fim rompeu d'esta fórma o silencio:

— Eu, snr. João Peres de Villalobos, sou o representante de uma familia antiquissima, cuja fidalguia se perde atravez dos seculos, e é uma das mais notaveis de Portugal...

— Sinto muito, meu bom amigo snr. Vasco Mendes...

— Eu é que sinto, snr. João Peres, eu é que sinto que vocemecê não possua igual nobreza, como é merecedor, e era preciso que tivesse para que se realisas-

sem os seus e meus desejos. Mas para que desculpe o meu procedimento, o qual é filho dos deveres que a minha fidalguia me impoem, quero que saiba bem a fundo a antiguidade da minha familia e a sua grande nobreza. Para isso basta...

— O' meu grande amigo, eu sei-o muito bem, faço d'ella perfeita ideia. Mas é que na presente occasião...

— Na presente occasião é que é preciso mais que nunca que vocemecê a conheça. Não quero que me tenha na conta de ingrato á sua provadissima amisade..

— Oh ! meu bom amigo, eu sei muito bem... eu sei muito bem... Valha-me Deus ! Mas emfim eu verei... cá darei as minhas voltas, e tudo se ha-de arranjar, tudo se ha-de arranjar...

— Arranjar ! repetiu Vasco Mendes, sorrindo com tristeza — arranjar ! Infelizmente é impossivel arranjar-se nada ; e, para que vocemecê o reconheça e me

dê razão, é que desejo que saiba bem a fundo a fidalguia da minha linhagem. Para isso basta citar-lhe as relações de parentesco de dous illustres e antiquíssimos ascendentes meus. Peço-lhe que me escute sem me interromper.

O sargento-mór esfregou com força a testa, porque entendia cada vez menos o fidalgo, e principiava a desnortear. Do que ouvia, antolhava-se-lhe que a questão, felizmente, não respeitava a dinheiro. Mas o que queria Vasco Mendes dizer com todo aquelle extenso aranzel genealógico? Esfregou pois a testa com toda a força, e fitou n'elle os olhos muito abertos e muito curiosos :

— O sr. D. Sueiro Mendes de Encourados, meu illustre ascendente, — disse por fim Vasco Mendes, depois de pensar um momento — existiu ha mais de seis séculos, e foi casado com a sr.^a D. Urraca Gil, filha do sr. D. Gonçalo

Gil de Airó. Depois d'elle é que a minha familia principiou a usar do nome de Encourados que hoje tem. Isto ha seis séculos, seiscentos annos, snr. João Peres, e antes d'estes seis séculos, já pelo menos haviam outros seis, que os fidalgos de Encourados existiam sem usarem tal appellido. Agora escute vocemecê a nobreza que de uma tal alliança dimanou para a familia dos Encourados.

— Mas, meu grande amigo, snr. Vasco Mendes, não é preciso... sim, entende?...

— E' preciso, é, snr. João Peres — replicou crudelissimamente Vasco Mendes. — A snr.^a D. Urraca Gil, esposa do snr. D. Sueiro Mendes de Encourados, foi filha do snr. D. Gonçalo Gil de Airó, que mataram na Corma, como diz o conde D. Pedro — logar que, segundo pensa o padre Carvalho e eu com elle, é a serra da Corveã — e da snr.^a D. Ur-

raca Annes, a qual foi filha do snr. D. João Lourenço de Maceira e de sua mulher a snr.^a D. Maria Fernandes Acha...

— Porém veja, snr. Vasco Mendes, que tudo se ha-de arranjar. Eu lhe prometto...

— O snr. D. João Lourenço de Maceira — continuou imperturbavelmente o fidalgo — era filho do snr. D. Gomes Pires de Maceira, que foi origem da familia dos Macciras, e que fundou pelos annos de 1200 e tantos o mosteiro de Santa Maria do Souto no termo de Guimaraens. Este foi casado com a snr.^a D. Moninha Osores, irmã de D. Sarrasinho Osores, ou, como outros dizem, com a snr.^a D. Maria Paes, filha do snr. D. Payo Vasques de Bravaens e da snr.^a D. Sancha Soares, de uma das quaes teve o famoso D. Lourenço Gomes de Maceira, que esteve na conquista de Sevilha em 1242, e o sobredito snr. D. João

Lourenço de Maceira, que, como disse, foi pai da snr.^a D. Urraca Annes, esposa do snr. D. Gonçalo Gil de Airó e mãe da snr.^a D. Urraca Gil, esposa do meu illustre ascendente, o famoso snr. D. Sueiro Mendes de Encourados.

Aqui Vasco Mendes quiz fazer uma pausa, mas, vendo que João Peres ia fallar, acudiu logo :

— A snr.^a D. Maria Fernandes Acha, esposa do sobredito snr. D. João Lourenço de Maceira, era filha do snr. D. Fernão Ramires, o qual foi filho do snr. D. Ramiro Quartela, progenitor da illustrissima familia dos Quartelas. *Acha* lhe puzeram de alcunha por um notavel feito, e foi este o ter seu pai, o snr. D. Fernão Ramires, raptado de noute sua mãe a snr.^a D. Christina Soares, antes de casar com ella, e raptada a levar, á luz de muitas achas, para sua casa, onde concebeu d'elle esta sua filha, que foi a pri-

mogénita d'este acontecimento. A snr.^a D. Christina Soares, snr. João Peres, era filha do snr. D. Sueiro Mouro e da snr.^a D. Urraca Mendes de Bragança. Attenda vocemecê bem a esta filiação. Por ella entronco com o famosissimo snr. D. Arnaldo de Bayão, illustrissimo progenitor de todas as familias mais nobres da provincia do Minho. D'aqui já vocemecê vê, snr. João Peres de Villalobos, que, por este lado, a minha familia entronca com os Airós, com os Quartelas, com os Maceiras e com os Mendes de Bragança.

—Mas, snr. Vasco Mendes, — conseguiu por fim allegar o sargento-mór de Villar — para o nosso caso não é preciso citar os snrs. Maceiras, nem os snrs. Quartelas. Eu já lhe disse, entende? que tudo se arranja...

—Arranja, snr. João Peres, arranja!

—replicou Vasco Mendes, abanando a cabeça e sorrindo incredulamente.

—Arranja, sim senhor, arranja. Diggo-lh'o eu, entende? arranja, ainda que eu haja para isso de dar uma volta no inferno...

—Ah! snr. João Peres, vocemecê não pensa bem no que diz—exclamou Vasco Mendes.—Ora veja se é possível arranjar. Attenda...

—Porém, fidalgo...

—Attenda, attenda. Do snr. D. Sueiro Mendes de Encourados foi filho o snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, de quem meu irmão e seu grande amigo tem a honra de usar o nome, o qual foi casado com a snr.^a D. Urraca Gomes, filha do snr. D. Gomes Ramires e da snr.^a D. Gontinha Nunes. O snr. D. Gomes Ramires...

—Mas, snr. Vasco Mendes, que temos nós para o caso presente com todos

estes senhores? — exclamou de repente o sargento-mór, principiando a perder a paciência.

— O snr. D. Gomes Ramires, sogro do meu illustre ascendente o snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, foi filho do snr. D. Ramiro Ayres e da snr.^a D. Tareja Pires, filha do snr. D. Pedro Affonso de Dorraens e da snr.^a D. Gontinha Hueriz, é neto do snr. D. Ayres Carpinteiro e de sua mulher, a meana ¹ de Selheriz e Leomar, hoje Lamar, padroeira do convento de S. Salvador de Tabosa, freguezia do julgado de Vermuim, onde já se não vêem nem sequer as ruínas do sobredito mosteiro. Este snr. D. Ayres Carpinteiro é o primeiro ascendente conhecido das illustres famílias dos Carpinteiros e Ramires.

— Mas, por alma de meu pai, snr.

1 *Meana* correspondia nos séculos xii e xiii á palavra moderna *senhora*. Vid. Viterbo, *Elucid.*

Vasco Mendes, não me porá v. s.^a em pratos limpos...

— Attenda, attenda — replicou Vasco Mendes, acenando-lhe com a mão para que escutasse. — A snr.^a D. Gontinha Nunes, esposa do snr. D. Gomes Ramires...

— Por vida minha, fidalgo!...

— Foi filha do snr. D. Nuno Vida, descendente das illustrissimas famílias dos Azevedos, Viegas e Coelhoos...

— Snr. Vasco Mendes, — bradou já desesperado o sargento-mór de Villar — affigura-se-me que tenho estado enganado, entende?... V. s.^a quer dizer alguma coisa...

— Tenha paciencia por mais um pouco, snr. João Peres; — interrompeu Vasco Mendes, erguendo a voz de enfadado — é preciso que vocemecê saiba alguma coisa mais. Escute, portanto.

O sargento-mór atirou-se com mau

modo e a tremer de impaciencia para o espaldar da cadeira, e Vasco Mendes continuou depois de brevissima pausa:

—Do snr. D. Ramiro Ayres, pai do snr. D. Gomes Ramires, que foi sogro do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, foi tambem filho o snr. D. Paio Ramires. E por aqui é famosissima a minha ascendencia, porque o snr. D. Paio Ramires, casando em segundas núpcias com a snr.^a D. Gontrode Soares, filha do snr. D. Sueiro Paes Correia, dos Correias de Fralaens, e da snr.^a D. Urraca Hueriz, teve d'ella o snr. D. Gomes Paes de Piscos, que viveu em Santiago de Piscos, freguezia do julgado de Vermuim, e foi o ascendente da illustrissima familia dos Cunhas; e teve mais o snr. D. Gualdim Paes, famosissimo mestre do Templo, fundador dos castellos de Thomar, de Pombal e de Almourol e outros muitos lugares, o

qual foi, como diz o conde D. Pedro, mui bom cavalleiro de armas e muito honrado homem. Tanto o snr. D. Gomes como o snr. D. Gualdim nasceram *a par de Braga*, como diz o dito conde, e o snr. D. Gualdim deixou tudo o que tinha á ordem do Templo, de que era mestre. Como descendente, portanto, do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, bem vê vocemecê, snr. João Peres, que aparento com as antiquissimas famílias dos Carpinteiros, Ramires, Azevedos, Viegas, Coelhos, Cunhas e Correias de Fralaens, tendo ademais a subida honra de contar na minha familia aquelle famosissimo heroe, o snr. D. Gualdim Paes. Mas a honra da minha ascendencia não pára aqui. Do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados e da snr.^a D. Urraca Gomes foi filho o snr. D. Lourenço Fernandes de Aboim...

— Mas, com um milheiro de diabos!

—exclamou de todo impaciente o bom do sargento-mór—v. s.^a não me dirá para que me está ha mais de meia hora a alardear a sua prozápia, snr. Vasco Mendes?

O fidalgo cravou espantado os olhos n'elle.

—Pois vccemecê não percebe?...

—Nem palavra, por alma de meu pai! nem palavra. E se não m'o diz, fico doudo, entende?

Vasco Mendes fitou-o de novo, e depois accrescentou gravemente:

—E' para lhe fazer ver que não posso consentir no casamento de meu filho com sua filha.

—Casamento!... —balbuciou João Peres, abrindo grandes olhos.

—E' preciso não nos disfarçarmos, snr. João Peres de Villalobos—continuou com gravidade o fidalgo.—A sua Camilla tem ousado levantar os olhos

para o morgado de Encourados, e Luiz, esquecendo o que deve ao seu sangue, anima este louco procedimento. Ainda esta manhã... Eu sei tudo, snr. João Peres; mas não posso, não devo dar o meu consentimento, porque, vocemecê bem o vê...

Vasco Mendes não pôde continuar. Aqui João Peres de Villalobos ergueu-se de um salto em pé, roxo de cólera, os dentes cerrados e a tremer convulsivamente. Com os punhos fechados pela raiva, fitou o fidalgo com os olhos a chisparem centelhas, e como quem se reprimia a custo de se arremessar sobre elle.

— Se não fôra irmão de Fernão Silvestre!... — regougou — com um mi-lhão de diabos! — rompeu então, assentando tal murro sobre o espaldar da cadeira, que ella saltou, apesar do peso, no ar, com o espaldar feito em pedaços —

Com um milheiro de diabos! Pois eu já lhe pedi o seu consentimento? Pois eu já lhe disse que queria que minha filha casasse com seu filho? Pois suppoem que lhe invejo nem por pensamento os taes Maceiras e os taes Quartelas e Carpinteiros, que o diabo confunda e a si com elles?

— Snr. João Peres de Villalobos! — bradou o fidalgo, erguendo-se trémulo de cólera.

— E' como lhe digo, — continuou o sargento-mór, voz em grita — é como lhe digo. Minha filha, para casar, entende? não precisa de seu filho. Quando eu pensar n'isso, entende? hei-de encontrar muitos homens honrados, que a queiram, sem perguntarem se ella é aparentada com Carpinteiros ou Quartelas. Guarde a sua fidalguia para quem lh'a desejar, e acredite que o sargento-mór de Villar tem mais honra em ver sua fi-

lha casada com um lavrador honrado do que com o fidalgo mais fidalgo de Portugal. Villão nasci, villão foram meus paes, e honrados villoens morreram tambem. Quero acabar como elles, quero que minha filha viva e morra no credo de seus avós, sem se lembrar nem sequer um momento da vergonha de se aliar com aquelles que vivem na ociosidade, predulando o suor do pobre povo.

— Snr. João Peres, lembre-se que está em minha casa — bradou Vasco Mendes, torvo de cólera.

— Lembro-me que estou fallando com o irmão de Fernão Silvestre de Encourados — replicou no mesmo tom o sargento — que a não ser assim, fallaria de outra fórma, em sua casa ou fóra d'ella, onde quizesse. Snr. Vasco Mendes de Encourados, diz muito bem; é muito fidalgo para se ligar com o villão. Minha

filha seria uma nódoa na sua familia, mas creia, entende? fique-se bem com isto na memória, entende? que para eu dar licença para minha filha casar com seu filho, era preciso que me gritassem muitas vezes aos ouvidos que elle é sobrinho do meu compadre Fernão. Entende? Ademais que o moço é honrado, não o nego mas é seu fi ho e tanto basta. Pelo inferno! — acrescentou com um grito de raiva medonha — pois eu já lhe pedi que consentisse no casamento? Pois suppoem que sequer tal ideia me passou na cabeça? Nunca... nunca... nunca, entende? Agora ainda que vocemecê m'o peça de joelhos.

Depois parando, fitou-o com verdadeiro escárneo, o escárneo da raiva, o escárneo que fulmina, e exclamou com ironia:

— Oh! o grande fidalgo que se peja que o filho pretenda a filha de um villão,

e que se não envergonha de vir de chapéu na mão pedir ao villão a esmola de lhe emprestar dinheiro? Pois olhe, se isto é fidalguia, entende? guarde-a, e limpe depois a mão á parede, que ha-de ficar n'ella signal que faça fugir os que tiverem bom cheiro, entende?

Aqui o sargento-mór levou desesperado as mãos á cabeça, e as lágrimas saltaram-lhe pelos olhos fóra. Vasco Mendes, hirto e pálido como um cadáver, fitava-o sem dar palavra. E' que ambos se sentiam impellir um para o outro pelo affecto de muitos annos, e conheciam ao mesmo tempo que de um lado o orgulho heráldico e do outro o genio irritavel e o brio do homem honrado estavam cavando entre elles um abysmo, que os separava eternamente.

—Snr. Vasco Mendes—disse por fim o sargento-mór, procurando acalmar-se—de hoje por diante nem eu nem

Camilla tornaremos a pôr aqui os pés. Fique descansado a esse respeito, entende? Finja que nunca me viu, nem conheceu.

— Snr. João Peres — disse gravemente o fidalgo — acredite que, apesar de tudo o que acaba de dizer, nunca deixarei de ser seu amigo. Desculpo-o, á conta da paixão que o cega. Em quanto ao consentimento para o casamento de meu filho com sua filha, nunca o darei.

Isto foi deitar de novo fogo á mina.

— Com um milheiro de diabos! — bradou João Peres, batendo com o pé no chão — pois eu peço-lh'o, pois eu quero-o, pois eu consinto? Nunca... nunca... nunca. Seria mais facil matal-a com as minhas próprias mãos, do que consentir em que ella case com um filho seu, entende? Eu vou-me já d'aqui embora; tenho medo até de sujar as solas das botas, mas sempre lhe quero dizer



Olá Snr. Fidalgo, mande-me pagar o que me deve

antes de sahir, que quando nos encontrarmos lá fóra não me salve, nem sequer me salve, entende?

Assim dizendo, dirigiu-se á porta; mas, chegando junto d'ella, parou, e, retrocedendo alguns passos para dentro da sala, bradou rijamente :

— Olá, snr. fidalgo, mande-me pagar o que me deve, senão olhe que o mando citar.

Vasco Mendes não respondeu palavra. Conhecia-se-lhe porém os esforços que fazia para conter-se.

João Peres sahiu, estonteado e como um touro, do gabinete do morgado. Parecia lançar fogo pelos olhos, e que o sangue lhe queria romper pelas faces fóra. D'esta fórma entrou na sala, onde se tomava o café, e onde D. Luiza e Camilla aguardavam, uma que chegasse o marido e a outra o pai.

— A pé, filha, a pé — bradou o sar-

gento-mór, dirigindo-se á filha — saiamos d'esta casa, com um milheiro de diabos! Nunca tu aqui tiveras entrado, ou então que uma bala me tivesse lambido lá pelas guerras onde andei. A pé, não ouves? Com tres raios de diabos! se não saio d'aqui arrebento, entendes?

Camilla poz-se maquinalmente de pé, e deixou-se conduzir por elle, sem saber o que fazia nem para onde a levavam. Os convidados olhavam todos espantados esta scena tão inesperada como despropositada.

— Que é isto, snr. João Peres? — exclamou D. Luiza, fazendo parar Camilla.

— Deixe-a... deixe-me, snr.^a D. Luiza — bradou o sargento-mór fóra de si.

— Mas que é? que aconteceu?

— Que aconteceu? Aconteceu que não torno a pôr aqui mais os pés, entende? Seu marido acha-me villão de mais para elle. Só para lhe emprestar dinhei-

ro é que não. Olá, meus fidalgos — acrescentou, dirigindo-se ao grupo dos primos, — é pagarem-me dentro em oito dias o que me devem, entendem? Olhem que se me não pagam, mando-os citar, e metto-lhes a penhora de portas a dentro. Veremos se lhes valem os Quartelas e os Carpinteiros.

Assim dizendo, voltou-se, puxando por Camilla para a porta.

— Snr. João Peres, pelo amor de Deus! socegue, diga-me o que foi isto — balbuciou D. Luiza.

— Socegue! — exclamou João Peres — Eu estou socegado, snr.^a D. Luiza. Olhe que não tenho pena nenhuma de cá não voltar, entende? Não pense que a tenho, pelo inferno! Assim como assim, para que diabo hei-de ter pena? Seu marido insultou-me, entende? insultou-me como ninguém ainda me insultou até hoje, entende? Póde gabar-se d'isso, mas

tambem póde dizer-lhe que se lh'o soffri foi por causa de meu compadre Fernão, entende? e... e... e tambem pela senhora, pelo inferno! e tambem por amor do Luizinho... Ai que eu arrebento! — exclamou aqui, levando os punhos cerrados aos olhos, por onde as lágrimas queriam saltar quatro a quatro.

Assim dizendo, puxou violentamente por Camilla, e com ella desceu a correr a escada, bramindo e vociferando, e tão atordoado e fóra de si que nem sentia que ia em cabello, e que deixava por despojos d'aquella triste campanha o seu famoso chapéu de dous bicos.

A poucos passos de Villar, viu-se obrigado a parar pelos amiudados brados de um creado que corria apoz elle, levando-lhe o precioso objecto. João Peres tomou o chapéu, metteu-o ás tôas na cabeça, depois partiu de esfusiada com a filha, continuando a bramir, a regou-

gar e a vociferar sem se lhe entender palavra, e sem que elle mesmo se lembrasse de que a pessoa, que assim levava quasi a rastos, era a sua mimosa e querida Camilla, que não estava affeita áquellas caminhadas a pé e a passo dobrado.

A alguns passos mais adiante, João Peres topou pela frente com Luiz Vazques, que desembocava de uma azinhalga lateral. Ao ver o rosto afogueado do sargento-mór, os seus gestos azougados, e as lágrimas a deslisarem pelo rosto de Camilla, Luiz correu para elles, e atravessou-se-lhes diante.

— Que aconteceu snr. João Peres?
— bradou com anciedade.

— Deixe-me, com um milheiro de diabos ! — respondeu o sargento-mór sem querer parar — vá dizer a seu pai que me pague, senão que o mando citar.

Em quanto a si, não me torne a pôr os pés em casa, entende?

O rosto de Luiz Vasques tingiu-se repentinamente do rubor da indignação e da cólera; mas os olhos de Camilla fixaram-se n'elle tão anciosos e tão supplicantes, que o moço, sem replicar palavra, arredou ao lado, e deixou-os passar.

VI

Por muito que a ventura me persiga,
Pois quiz que a minha gloria fosse amar-te,
Que outro mal póde dar-me ou que tormento
Que se eguale com este apartamento?

ANDRADE. *Cerco de Diu.* Cant. III est. 64.

A noite, que se seguiu áquelle azangado dia 13 de março, foi noute formosissima—fria, mas de ceu tão límpido e de luar tão claro e tão brilhante que mais o não sonhou de certo o grande Shakespeare, quando imaginou os veronezes Romeu e Julietta a fallarem de amor no jardim dos Capuletos.

A esta hora um homem, montado n'um bello e possante cavallo preto,

com a cabeça coberta por um chapéu desabado, e o rosto meio embuçado na gola de um capote de cabeçoens, que o envolvia até os pés—capote da raça d'aquelles que ainda hoje apparecem no Minho, medonhos de fartura e de peso, transumpto, quanto a mim, dos memoraveis ferragoulos dos nossos passados —atravessou Villar de Frades, e entrou em S. João de Areias, em direcção á quinta do sargento-mór, cujos muros serviam de extremas ás duas aldeias.

Chegado ao pequeno largo, sobre o qual abria o portão da quinta, o cavalleiro fez parar o cavallo, e, lançando-lhe para a garupa o capote, desmontou-se de um salto. Depois tomou o cavallo pela rédea, e prendeu-o ao tronco de um velho carvalho que ahi havia.

O recém-vindo era Luiz Vasques de Encourados. Depois de se certificar que o cavallo estava bem preso, compoz o

capote de fôrma que não resvalasse da garupa a qualquer movimento do animal, e em seguida poz-se a caminhar ao longo dos muros, levando sobraçada uma espada de dous gumes e de copos de aço polidissimo, que comsigo trazia.

Os muros da quinta do sargento-mór eram, como são geralmente todos os muros das propriedades minhotas, que não foram de frades ou de fidalgos, de pouca altura e de pedaços de granito, de diferentes dimensoens, postos uns em cima dos outros. A pouca distancia ao longo d'elles, Luiz Vasques parou em frente de um lugar, onde houvera em outro tempo um *portêllo*¹, e que então

1 Portêllo chamam no Minho a qualquer meio arranjado n'um muro para o transpor sem necessidade de entrar pela porta. A's vezes servem de portêllo duas, tres, quatro pedras —o numero é segundo a altura—salientes, collocadas em fôrma de escada; outras uma abertura em semi-circulo defendida aos porcos por uma cova; outras é até portêllo um pedaço de muro cahido.

se achava quasi derribado de todo. Reconhecido o logar, saltou para dentro do muro, e encaminhou-se em direcção á casa, por uns carreiros emmaranhados, que atravessavam uns campos, mas que elle pizava como perfeito conhecedor. Ao descer um socalco assombrado por uma vinha e por alguns castanheiros cobertos de videiras, ergueu-se diante d'elle o vulto de um homem, que ao reflexo do luar clarissimo que fazia, distinctamente se desenhava com uma espingarda na mão. Luiz Vasques parou.

— Trinta e tres ! — disse a meia voz.

O homem tornou a sentar-se, tossindo grosso. Luiz aproximou-se d'elle.

— Trinta e tres, — disse-lhe, pondo-lhe a mão familiarmente sobre o hombro — obrigado, amigo. E's um homem honrado e leal. Aqui estou.

— Vamos a contas, snr. Luizinho — respondeu casmurramente o velho cama-

rada do sargento-mór. — Amigos amigos, mas negócios á parte. Sou muito seu amigo e da menina; mas por fim de contas não sou homem que me metta n'estas alhadas, sem lhe saber o fim. Então qual é o seu sentido para com a menina?

— Já t'o disse, amigo — respondeu Luiz Vasques — Seja o que for, hei-de casar com ella.

— Vamos por partes — volveu o velho soldado. — Eu não sou homem para cou-sas no ar. Pão pão; queijo queijo, e sem isso nada feito. V. s.^a disse-me hoje, quando me contou aquella negregada disputa entre seu pai e o meu capitão, e me pediu que dissesse á menina que precisava fallar-lhe esta noute por força, disse-me que havia de casar com ella, e que não casava com outra. Ella disse-me, pedindo-me que lhe protegesse a escapatória, que havia de casar comsigo. Porém, senhor, tudo isto não passa de palanfró-

rio, e n'estes negocios quero cousa mais certa; porque, senhor, se v. s.^a faltar ao que me prometteu, dou-lhe um tiro tão certo como Deus ser Deus. Nunca ninguem me faltou, que m'as não pagasse. Portanto olhe em que se mette. Que me diz, senhor?

—Amigo,—respondeu Luiz Vasques, pondo-se de pé—juro-te por Deus, pela minha honra e pelo nome de meus pais, que não casarei senão com Camilla. Vivo ou morto serei d'ella. A minha honra e a minha vida respondem-te pela minha palavra.

—Bem, estamos entendidos; disse o veterano, erguendo-se — v. s.^a é homem honrado; conheço-o, fico por fiador da sua palavra. Se a não cumprir, o fiador está aqui—acrescentou, batendo no cano da espingarda. —Nunca ninguem me faltou, que m'as não pagasse. Ora bem, senhor, vá v. s.^a ali para junto da margem

do rio, e espere-me que vou buscar a menina.

Dizendo isto, o veterano moveu-se para caminhar, mas Luiz Vasques sustentou-o por um braço.

—Aguarda um pouco, amigo, tenho que te fallar — disse o moço, depois de estar um momento pensativo.

O veterano parou, e fitou-o com olhar curioso e desconfiado.

—Trinta e tres, é preciso que te diga tudo.—disse por fim o joven morgado.

—torna-se necessario que tu me empenhes tambem a tua palavra de cumprires uma missão que em razão da promessa que existe de mim, tenho direito a encarregar-te, e que espero da tua amizade que cumpras fielmente.

—Diga — rosnou o veterano.

—Não sei se será esta a última vez que, por muito tempo, tornarei a ver a minha Camilla...

— A última vez !..

— Os francezes ou já entraram ou estão a entrar em Portugal...

— Que me diz, senhor !..

— Esta é a verdade, amigo. Soult iludiu o general Bernardim Freire. Thomier ficou entretendo as nossas tropas na margem do Minho, e Soult, com o grosso do exercito, avançou para Traz dos Montes. A estas horas é possível que já tenham entrado em Portugal. Os fachos da serra de Barroso já se apagaram. Vai portanto recommençar a guerra, e eu, como vês, tenho de novo de me alistar n'ella...

— E' o seu dever — bradou o velho soldado.

— Que hei-de cumprir, como fidalgo que sou — replicou o morgado de Encourados. — A guerra vai portanto começar; quando acabará não sei, e portanto não sei tambem quando tornarei a ver Ca-

milla. Longe d'ella e com a inimizade que o snr. João Peres tem hoje á minha família...

—Qual inimizade, nem qual diabo! —interrompeu o veterano— Tudo aquillo são feros; eu conheço-o bem. A'manhã já nada lhe lembra. E' mais facil elle arrebentar por todas as costellas, do que deixar de ser amigo de toda a sua família, e sobre tudo de seu tio e de si, snr. Luizinho. Vá com isto que lhe digo, fidalgo; eu conheço bem o meu capitão.

—Eu assim o espero tambem, amigo;—replicou Luiz Vasques—confio que o snr. João Peres ha-de conhecer que um erro de meu pai...

—Muito mal feito, com um milhão de diabos! Nunca tal pensei do snr. Vasco Mendes, por vida minha!

—E' preciso perdoar-lhe, Trinta tres;—replicou o moço—assim o crearam; não póde ser superior áquellas

ideias. A estas horas já está de certo arrependido, porque meu pai ama Camilla como filha, e é incapaz de sacrificar a minha felicidade a qualquer preconceito, por mais forte que seja. Mas eu vou estar muito tempo ausente, amigo, e o sr. João Peres póde esquecer-me, e querer casar Camilla...

— Qual casal-a, nem meio casal-a, com um raio de diabos!

— E Braz de Paiva pretende-a... ha-de empregar todos os meios para a obter... e eu ausente... Tu sabes de que elle é capaz...

— Com um milhão de diabos! se se aproxima, arrebento-o! — exclamou o veterano, tomando a espingarda ás mãos ambas.

— Dás-me a tua palavra de defender Camilla, de a proteger contra todos... contra seja quem for?..

O veterano deu um passo para traz,

depois exclamou, estendendo a mão para elle :

— Juro-lhe pela minha salvação, juro-lhe pela minha honra, que a Camillinha não casará senão com quem ella quizer, e que, entretanto que v. s.^a for vivo e auzente, não casará com outro, quer ella queira quer não.

— D'ella estou eu seguro. Obrigado, mil vezes obrigado. E's um verdadeiro amigo ; nunca o esquecerei — disse Luiz Vasques, apertando-lhe a mão com gratidão. — Agora vai dizer-lhe que estou aqui.

O veterano tomou então apressado o caminho da casa, e Luiz Vasques encaminhou-se para o lado do rio, que ficava a pequena distancia.

Alguns minutos passados appareceu Camilla acompanhada pelo veterano.

— Menina, — disse este ainda a distancia do moço — acolá está o snr. Lui-

zinho. Vá ter com elle, mas não se demorem muito. Eu vou dar uma volta de olhos á quinta, e depois vou pôr-me de sentinella, que não vá o diabo acordar seu pae. Quando voltar, o Luizinho que a acompanhe até á porta; fica encostada.

Camilla correu para o lugar, onde Luiz Vasques esperava por ella. O veterano seguiu-a algum tempo com os olhos, depois voltou-se, e tomou em direcção opposta.

— Só pelo diabo ! — resmungava elle, caminhando— Eu mettido a capa de amores ! Que diria o meu capitão se viesse a sabel-o?... Raios de diabos ! A culpa é d'elle. O rapaz é uma pérola, e a pequena quer-lhe mais do que aos olhos da cara. Para que havia o capitão de enfundar-se com o tolo do pai ? Adeus ; está decidido. Se se zangar, ha-de ouvir-me quatro verdades tezas na cara. E tenho dito.

Camilla chegára entretanto ao lugar

onde estava o moço morgado. Este, mal a sentiu, correu para ella, e a pobre menina lançou-se a tremer nos braços d'elle. Luiz cingiu-a com amor ao coração, depois fel-a sentar n'uma pedra que havia quasi á margem do rio, entre algumas das formosas árvores, que o bordam.

—Camilla, minha adorada Camilla, —disse então o moço, ajoelhado junto d'ella, com as mãos d'ella entre as suas, e fitando-a com os olhos cheios de amor e de afflicção —quem havia de dizer, ainda esta manhã, que eram precisas todas estas cautellas para eu te poder fallar!

—Ai, meu Luiz adorado, —replicou a linda menina a tremer —que medo que tive quando vi meu pai assim!... E o que tenho soffrido depois que elle me disse o que se passou!

— Bem o dizia minha mãe, Camilla; bem o previa ella!

— E agora... que havemos de fazer?

— Ter esperança em Deus, e confiar no amor d'aquella santa.

E depois de um momento de silencio, continuou:

— E o peor, minha Camilla... ainda tu o não sabes, querida. Quiz hoje fallar por força contigo, porque preciso de ouvir outra vez da tua bocca que me amas, que nunca serás de outro. Porque eu, Camilla, eu... venho dizer-te adeus... parto, talvez que para muito tempo...

— Tu, Luiz... tu, meu Luiz!

— A guerra vai recommençar, Camilla, e a honra manda-me que vá alistar-me para defender a nossa pátria...

— Tu... tu... tu!... — bradou a pobre menina com os olhos espantados

e circulando o amante com os braços como quem o queria reter.

O moço roçou com um beijo cheio de amor a fronte, que a pobre innocente pendia para elle; depois ficou a contemplal-a com os olhos húmidos de pranto e como atonisado pela dôr. De repente fez um esforço sobre aquella fraqueza, ergueu-se, e sentou-se ao lado d'ella.

— Camilla, anjo da minha vida, — disse então em voz ainda trémula, mas onde já eccoava com toda a clareza a sublime virilidade d'aquella alma — é preciso que não succumbamos. A minha partida é irrevogavel, é forçosa. A honra e o dever exigem que eu parta...

— E deixas-me! Abandonas-me aqui... sósinha, entregue ao continuo receio de te perder?

— Camilla... Camilla, por Deus! não me tortures assim. Anjo... anjo da minha vida, tu que Deus destinou

para companhia da minha existencia, não me queiras ver deshonrado... não queiras que eu seja um infame. Camilla, se eu não partir, se me deixar aqui ficar, sem ir reunir o meu nome ao nome de tantos valentes que vão arriscar a vida pela pátria, sabes o que dirão de mim, sabes o que dirão do homem que tem de sustentar a glória e a honra do braço de Encourados?..

—Parte, meu Luiz, parte, — disse a linda menina em voz que parecia soar de dentro do coração com melodia tão triste e tão melancólica que o moço sentiu-se apossado de terror—parte... e depois não esqueças a tua Camilla, ao menos recorda-te d'ella com uma lágrima...

—Camilla... Camilla, que querem dizer essas palavras?—bradou o moço, delirando de terror e apertando-a com força contra si.

— Luiz, — replicou ella com voz triste — suppoens que eu possa viver muito tempo com o pungir d'este sobresalto! Olha, sinto que principio a morrer!

Luiz Vasques soltou um grito apavorado, e, cingindo-a com mais força, fitou n'ella o olhar desvairado. A cabeça de Camilla cahiu-lhe então quasi desanimada sobre o hombro.

Alguns minutos depois o moço recuperou a virilidade do espirito. Beijou ternamente a amante na fronte, e, animando-a com affagos e caricias, conseguiu fazer reviver aquelle ente franzino e delicado como a sensitiva.

— Escuta, Camilla — disse-lhe por fim em voz maviosa. — Isto é um sonho, não póde ser mais do que um sonho. Pois é possível que tu, que me amas desde o berço, queiras matar-me assim, deixando-te morrer, não forcejando por viver para que eu viva tambem? Camil-

la, minha Camilla, torna a ti. Não, não é possível que tu, a cujos pés eu desejára lançar enfeixados todos os sceptros do mundo; que tu, anjo que me allumias a vida; que tu... que tu te deixes morrer porque eu não quero ser um infame. Deus protege o nosso amor, querida; Deus ha-de guardar-me nos campos da batalha, porque Deus não quer que tu morras, porque Deus fez a minha vida necessária á tua...

— Oh! Luiz... Luiz, se morreres...

— Não, não hei-de morrer, querida. Voltarei em breve tempo, tu o verás; e digno de ti, mais digno ainda do teu amor, porque voltarei merecedor de que tenhas orgulho de me amares, porque voltarei com um grande nome...

Aqui o moço interrompeu-se, e, pondo-se de pé, exclamou com os olhos cheios de entusiasmo:

— Escuta-me, Camilla, e por Deus,

não me deixes partir só com a saudade e sem a convicção de que a mulher, que amo, é digna de ser amada por mim, porque me segue aos combates com orações que pedem a Deus a minha vida... mas a minha vida com honra e glória. Camilla, Camilla, repara bem; se eu não partir, se me deixar ficar para ahí como um cobarde ao canto de solar de Encourados, no fim da guerra, quando os nossos vizinhos voltarem cobertos de louros e de glória, serei notado como um miseravel, e tu como a mulher de um infame, que se recusou a combater pela independencia da patria; que se furtou á glória, porque, para a alcançar, era preciso expor a vida ás balas do inimigo. Mas se partir... quando voltar—que hei-de voltar, Camilla, que me diz o coração que hei-de voltar, e Deus quer que eu volte—quando voltar, trarei um no-

me famoso, merecedor do teu coração. Os que te virem, hão-de admirar-te, hão-de invejar-te; porque, por vida tua! juro-te pelo nosso amor, que Luiz Vasques de Encourados ha-de ser digno do nome dos seus passados e digno de ser amado por ti. Camilla, minha Camilla adorada, preferes ser esposa de um infame, e de um villão deshonorado, a sel-o de um homem benemerito do seu paiz e glorioso por feitos eguaes ao grande nome que herdou?

— Parte, parte, meu Luiz — balbuciou a linda menina, esforçando-se para apparentar coragem.

— Oh! bem hajas tu, anjo, bem hajas tu! Agora promette-me, Camilla, que te não has-de deixar morrer de saudade, que has-de viver para mim...

— Luiz, parte... vai, mas dá-me sempre noticias tuas. Olha poem esta imagem sobre o coração... nunca a dei-

xes ; entretanto que a trouxeres lá... viverei.

E dizendo, a linda menina tirou do seio um pequeno crucifixo de ouro, que trazia pendente por um cordão do mesmo metal.

O moço tomou o crucifixo, e levou-o com fogo aos lábios.

— De toda a parte te escreverei — exclamou elle — terás a cada momento noticias minhas. O saber a miúdo de ti é necessário para que não esfriem nem a minha coragem, nem a minha dedicação pela pátria. Terás contínuas noticias minhas, contínuas ; e nunca esta imagem me sahirá de cima do coração. E se morrer acrescentou, erguendo a mão para o céu — juro-t'o por ella, juro-t'o pelo nosso amor, que virei do outro mundo a annunciar-t'o com um beijo... com um beijo sobre os lábios da minha esposa... sobre os teus lábios, e para que saibas

que cumpri a minha promessa, deixarei este cruxifixo junto de ti, quando dormires. Camilla, voltarei vivo... oh! voltarei, voltarei, que m'o diz o coração, porque tu juraste que nunca pertencerás a outro, e que não te deixarás morrer. Voltarei, porque sei que estarás á minha espera. Oh! bem hajas tu, meu anjo adorado, bem hajas tu que consentes na glória de meu nome, e que me não embarças os passos com medos pueris e indignos de nós ambos.

Assim dizendo, o moço deixou-se outra vez cahir de joelhos junto d'ella, e cobriu-lhe de beijos as mãos. Apesar do entusiasmo e da virilidade, que aquellas palavras respiravam, ainda assim era facil de conhecer, que Luiz Vasques illudia com aquelle arrebatamento a vivissima dôr que o pungia.

—Deixa-me olhar bem para o teu rosto, querido anjo, — continuou por fim

— deixa-me contemplar-te bem. Poucos momentos me restam para a fazer antes de terminar o intervallo indefinido que vai medear entre este instante e a nossa felicidade futura. D'aqui a duas horas devo estar em Braga. Vou fallar com Bernardim Freire, vou começar ao lado d'elle a minha vida de soldado, a minha vida de glória. Depois lançar-me-ei dentro dos muros do Porto. E' ali onde os francezes hão-de achar o que são verdadeiros portuguezes. Oh! Camilla, que sublime e vasto não é o campo, onde vou colher a glória do nosso futuro! Do nosso futuro, sim, Camilla, que eu voltarei... voltarei...

— E quem lhe assegura que ha-de partir?— soou então uma voz de dentro da sombra, que uns poucos de troncos de árvores muito juntas faziam mais es-
pessa no meio da luz tibia, que coava
atravez do arvoredado mais espaçado.

E ao mesmo tempo sahiu do meio d'aquellas árvores um homem, de estatura mediana, armado com uma clavina, que trazia aperrada.

O luzir d'aquelles olhos de coruja, o nariz adunco e na ponta muito revirado para a bocca, e os lábios contrahidos por um sorriso de ironia satânica, deram logo a conhecer o perseguidor de *De profundis*, o infame morgado da Barca.

— Ah! ah! — disse, soltando uma gargalhada de escárneo ferocissimo — que diria o honrado sargento-mór do Villar se soubesse que a innocentissima e cândida filha está a conversar a sós com um homem, aqui ao luar, a estas horas mortas da noite? Por minha fé, que estou tentado a ir bater-lhe á porta e advertil-o da innocencia d'esta querida pombinha. Bem me parecia a mim que tanta virtude era inspirada por estas torpezas. Mas emfim, um bom dote...



...e o tiro partiu com pontaria às estrelas

Braz de Paiva não pôde continuar. Ao reconhecê-lo, Luiz Vasques respondera ao grito de terror de Camilla com um brado de raiva selvagem; mas a linda menina enlaçára-se tenazmente n'elle, e embaraçára-o o tempo preciso para o morgado da Barca ter tempo de vociferar todos aquelles insultos. Luiz libertou-se por fim dos braços de Camilla, e arremessou-se de um salto para elle. Braz de Paiva levou então a clavina á pontaria, e fez fogo.

O tiro passou, porém, muito por cima da cabeça do moço senhor de Encourados. Ao mesmo tempo que Braz de Paiva levou a clavina á cara, um homem saltou como um animal selvagem de cima de uma das árvores, ergueu a clavina com a mão, e o tiro partiu com pontaria ás estrellas. Braz de Paiva voltou-se animado pela raiva de um demónio.

—Ah! foste tu, maldito!—bradou,

levantando a clavina sobre a cabeça do recém-vindo.

Este cozeu-se de repente com elle, ergueu o braço secco e descarnado, e assentou-lhe o punho fechado em cheio sobre o cráneo. Braz de Paiva cambaleou, e cahiu para a frente.

— *De profundis clamavi . . . Requiem eternum* — entooou o recém-vindo; e, dando de repente um grande salto para traz, desappareceu n'um instante atravez do arvoredor.

Luiz Vasques, cego pela colera, a ponto que mal distinguia estes factos que rápidamente se succederam uns aos outros, colheu Braz de Paiva pela gola, quando elle ia a cahir atordoador pelo murro que *De profundis* lhe assentára na cabeça. Colhel-o, erguel-o em peso com a mão esquerda, e leval-o de encontro a uma árvore que havia junto do rio, foi tudo um momento. Soltou-o en-

tão da presa com que o levava aferrado ; e elle, a espumar sangue pelos cantos da bocca, cahiu com a cabeça de encontro á raiz da árvore, parte da qual já era, banhada pelas aguas do rio. Luiz poz-lhe então um pé sobre o peito, e fitou-o com um olhar torvo de ferocidade, entretanto que a espada, que tomára, ao arremessar-se sobre elle, lhe tremia convulsivamente na mão direita.

Então ouviu-se um grito de agonia profundissima, e o baque de um corpo que cahira. Este grito e este som fizeram voltar Luiz Vasques a si. Olhou, e viu Camilla estendida por terra, como morta. Esqueceu de repente o morgado da Barca, correu a ella, ajoelhou, e cheio de afflicção e de anciedade, levantou-a a meio corpo, e tomou-lhe a cabeça sobre o joelho.

O pobre moço, delirante e sem saber o que havia de fazer, tentou reviver a

mimosa menina com beijos, com affagos, e por todos os meios que a afflicção lhe suggeria. Esteve assim uns poucos de minutos, estorcendo-se na tortura da mais viva agonia, sem conseguir d'ella o mais pequeno signal de vida. Então viu erguer de novo Braz de Paiva. Os olhos de Luiz Vasques reluziram como os olhos de uma fera. Empunhou de novo a espada, e sem abandonar Camilla, fittou-o com olhar lampejante e os dentes cerrados pela raiva.

Braz de Paiva ergueu-se pállido e ensanguentado, como cadaver de homem assassinado. Olhou duas ou tres vezes como estonteado em volta de si; por fim fixou a vista em Luiz e em Camilla. A bocca encrespou-se-lhe então com o seu sorriso de ironia satânica. Caminhou alguns passos para elles, e disse, parando:

—Trégoas, snr. Luiz Vasques de

Encourados, façamos trégoas por hoje. Bem vê que é preciso cuidar d'essa senhora; de outra sorte póde morrer-nos assim.

A estas palavras, que pronunciou com ironia bem accentuada, parou um instante, e depois acrescentou, em voz mais baixa e como respondendo ao pensamento que lhe pairava na cabeça:

— O doido teve razão. Era vingança pobre de mais para mim. Devo vingar-me de outra sorte. Mas enfim, a não ser elle... O que estava feito, estava feito. Elle m'as pagará.

A estas palavras tomou o chapéu desabado, que trouxera na cabeça, e, dirigindo-se ao rio com passos ainda desiguaes, encheu-lhe de água a copa, e voltou para junto de Luiz.

— Lance-lhe uma pouca de água no rosto,—disse, estendendo o chapéu para elle — deve fazel-a tornar a si.

Luiz Vasques mediu-o de alto abaixo com olhar desconfiado e arrogante; depois sujeitou a folha da espada debaixo do joelho que tinha em terra, e tomando uma pouca de água com a mão, espargiu-a sobre o rosto de Camilla.

A linda menina estremeceu violentamente, e depois começou a debater-se ao de leve nos braços de Luiz. Este seguia-lhe os movimentos com um olhar cheio de afflicção; ao mesmo passo que Braz de Paiva, curvado um pouco para ella e ainda com o chapéu cheio de água nas mãos observava aquelle voltar á vida com a anciedade de quem receia perder algum objecto de grande valor, e ao mesmo tempo com a ironia cínica e fria de quem estuda passo a passo os lances de uma agonia em que se revê.

— Não tarda que volte a si; — disse por fim — mas antes que volte, permittame que aproveite esta occasião, em que

pela última vez podemos conversar sem perigo, para lhe dizer duas palavras, que desejo dizer-lhe.

O moço morgado relanceou-o com um olhar de profundo desprêso, e voltou de novo o rosto para Camilla.

— Snr. Luiz Vasques de Encourados, — continuou Braz de Paiva — convem-me casar com essa senhora, e convem-me porque não conheço outra n'estes arredores, que seja tão rica como ella, e que esteja em tão boas condições de familia para casar commigo.

Luiz Vasques soltou um rugido abafado, e levou machinalmente a mão ao punho da espada; mas um movimento mais convulso de Camilla fel-o de novo esquecer o miseravel, que se aproveitava covardemente d'aquella occasião, para lhe fazer a affronta de lhe dirigir a palavra.

— Já vê — continuou Braz de Paiva

—que n'estas circumstancias ser-me-ia sempre difficil o deixar de proseguir na realisação d'esta ideia. Não sou homem para abandonar, por meras considerações, qualquer plano que formo. Os meios nunca faltam a quem quer verdadeiramente e eu quero, e não sou dos que param diante da escolha dos meios. Comtudo, palavra de cavalheiro, se esta manhã v. s.^a me tratasse como eu tenho direito a ser tratado, não sei o que faria. E' muito provavel que tivesse procurado em outra parte. Agora ou eu ou v. s.^a...

—Miseravel! — balbuciou Luiz Vazques, trémulo de colera.

Braz de Paiva sorriu-se irónicamente, e em seguida continuou:

—O expediente, de que ha pouco quiz fazer uso, era o mais prompto. Assim terminavam todas as competencias. Falhou, paciencia. Mas visto que falhou, previna-se, que vai haver guerra de mor-

te entre nós, e o inimigo que tem pela frente não morre de abafas, nem succumbe diante de féros. Não lhe cedo a posse d'essa mulher, senão com uma condição. Deixo-lh'a, consinto no seu casamento com ella, se, pelo valor do dote d'ella, quizer hypothecar-me os rendimentos da casa que ha-de possuir no futuro. Decida-se, que é esta a última vez que póde haver transacção entre nós. Passada esta occasião, não me contento com menos do que possuir tudo, a mulher e o dote. Que responde, snr. Luiz Vasques?

Luiz Vasques ergueu-se automaticamente n'um ímpeto de raiva; mas o peso de Camilla, que sustentava ainda quasi immovel nos braços, advertiu-o da impotencia de se vingar n'aquelle momento.

— Villão, foge de diante de mim... senão mato-te! — balbuciou em voz abafada.

—Menos fogo e mais prudencia, meu nobre fidalgo—replicou Braz de Paiva irónicamente.—Ao menos deve concordar que me pórtio n'este momento muito cavalheirosamente comsigo, não indo bater áquella porta e bradar pelo bom do sargento-mór para que venha presenciar esta scena.

—Infame!

—Não vou, isto é tudo por fallar. Não tenha cuidado; eu não perco a cabeça com essa facilidade. Prevejo o que poderia acontecer; mas de tudo o que acontecesse nenhum proveito se me podia seguir. Ora pois, está a guerra francamente declarada entre nós. De hoje ávante não tem de que se queixar de mim. Previna-se, que lhe juro pela luz que nos allumia, que nunca será marido de Camilla, e que eu hei-de ser senhor da fortuna do sargento-mór de Vil-

lar. Em quanto a ella, eu a saberei curar d'essa paixão, não tenha dúvida.

N'este entretanto Luiz Vasques já tinha sentado Camilla na pedra, onde ha pouco estivera, e com ella encostada a si, fitava Braz de Paiva com olhar scintillante e a ponta da espada, que tinha na mão, como que machinalmente voltada para elle. Ao ouvir-lhe as últimas palavras, a cólera cegou-o de todo. Sem reparar no que aconteceria á pobre menina, correu sobre elle, soltando um rugido abafado.

Camilla tinha porém voltado a si, e ouvira as palavras do morgado da Barca, a tremer de medo e sem se atrever a dar rumor de vida. Ao sentir-se abandonada do amparo do amante, soltou um grito, e ergueu-se hirta de pé. Este grito eccoou no coração de Luiz Vasques, e fel-o parar. Voltou-se, e fitou-a

um momento; depois mediu Braz de Paiva instantaneamente.

—Anjo, obrigado—balbuciou, voltando-se de novo para ella—seria des-honrar-me!

Assim dizendo, passou de repente a espada para a mão esquerda, e correndo, para o morgado da Barca, exclamou:

—Infame, villão, assassino miseravel, arreda d'aqui; não me sujes mais com a tua presença!

E com estas palavras empurrou-o com força para a frente, e levou-o a pontapés na distancia de alguns passos em direcção ao muro. Um novo grito de Camilla fel-o parar, e correr outra vez para ella.

Braz de Paiva, tinha ido ás tôas e como uma péla diante do bico da bóta, que o morgado de Encourados impellia contra elle com força, a que não podia resistir. Quando parou, voltou-se, e fi-

tou-a com um olhar chaminejante e com um sorriso de ironia ferocissima.

—Tu m'as pagarás! — rosnou por fim em voz sumida e meneando ameaçadoramente a cabeça.

Depois dirigiu-se a passos ligeiros para o muro, e desappareceu, saltando por sobre elle.

Luiz Vasques correra para Camilla, que estava hirta e espantada de medo.

—Camilla, minha Camilla adorada! — exclamou elle, cingindo-a com os braços.

—Luiz... eu morro! — balbuciou a pobre menina, cahindo-lhe a tremer nos braços.

—Camilla... anjo, sou eu... não tenhas medo... sou eu, repara, sou Luiz. De que temes?... de que temes?... Estou aqui — balbuciava o pobre moço de todo perdido e sem saber o que dizer, nem fazer.

Camilla olhava-o com olhos espantados, a balbuciar palavras inintelligiveis, e sem forças para se sustentar de pé logo que lhe faltasse o auxilio dos braços d'elle.

Felizmente o Trinta e tres appareceu n'este momento, caminhando apressadamente para elles.

— Que é isto, snr. Luizinho? — disse um pouco atrapalhado — que tiro foi aquelle? Que tem a menina? que aconteceu? que foi isto?

Luiz Vasques informou-o rápidamente do que tinha acontecido com Braz de Paiva.

— Com um milhão de diabos! — bradou o veterano, batendo impaciente com o pé na terra — porque m'o não disse logo?

E, acabando de dizer estas palavras, correu ao muro, saltou de um pulo para cima do parapeito, e, agarrando-se ao

ramo de uma árvore, estendeu um pouco o pescoço, e poz-se a vigiar para a frente com o rosto tinto pelo rancor e com a vista de lince, com que a maior parte dos homens das aldeias d'esta parte das margens do Cávado espiam o inimigo mesmo por entre as trevas da noite.

— Pelo inferno! — disse por fim — já vai longe, já vai fóra do alcance da minha espingarda. Até outra vez, meu ladrão.

Depois saltou abaixo do muro, e correu para onde estava Camilla. Ao vel-a n'aquelle estado, o veterano tomou-lhe rudemente as mãos, e bradou n'aquella entoação de voz, que a afflicção costuma tomar em taes homens:

— Então que é isto, menina; que tem?... Raios de diabos! Quer perder-me? Não vê que seu pai póde acordar? Isto só pelo inferno!

E, dizendo, sacudia com força as

mãos delicadas e mimosas de Camilla. O abalo d'aquella bruteza produziu porém o effeito desejado. Camilla voltou rápidamente a si, e fitando os olhos n'elle, exclamou como n'um cicío :

— Aquelle homem... Braz de Pava... esteve aqui...

— Raios e diabos! — replicou o veterano — E que importa? Se o pilho, escaço-o, pelo inferno! Vamos para casa, e deixe-se de tolices. Está aqui o Trinta e tres. De que tem medo? Ande, que não vá acordar seu pai.

Estas palavras acabaram de chamar Camilla á consciencia do perigo d'aquella situação. Poz-se então a caminhar, vagarosamente, encostada a Luiz e amparada pelo veterano. De quando em quando parava, e fitava o amante com os olhos resplandecentes de melancolia, mas não lhe dizia palavra. Por fim chegaram á porta da casa. Camilla desen-

costou-se então do braço e do hombro do moço. Este ficou-lhe diante, com os olhos fitos n'aquelle rosto angélico, e com as mãos d'ella presas nas suas. Assim esteve um momento, fitando-a, mas sem que a voz lhe podésse passar na garganta.

— Camilla, adeus; eu volto em breve... Vive para mim — balbuciou finalmente em voz sumida.

— Adeus, meu Luiz adorado — respondeu ella tambem em voz sumida, mas sem deitar uma lágrima e com voz entoadada por aquella firmeza e aquelle valor tão sublime como passageiro, que anima a imbecilidade do organismo das mulheres nos lances extremos. — Adeus, meu Luiz adorado; não te esqueças do meu crucifixo.

Luiz Vasques ainda a fitou da mesma fôrma um momento; mas sentindo quasi perdida a coragem de que tanto

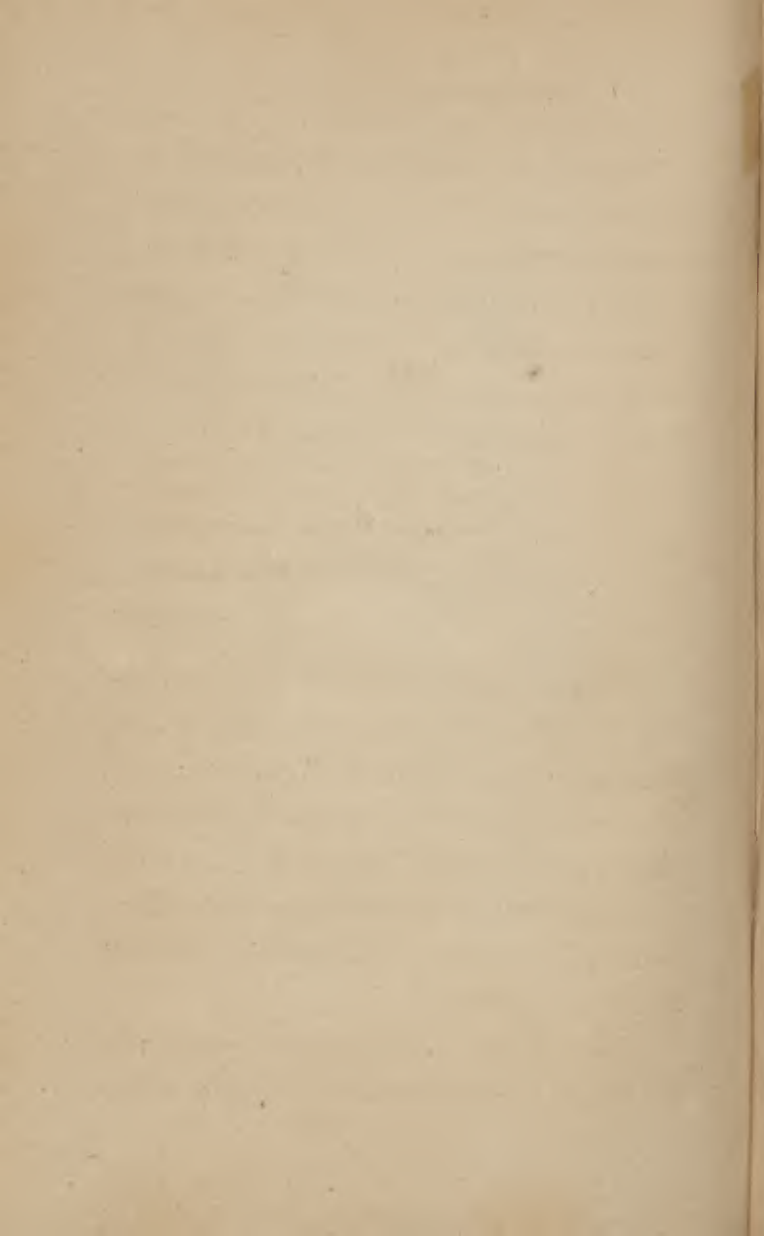
precisava n'aquella occasião, curvou-se-lhe de súbito sobre as mãos, cobriu-lh'as de beijos, e arredou-se rapidamente, balbuciando para o veterano:

— Cumpre a tua palavra; tu respondes-me por ella.

Luiz Vasques sahiu, sem mais olhar para traz, para fóra do portão da quinta. Então o veterano recolheu para dentro de casa a pobre Camilla, que se movia automaticamente.

D'ahi a instantes o joven senhor de Encourados galopava a toda a brida pela estrada de Braga fóra; e o sargento-mór de Villar continuava a roncar todas as bemaventuranças de um primeiro somno, que n'elle costumava ser quasi o dobro do que era em todo o outro fiel christão. Era para ver que um tiro de barcamarte fosse capaz de o acordar a elle — a elle que tinha somno mais firme e mais pertinaz do que o de pedra em fun-

do de poço—a elle que no assédio de Gerona, em 1795, adormecera muitas vezes ao so-pé das carretas da artilheria, e ahi dormira bons somnos inteiros apesar do estampido dos canhoens, obrigados inesperadamente a funcionar em razão de qualquer movimento do inimigo.



VII

Eu pasmava de ver-le sem mudança
Fazer bello o character dos rigores,
E até fazer formoso o da vingança.

PAULINO GABRAL.

A casa, onde habitava o sargento-mór de Villar, estava, como eu já disse, situada na freguezia de S. João de Areias. O muro baixo e tosco, que lhe circumdava a propriedade, servia de extremo a esta freguezia e á de Villar de Frades. Tudo porém estava dentro dos limites do couto de Villar.

Era a casa vasta, mas de apparencia medíocre e pouco bem combinada, como

quasi todas as dos mais opulentos lavradores do Minho. Tinha duas entradas. A principal, a nobre, que se abria sómente em occasioens solemnnissimas, dava sobre um pequeno páteo, para dentro do qual primitivamente se entrava por uma cancella, que fôra assim transformada em porta pela ostentação do sargento-mór. Do lado opposto á casa estava uma pequena capella, que era tambem pertença d'ella. A outra entrada, a que ficava na trazeira, era a porta do serviço da lavoura, e abria sobre uma espaçosa varanda, coberta por sólido e largo telhado sustentado sobre columnas de castanho mal lavrado. D'esta varanda descia-se, por uma escadaria que tinha ao so-pé uma pequena fonte, para outro pateo, que, ao uso minhoto, se tapetava todos os annos de tojo hirsuto e rispídissimo, que amansava, e se tornava pizavel só mezes depois de lançado e de

continuamente trilhado por homens e animaes, e sobretudo depois de apodrecido pela acção do tempo e pelas águas da chuva. A isto é que os lavradores do Minho chamam *estriqueira*; e sem isto é que não ha encontrar uma só casa das aldeias de toda a provincia.

A varanda, requisito essencial de casa edificada por lavrador opulento, corria, como o geral d'ellas, a toda a largura d'aquella face da casa, vasta, espaçosa e de pavimento de madeira de castanho. O fim d'ellas é multiplice: serve para as donas da casa trabalharem de inverno ao sol, isto já se vê se são das que não trabalham no campo e por isso são tidas em conta de *fidalgas*; serve de abrigo a objectos de lavoura, e serve até de eira, e de muitas outras cousas mais.

Sobre a varanda do sargento-mór abriam-se uma porta, que dava entrada para a cosinha, e uma janella, entre a

qual e a porta estava collocado um banco de madeira com uma taboa de encosto. A porta dava para a cosinha, que era, por aquelle lado, o unico local por onde se podia communicar com o interior da casa.

Disse eu mais atraz, e é isto geralmente sabido por todos, que a cosinha é tambem a sala de jantar dos lavradores do Minho. A do sargento-mór era uma vasta e larga quadra, que a um lado tinha espaçosa lareira, coberta por enorme chaminé em fórma de docel, que do tecto se estendia para a frente, alargando e crescendo sempre, até abrir sobre ella, a menos da altura de um homem, desmarcado boqueirão, pelo qual se sumia todo o fumo, por maior que fosse o *raizeiro* ou a quantidade de lenha que ardesse debaixo d'elle. Aos lados havia duas compridas *preguiceiras*, bancos de pinho assim chamados por servirem de

assento para *estar ao lume* nas frias e compridas noutes de inverno. Uma das preguiceiras era forrada de cortiça, o que indicava que pertencia exclusivamente ao uso particular dos donos da casa.

Do lado opposto á lareira estava collocada a comprida meza de castanho, da qual e dos bancos, sem encosto, que a cercavam, já fiz menção no primeiro capitulo d'esta novella.

Eram sete horas e meia da noute, tres dias depois d'aquelle em que tiveram logar os factos narrados anteceden-temente, isto é, era o dia 14 de março. — E não embique o leitor com o rigor chronológico, com que levo o meu conto, porque assim é preciso para enfiar com verdade a historia dos acontecimentos que em breve vai ler.

Eram pois sete horas e meia da noite. Tudo estava a ponto para ceiar em casa do sargento-mór. A cosinha estava

regaladamente aquecida pelo calor da enormissima fogueira que ardia na lareira; no consabido panellão fúmegava, pappejando a ferver, o caldo de nabos, feijão e couve gallega; o Trinta e tres roncava, fingindo dormir, commodamente repotreado na preguiceira do lado nobre; os creados da lavoura, uns mais próximos, outros mais affastados do lume, algaraviavam todos á uma casos e histórias do dia, e no meio de tudo isto a Jabel sarandilhava desempenadamente de um lado para o outro, rosnando, ralhando e mexendo no panellão, como senhora despótica e unica dominadora d'aquella colónia de comedores.

A meza via-se coberta por uma toalha de panno de linho, sobre a qual estavam tres enormes boroas e uma infuza de vinho com sua malga pequena a socairo. Do lado, onde estava a cadeira espaldar, havia tres pratos com seus gar-

fos e facas, cada um em frente de um assento separado; a saber, um em frente da cadeira patriarcal, outro em frente de uma cadeira estofada que estava á direita d'aquella, e que fôra dadiva de D. Luiza a Camilla, e outro á esquerda, mas no logar a que ainda chegava, para assento, o banco commum. Tambem d'esta parte estava um grande candieiro de ferro com tres bicos, n'um dos quaes ardia enorme pavio de algodão; e na outra cabeceira dava luz uma grande candeia espetada n'um dos buracos do alto e sebento braço de um *mancebo*¹ feito de pau de pinho denegrido. Ora deve o leitor saber que, no Minho, *mancebo* vale tanto como velador n'outra parte.

1 O velador ou *mancebo* nada mais é do que uma taboa redonda, toscamente talhada, do centro da qual se levanta um pau allo, crivado de muitos buracos, uns apoz outros, para pendurar a candeia mais acima ou mais abaixo, segundo a conveniencia de quem se quer allumiar.

Estava pois tudo em ponto de ceia, e Jabel principiava a impacientar-se pela desusada tardança do sargento-mór, quando este entrou na cosinha precedido por Camilla.

As feições da delicada e mimosa donzella revellavam a mais não poder ser a mágoa que a atormentava. Aquelle rosto formosissimo, onde a innocencia e a candura da alma reluziam d'antes com expressão tão angélica e tão infantil, estava agora tinto da pallidez da cera virgem; e os olhos, aquebrados pelas lágrimas e já não podendo chorar mais, reflectiam a tristeza e a doce melancolia da resignação que mata, porque não é a que acceita o facto, e se curva diante d'elle, mas a que só d'elle se identifica com o resultado, isto é, com o pungir intimo que não se gasta com lágrimas, mas que vai, lançada a lançada, acabando com a dôr, porque vai acabando com

a vida. Era esta a só expressão do suave e meigo rosto da filha do sargento-mór, que entrou machinalmente, e como autómato se dirigiu á cadeira, onde se sentou, e ficou sem alteração de gesto nem de fisionomia.

O rosto do sargento-mór exprimia também grande torvação de espirito, manifestava a muda, mas horrivel tempestade que se lhe enfuriava lá dentro. As espessas sobancelhas cerravam-se-lhe quasi inteiramente por sobre duas fundas rugas, em que confrangiam o espaço intermediário; os olhos chispavam irritados e inquietos, e as ventas dilatavam-se-lhe fóra no uso habitual. Conhecia-se-lhe perfeitamente a tormenta, que lá dentro lhe redemoinhava, e que desejava despeitorar sobre alguém ou mesmo alguma cousa, que de qualquer fórma lhe provocasse a sanha. Ora é de saber que

havia já tres dias que João Peres andava assim, porque á irritação que lhe causára a scena em casa de Vasco Mendes, acrescia o ver agora a sua Camilla, o seu benjamin, entregue a tão funda tristeza, que elle instinctivamente conhecia que a podia matar.

Quando o sargento-mór e a filha entraram na cosinha, os creados ergueram-se respeitosos. O cariz da fisionomia do amo fazia com que o respeito n'aquella occasião se aproximasse do medo. O Trinta e tres levantou-se tambem, e carrancudo e sem levantar os olhos, foi apoz elle, e collocou-se em frente do prato que havia á esquerda da cadeira de espaldar, para onde João Peres se dirigira. Os criados rodearam immediatamente a meza, mas tudo tão calado e tão silencioso como se tivesse havido morte n'aquella casa. João Peres

lançou então, como ao acaso, uma comprida e larga benção sobre a meza, e todos se sentaram.

—Então vem essa ceia?— gritou elle, mal se assentou, voltando-se para a lareira, onde a Jabel passarinhava apressadamente e como ás toas.

Era que a sonsa da velha, conhecedora do genio do amo e da má hora em que elle se achava, procurava apressar a sahida de uma gallinha para fóra de uma panella pequena, que tinha ao lume, e accommodal-a com a maior brevidade possivel n'um alentado prato redondo, no qual já puzera um enorme traço de presunto, ladeado das indispensaveis couves, que tirára do bojo do panellão.

A' voz do amo Jabel correu com o prato, que poz em frente d'elle, e depois voltou para a lareira, e, despejando n'uma malga um pouco de caldo de gallinha, foi pôl-o em frente de Camilla.

Em seguida encheu de caldo commum as *malgas* do amo e do Trinta e tres, e logo principiou a distribuir tijellas d'elle aos criados. Estes foram-se acomodando cada um com seu espantoso naco de borôa, da qual esfarelaram o miolo sobre as couves, e reservaram as côdeas para apresigar com ellas.

Entretanto que elles se entretinham n'esta operação, o Trinta e tres remexia lentamente com o garfo nas suas couves, com a cabeça curvada para a tigella e os olhos affincadamente pregados no caldo; e João Peres fitava Camilla sem atinar com o que havia de dizer, e bebendo n'aquella melancolia toda a tortura de um pai extremoso, que vê uma filha adorada no estado em que elle via a sua. Por fim cortou um bocado do peito da gallinha, e lançou-lh'o no prato.

— Vamos, filha, — disse em voz meiga — come hoje alguma coisinha. Anda,

minha filhinha, come, vá... pela alma de tua mãe — acrescentou em tom tão carinhoso e magoado que Camilla estremeceu, e dirigiu para elle os olhos que distrahidamente tinha fitados na luz.

João Peres continuou a ameigal-a com mimos de que ninguem o dissera capaz. Por fim cortou elle mesmo um bocado de gallinha, e levou-lh'o carinhosamente á bocca. Camilla tomou-lhe então da mão o garfo, e comeu; e em seguida cortou outro bocado, que egualmente metteu na bocca. O rosto de João Peres desennevuou-se jubiloso. Havia tres dias que Camilla nada tinha comido, e que d'ella só conseguira que tomasse os caldos de gallinha. Ao vel-a partir o terceiro bocado, João Peres estremeceu de verdadeira alegria. Mas ao leval-o á bocca, a linda menina deixou cahir o braço, e, voltando-se para o pai, disse-lhe em voz de gratidão carinhosa

e com duas lágrimas a tremerem-lhe nos olhos :

— Oh ! meu pai . . . não posso mais !

João Peres ficou como pasmado em novo ímpeto de afflicção. Chegou-lhe o caldo, e poz-se a arrefecel-o com uma colhér. Camilla tomou então a tigella, e começou a tomar-o aos goles.

O Trinta e tres continuava n'este entretanto a remexer no seu caldo, sem ainda ter levado nada d'elle á bocca. O sargento-mór, ao relanceal-o casualmente, reparou n'isto.

— Por alma de meu pai ! — exclamou, arremessando para elle o prato com o presunto e com a gallinha.

— Não quero comer — replicou casmurramente o velho soldado.

— E porque ? — volveu João Peres, dando um salto de cólera.

— Porque não tenho vontade.

— Raio de diabos ! Não tens vanta-

de!... Olhem o melindroso! Não tens vontade! Come, pelo inferno! quem não come, morre; entendes?

— Já lhe disse, não quero. Coma vomecê, e não lhe importe com os outros. Metta-se com a sua vida. E' como lhe digo.

João Peres fitou os olhos n'elle, chammejantes como dous carvoens accezos.

— Por alma de meu pai! — exclamou um momento depois — este ladrão quer-me endoidecer! Pois não é para a tua cara, entendes?

Assim dizendo, arremetteu com o presunto, do qual trouxe meia manta para o prato, e poz-se a devoral-o com toda a rapidez que a agitação nervosa lhe prestava aos movimentos. Ao levar á bocca a malga com vinho sufficiente para auxiliar só d'aquelle trago toda a digestão, deu com os olhos n'um dos

criados, que casualmente olhava para elle n'aquelle momento.

—Que estás tu a olhar para mim, Chanisco?—gritou depois de esvasiar a malga—Nunca me viste, alma de cántaro? Querem ver que o ladrão não me ceu de beber á égua! Pois olha que te rrebento, entendes?

—A égua bebeu, que lhe dei eu de beber—disse o Trinta e tres rápidamente.

—E diz cá, Chancudo, diz cá, bragantaço, ladrão do diabo,—acudiu o sargento-mór, mudando a direcção das invectivas—para que me levaste hoje o gado para a bouça nova, maroto?

—Vocemecê, foi quem mandou—replicou o criado tímidamente.

—Eu! Ainda tu mais dirás, alma damnada! Pois eu havia de mandar o gado retoicar...

—Foi vocemecê, foi, sim, senhor;

escusa de negar, que eu bem o ouvi. E' como lhe digo — resmungou o Trinta e tres.

— E o carro tambem t'o mandei levar ao ferreiro da Graça, ladrão? — continuou o sargento-mór, sempre em direcção do devotado Chancudo — Pois havia de mandar-te a casa de um hereje, de um jacobino, entendes?... Aquelle ladrão não vai á missa, e tu vaes a casa d'elle, alma de cántaro? Responde, que te arrebento, entendes?

— Vocemecê deu-me ordem para que eu o mandasse lá pelo rapaz — replicou o Trinta e tres. — Coma e deixe-se de berrar.

— Ai que eu arrebento! — bradou o sargento-mór, e arremetteu novamentê com o appetitoso presunto.

Tudo ficou em silencio profundissimo, que durou tres ou quatro minutos.

— Fallem — gritou então João Peres.

—Estes ladroens parece que perderam a falla! Fallem, entendem? O' Chanisco, que te disse o morgado de Adaens? Dés-te-lhe o recado que te mandei?

—Eu fui fallar com o fidaurgo — respondeu o rapaz — e elle diche-me que agora nom ha dinheiro, porque bomecô bem sabe que ahi estom os francezes em riba de nós. A-dei, senhor, tornei-me, e no caminho dei co as ventãs na porta do Zé Beiriz, que me delatou um tudonadica a dizer-me que os jacobinos queriam entregar tudo áquelles herejes, e que os grandes estom todos comprados, e portanto que era bom dar-lhes uma enchi-na...

—Callócio! — bradou enfurecido o sargento-mór.

Ficaram todos de novo em silencio, e assim estiveram até ao fim da ceia. Então João Peres levantou-se e com elle todos os criados. Toda a companhia er-

gueu as mãos, e poz-se em oração ; depois João Peres abençoou para a direita e para a esquerda, e, apoz esta benção, os criados começaram a sahir pela porta fóra e a dirigir-se á *barra*, especie de taboleiro que serve de tecto á córte dos bois, e que serve de cama commum aos criados e filhos varoens solteiros do lavrador do Minho, que ahi dormem a somno franco e regaladamente sobre uma pouca de palha solta, entre dois lençoes de estopa e cobertos apenas com uma manta grosseira.

Pouco depois de os criados se retirarem, Camilla ergueu-se, e acenou a Jabel, que se aproximou immediatamente.

— A sua benção, meu pai — disse a linda menina em voz meiga e fraca, levando á bocca a mão do sargento-mór.

— Vai, filhinha, vai, — disse este, abençoando-a com os olhos a brilharem

de amor e de cuidado — vai deitar-te que são horas, e para quem está fraquinha... O' Jabel, fica-me lá de sentinella ao pé da menina, entendes? e olha que se te deixas dormir ou te descuidas d'ella, entendes? racho-te, minha sórna, racho-te!

E assim dizendo, estendeu ameaçadoramente o punho para a velha, e depois acariciou, e abençoou Camilla, a qual entrou em seguida para o interior da casa, acompanhada por Jabel.

Os dous velhos soldados do Roussillon ficaram finalmente a sós.

O Trinta e tres ergueu-se, e, tirando da algibeira uma chave, abriu com ella um pequeno armário mettido na parede, e trouxe de lá dous cachimbos bem queimados e uma bolsa de couro com tabaco.

João Peres metteu machinalmente a mão na bolsa, carregou o cachimbo, e

accendeu-o. O veterano fez o mesmo, e os dous puzeram-se a fumar defronte um do outro, sem dizerem palavra.

—E que te parece este caso, Trinta e tres?—disse por fim o sargento-mór, fitando no companheiro um olhar expressivo da violenta vexação de espírito, que o agitava.

—Que caso?—perguntou casmurramente o veterano.

—Este, pelo inferno! este, entendes? Pois não me vai a pequena de foz em fóra por causa da minha turra com aquelle maldito Vasco Mendes!

—A culpa é sua—replicou o velho soldado.

—A culpa é minha!—exclamou João Peres, atirando-se de repellão para as costas da cadeira, e pasmando no camarada os olhos espantados—A culpa é minha! Pois vem cá, homem do diabo,

que querias tu que eu fizesse n'aquelle caso?

—Que queria?—volveu o Trinta e tres, deitando pela bocca e pelas ventas espessissima nuvem de fumo—Queria que vocemecê tivesse mais juizo do que elle.

—Pelo inferno!—exclamou o sargento-mór—Pois aquillo era cousa que se soffresse? Pôr assim em desprêso a minha filha, e fazer pouco caso de mim—entendes?—por não sei que Quartellas e que Carpinteiros, que o diabo confunda e mais a elle! Irra! Isto é de ensandecer!—bradou mais de rijo, batendo enraivecido com o punho na meza—Que um homem haja de perder assim um amigo velho, por quem déra até os olhos da cara, por não sei que macacos de nomes herejes, lá do tempo dos Afonsinhos, e que ainda por cima a filha lhe ande pasmada e para finir-se, por

um homem não querer soffrer uma entaladella d'estas, entendes?... Irra! pelo inferno! Isto não se soffre!

—Homem, vocemecê com esse seu genio ha-de sempre deitar tudo a perder. Pois venha cá, senhor; pois vocemecê ainda não percebeu que a Camillinha quer mais ao morgado...

—Como assim! Isso não póde ser, homem. Por alma de meu pai! tu estás a levantar falsos testemunhos, perro aleivoso! Pelo inferno!... Entendes?

—Ah! já nós lá vamos! —rosnou o Trinta e tres, tirando o cachimbo da bocca e fitando o sargento-mór com olhar carregado—Pois agora é que eu lhe digo, com cem diabos! que vocemecê está doido, doido varrido... Pois vocemecê nega aquillo que eu vi mesmamente como se fôra commigo...

—Isso não póde ser, entendes? isso não póde ser.

—Não póde ser... não póde ser!— balbuciou o Trinta e tres com os dentes cerrados—Pois é, pois é, com um milhão de diabos! que ainda tres-ante-hontem ás onze horas da noute lhe foi ella fallar ao morgado, alli no fundo da quinta, e, pelo inferno! não me diga que não, que fui eu que a levei lá, e que fechei a porta, e presenciei tudo...

—Tu, traidor, tu!..— balbuciou o sargento-mór, fazendo-se roxo e agarrando-se convulsivamente aos braços da cadeira.

O veterano ergueu-se com a rapidez de quem se sente tocado por um ferro em brasa, e, pálido como um defunto, fitou o sargento-mór com olhar chamamejante. Via-se que queria fallar, mas que a commoção lhe embargava a voz na garganta.

—Eu, sim, eu, — disse por fim— eu, sim, pelo inferno! e não me arre-

pendo, e tenho dito. Vocemecê imagina que sou capaz de deixar morrer a pequena, só porque vocemecê é um casmurro, um homem de mau genio, sem alma, nem consciencia? E' como lhe digo; e não me diga que não. Vocemecê é um mau pai; com um milhão de diabos! e o Luizinho é um grande rapaz, e quer á nossa Camilla mais do que á vida, e prometteu-me que não casava com outra. E vocemecê não tem tripas nem coração, porque quer matar a sua filha. Porque ella morre, digo-lh'o eu, porque quer muito áquelle bom rapaz, e tem razão, por que vocemecê não tem alma nem consciencia. Raios de diabos! Vocemecê não é capaz de querer mais á pequena do que eu, pelo inferno! que quasi a vi nascer. E tenho dito. Vou-me embora d'esta casa, que não quero aqui estar mais, porque, com mil diabos! se diante de mim... E ella morre, e por sua cau-

sa. Vou-me embora, e tenho dito; por que ella morre... e eu quero-lhe muito... morre... e... e...

O veterano não pôde dizer mais. Os labios tremiam-lhe convulsivamente, tinha os dentes cerrados uns contra os outros e os olhos chammejantes e cheios de lágrimas. Ao parar aqui, fez tal ímpeto para sahir que o pesado e comprido banco, em cuja extremidade estava sentado, foi parar a distancia de pernas ao ar.

A esta rude, mas sentida expressão de amor pela sua Camilla, o sargento-mór cahiu de toda a altura da violenta cólera que o agitava. A palavra *morre, morre*, eccoára-lhe medonhamente nos ouvidos, e tanto mais medonhamente, que o som da voz que a elle lh'a levaria, fôra a do homem que exercia sobre elle influencia decidida, e a que elle se acurvava instinctivamente e sem mesmo dar por isso.

—Homem, escuta, que dizes?— exclamou um momento depois— Isso não póde ser. A minha filha não morre... Homem, isso não é assim... entendes?... isso não é assim...

—E' como lhe digo; que os dous querem-se muito um ao outro, e depois, senhor, na idade d'elles... Pois venha cá, pelo inferno! pois vocemecê não casou, e porque foi?

—E' como dizes, por vida minha! Eu sou um pedaço de asno. Mas olha, entendes? senta-te aqui, homem... Mas como ha-de ser isto? Se ella me morre... entendes? Mas como ha-de ser isto? Então, por alma de meu pai! como ha-de ser isto?...

—Como ha-de ser isto? como ha-de ser isto?—disse atrapalhado o veterano

—Homem, eu sei lá? A pequena está n'aquelles pontos, e depois o morgado partiu para o exercito, que dizem que

esses malditos francezes, que o diabo confunda...

— Má morte apanhe os francezes, jacobinos, hereges! E tenho dito — gritou o sargento-mór. — Mas, homem, o que se ha-de fazer, entendes? Se ella morre, como ha-de ser isto?

O veterano ficou um momento pensativo, e sem responder.

— Senhor, — disse por fim — deixe-a cá commigo. Porque emfim eu quero-lhe como filha, e áquelle valente rapaz. Não diga vocemecê nada, e não dê mais largas a esse seu maldito genio, e, quando eu fallar do Luizinho, diga muito bem d'elle, finja que lhe quer muito...

— Qual finja, nem qual diabo! Se lhe quero verdadeiramente, se lhe quero como a filho, entendes? Tu bem o sabes, Trinta e tres...

— E elle que o merece, e quer á nossa Camilla...

—E ella, homem, e ella, se nos morre...

—Qual morrer, nem qual diabo! Não se morre assim, e eu prometti ao Luizinho...

Ao chegar aqui, o veterano foi interrompido por tres violentas pancadas na porta, que dava para a varanda. Os dous fitaram-se de relance um ao outro, e as pancadas repetiram-se então com mais força.

—Quem está lá?—perguntou o sargento-mór, ao passo que o velho soldado se dirigia para a porta.

—Abre, João, abre que sou eu—responderam de fóra.

A estas palavras o veterano abriu sem mais reparos a porta, e Fernão Silvestre de Encourados entrou para dentro da cozinha do sargento-mór de Villar.

—Pois és tu, compadre, es tu? Quem diabo o havia de dizer!—exclamou João

Peres, erguendo-se e correndo a recebê-lo nos braços.

— Bem vês, João, que a outras horas não posso vir — respondeu Fernão Silvestre. — O jacobino, o traidor á pátria — acrescentou, sorrindo com ironia e desprêso magestoso — não póde descer da planura do Airó, senão quando descem os mochos e as corujas, a menos que não queira ser corrido como lobo por estes patriotas lapoens do teu couto.

— Ah! marinellos! — bradou o sargento-mór, estendendo o punho cerrado para a porta e consubstanciando n'aquelle movimento todo o couto e o seu accionado ameaçador.

— Dá-me d'ahi um trago de vinho, Trinta e tres — disse Fernão Silvestre. — Estou cansado; venho de longe, e preciso de refocilar as forças. Andei avisando os nossos camaradas da grande campanha; — continuou depois de ter bebido

— é necessario reunirmo-nos na serra, para prepararmos a guerra de morte que devemos fazer ao inimigo; porque os francezes estão ali comnosco, compadre...

— Que dizes, homem!

— Devem chegar ámanhã de manhã a Ruivaens. Mandou-m'o dizer Bernardim Freire. Depois de ámanhã...

— Depois de ámanhã — interrompeu o sargento-mór — depois de ámanhã ainda lá estarão, pelo inferno! Ruivaens é forte posição, e os excommungados soldados do corso hão-de por fim esbarrar as ventas ali!

Fernão Silvestre mediu um pouco o sargento-mór, e depois disse com firmeza:

— Depois de ámanhã estarão ás portas de Braga, amigo; depois de ámanhã serão senhores de toda a campanha. Parece incrível que tu, que foste soldado,

não conheças o que vale a disciplina de tropas aguerridas.

— Mas todo esse povareu...

— Abandonarão Ruivaens, digo-t'o eu, e depois Salamonde, e depois o Carvalho d'Este, e a Ponte do Porto, e tudo, porque enfim são guerrilhaagem. Ainda não viram a cara aos francezes, e já dizem d'elles mil abusoens, já lhe estão com medo...

— Como, homem! Pois ainda os não viram...

E que esperas tu do populacho desordenado? Pois que queres que façam homens que se vão oppor ás tropas disciplinadas e aguerridas de Soult, desconcertados, em confusão, e armados de paus, de foices e de espingardas caçadeiras? Todo aquelle enthusiasmo, aproveitado pela disciplina, daria em resultado um exército invencivel; mas assim não passa de feros e bravatas, que oc-

cultam lá dentro muito medo ; porque tu bem sabes, João, o medo que a paisana-da tem á tropa, e que as cousas ouvidas de longe affiguram-se maiores, e poem mais espanto; porque, como diz o poeta—

...nos perigos grandes o temor
E' maior muitas vezes que o perigo.

Tu o verás, compadre ; mal se aproximarem os francezes, não fica um. Fogem todos, fogem de roldão até Braga, desamparam todos os postos, por mais fortes que sejam. Tu o verás.

— E o general ? E Bernandim Freire ?

— Que lhe ha-de fazer ? Sem soldados não se faz a guerra, e um general só por si não ganha batalhas. Bernardim Freire vai retirar sobre o Porto, para organizar a defeza d'aquella cidade importantissima, e fazer parar finalmente a marcha triumphal dos francezes...

— Mas então é um traidor, entendes,

compadre? Pelo inferno! bem diz o povo, que elle é jacobino...

—Tão jacobino como eu, João Peres. Bernardim Freire faz o seu dever. E' impossivel defender Braga, e é preciso defender o Porto a todo o risco. Entretanto que os francezes se não apoderarem d'aquella cidade, a invasão não está realisada. Será apenas um passeio militar, que o populacho armado tornará perigosissimo. Eu proprio aconselhei ao general a retirada...

—Mas então, que ha-de ser de nós, compadre? Os francezes ficarão senhores de toda a provincia. Que havemos de fazer?

—Para isso é que eu vim aqui, João...

—E então, por vida minha! diz...

—Em primeiro lugar é preciso pôr Camilla em segurança, e aquillo que tiveres de mais precioso...

—Mas onde?... mas onde, se os

francezes ficam senhores de toda a provincia, entendes?

—No paço de Encourados; é lá onde deves ir resguardar tua filha...

—No paço de Encourados! Isso nunca! — bradou João Peres arrebatadamente.

—No paço de Encourados — replicou com firmeza o velho cavalleiro. — Não fallemos mais no que passou, João Peres.

—Porém, Fernão Silvestre, tu bem sabes...

—Sei que meu irmão andou como um louco para contigo, e que tu não devias esquecer as muitas provas de amizade que elle te tem dado, e sobretudo que o irmão de Fernão Silvestre de Encourados nunca podia ter intenção de offender João Peres de Villalobos.

—Porém, compadre, é que tu não sabes...

— Sei, sei tudo ; — interrompeu rudemente o velho cavalleiro — sei que vos houvestes ambos como dous sandeus, como duas creanças desatinadas . . .

— Bem dito, snr. Fernão Silvestre, bem dito. E' isso mesmo, por vida minha ! — bradou então de lá o Trinta e tres, fitando o sargento-mór com olhar de perrice satisfeita.

— A'manhã — continuou em tom decisivo Fernão Silvestre — Camilla recolherá ao paço de Encourados, e com ella mandarás, para lá ser arrecadado, tudo o que tiveres de mais precioso em casa.

— Mas se os francezes ficam senhores de toda a provincia . . . sim, entendes ? . . . Bem vês que . . . — disse aqui João Peres como a medo.

— Os francezes não podem deixar atraz de si muita gente. Toda a que têm, não é bastante para sitiarem o Porto, se o Porto fôr bem defendido, e a gentalha

não embarçar a defeza com o nome de jacobinos na bocca. O paço de Encourados, tu bem o sabes, compadre, é sufficientemente forte para resistir a qualquer partida solta, que de passagem o pretenda atacar.

João Peres callou-se, sem ousar replicar.

— Em quanto a nós—continuou Fernão Silvestre—pôr-nos-emos á frente d'essa brava companhia de velhos camaradas das nossas campanhas, que me seguem, e que eu ha tanto tempo centraliso com todas as forças da velha disciplina. O nosso quartel general será alli, no alto da planura do Airó. De lá nos arrojaremos ao inimigo quando nos convier; de lá lhe faremos guerra de guerrilhas, mas guerrilhas que sabem o que é guerra, já que não lhe podemos fazer mais do que isto. Assim viveremos até que as cousas mudem, porque hão-de

mudar, espero-o em Deus, porque, como diz o poeta:

Assi vai alternando o tempo irroso
O hem co'o mal, o gôsto co'a a tristeza.

Todos os dias iremos tendo mais gente, João Peres, e tendo portanto maiores meios de fazer aqui a guerra aos inimigos da nossa pátria. Quando os habitantes d'estas aldeias se reunirem a nós, faremos d'elles soldados disciplinados; e quando chegarem os inglezes, que hão-de chegar em breve, teremos preparado aqui um núcleo de defeza regular, de campo de batalha sanguinolento, d'onde é impossivel que saia com vida um só dos soldados do corso maldito. . .

—Pois tu crês, que estes marinellos se reünam a nós, compadre?—interrompeu o sargento-mór— Nem um, pelo inferno! nem um, entendes? Se até para a

ordenança é preciso levar estes madraços a pau!... Quanto mais quando a cousa cheirar a pólvora! Os que viriam, andam já por lá; dos outros nem um, entendes? nem um. Eu conheço-os bem.

— Não digas isso, João Peres, não digas isso! — exclamou o velho cavalleiro, fitando no sargento-mór os olhos abrilhantados pelo entusiasmo — Isso que dizes não é assim; é impossivel que seja assim.

Como, da gente illustre portugueza
Ha-de haver quem refuse o patrio mar?
Como, d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha-de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

Disse-o o grande poeta, aquelle grande mestre de glória e de amor pátrio, o meu velho amigo Camoens; — acrescentou,

batendo entusiasticamente com a mão no lado do bolso interior da japonsa — disse-o elle, e o que elle diz nunca falla. Não, por vida minha! não. E' impossivel que, n'esta valente provincia do Minho, haja um só homem que se recuse a pegar em armas para defender a independencia da nação. Enganas-te, compadre, e para ver se te enganas, olha com que valor e com que enthusiasmo essa boa gente, sem disciplina e sem armas, se offerece em sacrificio pela pátria, correndo á morte certa e inevitavel, que outra cousa não póde esperar quem vai pôr-se d'esta sorte diante das tropas aguerridas de Soult.

— Pois veremos, compadre, veremos. Eu conheço-os bem, entendes? E tenho dito.

Fernão Silvestre ergueu-se então, e, lançando para os hombros o amplo capote de cabeçoens, em que viera embru-

lhado, arranjou melhor as pistolas que trazia no cinto, sobraçou a larga espada de copos de aço, e depois poz o chapéu na cabeça, e disse:

— Muito bem, João, estamos concordados. A'manhã Camilla recolherá ao paço de Encourados; e para lá debes também mandar tudo o que tens de bom em casa. Trinta e tres, toma também tu sentido n'isto. Em quanto ao mais, não hade haver novidade. Lembra-te de Bannhuls e de Puig-Cerdá, e demais, como diz o poeta:

Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.

Assim dizendo, deu um abraço no sargento-mór e outro no Trinta e tres, e depois sahiu.

João Peres de Villalobos ficou por algum tempo sem se mover e como

alheado em íntimo pensamento. N'este entretanto o veterano acabára de aferrolhar a porta com toda a segurança.

— Trinta e tres, — disse então o sargento-mór em voz de commando—d'aqui não sahe nada de casa sem nova ordem, entendes?

— A menina vai amanhã para Enconcurados, como disse o snr. Fernão Silvestre, e depois ha-de ir o mais.

— Como, alma do diabo! Quem é o senhor d'esta casa? Quem manda aqui, entendes? Tenho dito, sem nova ordem não sahe nada...

— Vá dormir sobre o caso, ande, Nosso Senhor lhe dê boa noute.

Assim dizendo, o Trinta e tres tirou do *mancebo* a candeia, e com ella se dirigiu por uma escada interior para o cubículo, ao rez do chão, que lhe servia de quarto de dormir.

— Nosso Senhor lhe dê boa noute,

capitão — disse por fim do limiar da porta, que em seguida cerrou sobre si.

João Peres, ficando só, rodeou enraivecido os olhos pela casa.

— Como não ! — vociferava elle — Quem manda aqui n'esta casa? Nem um tamanco, por mais charro que seja, nem uma sogra velha, raios de diabos, entendes?... O senhor aqui sou eu, tenho dito. Bragantaços, almas do diabo, quem manda aqui?... quem manda aqui?... entendem?

Parou então de repente, levou as mãos á cabeça, e exclamou, batendo o pé na casa:

— Isto é para ensandecer, irra !

Tomou então o candieiro, e, a vociferar em alta voz, recolheu-se ao quarto onde dormia. Cinco minutos depois tinha a cabeça poisada no travesseiro; e, mal a poisou, principiou logo a solemni-

sar com roncos profundissimos aquelle beatifico somno, que em duração e em imperturbabilidade faria inveja ao mais pintado e mais glorioso de todos os sete dormentes.

VIII

Não de outro modo a confusa gente
Com torvado furor discorre, e grita,
Louvor futuro e temor presente
A grandes feitos n'este caso a incita.

L. PEREIRA. *Elegiada*. Cant. xvi est. 9.

Ao romper d'alva do dia seguinte,
João Peres de Villalobos foi interrompi-
do de sopapo e estrepitosamente nas
bemaventuradas funcçoens d'aquelle so-
mno ferrado, com que usava enfiar todas
as noites desde o principio até ao fim.
A'quella hora, desde então memoravel
nos fastos decubitários do sargento-mór
de Villar, a porta do quarto abriu-se-lhe
de repente e com estampido, e por ella
dentro entraram de roldão a Jabel e as

criadas da lavoura, que todas de mistura foram esbarrar de encontro á cama do amo.

João Peres, sobresaltado, sentou-se de um pulo na cama. Ao ver aquella turba de mulheres assim no seu quarto, a berrar como doidas e sem proferirem outra cousa mais que sons inarticulados e gestos de afflicção, o bom do sargento-mór sentiu-se apavorado. Recuperou-se porém logo, e exclamou furioso:

—Que é isto? Que mariolada é esta, pelo inferno!

—Os francezes! Os francezes! — exclamaram as mulheres, gritando todas á uma.

A esta palavra, João Peres atordoou. Sem reparar no estado em que estava, lançou-se de um salto da cama abaixo, e atacou apressado as calças do uniforme, que ainda ahi estavam á cabeceira da cama, desde que elle as despira, vin-

do da função de Encourados. Então deu mais tino de si, e reconheceu que havia alguma cousa de extraordinario na aldeia. Os ares zumbiam atoados pelo borborinho de muita gente alvoroçada, sentia-se o rufar de tambores, e o sino da ordenança tocava com toda a força a rebate.

O sargento-mór principiou então a vestir-se a toda a pressa. Envergava a casaca verde, quando o Trinta e tres assomou á porta, azafamado e com visíveis signaes de violenta agitação.

— Trinta e tres, que é isto? Quem mandou tocar o sino da ordenança? Vós m'as pagareis, entendes?

— Ande d'ahi, com um milheiro de diabos! — replicou o veterano — Ande d'ahi, que chegaram os francezes!

— Os francezes!...

— Chegou ha um quarto de hora um homem de Adaens, que diz que já os viu

no Carvalho d'Este. O reitor mandou tocar o sino da ordenança. Os frades estão a armar-se; vai tudo n'um cortado no convento. O reitor já perguntou por vöcemecê.

João Peres tinha então acabado de afivelar o cinturão da espada de Belver. Ao ouvir as ultimas palavras do velho soldado, lançou de súbito a mão á alabarda, insignia da sargentaria-mór, e arremessou-se com impeto pela porta fóra, passando como furacão por meio das criadas e deixando mais de uma a gemer atropellada por terra.

Ao sahir para fóra do portão da quinta, encontrou já um magóte de homens, armados de chuços, de mangoais e de espingardas caçadeiras. Estavam parados e olhando com maus olhos para a porta d'aquella casa, por onde já devia ter sahido, e ainda não viam sahir, o chefe da ordenança do couto. O epiteto

de jacobino e de hereje já começava a sussurrar por entre elles, ainda surdamente e como a medo, mas de modo que bem demonstrava que aquella tardança ia animando as suspeitas, que os aldeoens tinham d'elle, em razão da amizade que o ligava a Fernão Silvestre; suspeitas que davam azo a entibiar-se o respeito que lhe tinham, e que em occasião propícia, como esta, podiam facilmente rebentar em revolta.

Felizmente o espirito de rebellião ainda não tinha chegado ao ponto de apagar no ánimo dos homens do couto o respeito e o medo, que tinham ao seu sargento-mór, quando João Peres assomou á porta de casa, armado de ponto em branco e revestido de todas as insígnias da sua temivel dignidade.

Ao ver aquella turba de homens armados, João Peres tomou por demonstração de confiança o que era em verda-

de e unicamente resultado da suspeita que ha muito inspirava, e da má vontade com que os aldeoens olham geralmente as authoridades, a quem obedecem. Ao vel-os, João Peres suppoz que aquella boa e fiel gente aguardava o seu sargento-mór, e, enthusiasmando-se, arremessou-se ao meio d'elles, e gritou-lhes em voz de trovão e inspirado pelo fogo da coragem, de que Deus o dotára:

— A elles, rapazes, aos francezes! Morram os jacobinos!

— A elles! Morram os jacobinos! — respondeu voz em grita a turba-multa, lançando-se apoz do seu sargento-mór, que tomou apressado o caminho do convento.

Reinava a maior confusão em todo o couto. Os caminhos estavam atulhados de homens, de mulheres e de creanças, que discorriam em todas as direcções, ora soltando gritos bellicosos, ora ge-

mendo e lastimando-se. Aqui via-se um, armado de um mangoal ou de uma fouce roçadoura, correr com a vista incendiada e o rosto feroz da coragem das populaçoens amotinadas, bradando e concitando a multidão, que o seguia, em tropel para o largo do convento. Ali um outro batia á porta do visinho, que respondia de dentro com vozes de enthiasmado, e que em breve apparecia armado, e se reunia á turba inflamada. Acolá um magóte parava em frente de alguma casa suspeita, e apedrejava-a aos gritos de — *morram os herejes e os jacobinos!* Mais além era uma mulher com o filhinho ao collo, chorando e doida de pavor, que a fazia vaguear sem ella saber por onde; mais cá uma multidão de rapazes bradando bellicosamente, armados de pedras e de paus, e amedrontando na passagem algum outro mais pequeno, que ia lentamente pelo caminho

fôra, chorando por se ver abandonado dos paes. Aqui os velhos paravam pasmados e sem saber o que haviam de fazer; ali outros, que mais attentavam por si do que pelo interesse geral da população, tratavam de pôr a salvo as roupas e os haveres de mais valia em logares, que reputavam seguros do alcance dos invasores. E por cima de tudo isto a vozzeria e o arruido da gente das aldeias vizinhas, que vinha reunir-se á gente do couto, o som pavoroso dos brados tumultuózos, os tambores e os bombos da aldeia a atroarem infernalmente, e o sino da ordenança, os do convento e os das egrejas comarcãs a tocarem com toda a força e sem parar a rebate.

Quando João Perès chegou ao largo do convento, achou-o litteralmente atulhado de gente. ¹ Eram para mais de mil

1 Puramente historico.

homens armados diversamente, entre os quaes vociferavam furiosas as virágos do povo, e choravam apavoradas algumas mulheres menos enthusiásticas e mais mulheres do que as outras. A portaria do convento abria-se tambem n'esta occasião, e por ella fóra sahiam os frades, vestidos á paisana e armados de espadas e pistolas, e cada um com sua espingarda ao hombro. Na frente marchava o reitor, capitão-mór do couto, vestido de casaca direita, chapéu de bicos na cabeça e ao lado uma espada recurvada, pendente a tiracollo pelo cordão de seda verde e borlas da mesma côr, que era uma das insígnias do cargo.

João Peres rompeu, a contoadas de alabarda, caminho por entre o povo, até que chegou ao reitor. Parou então, debarratou-se cortezmente e com todo o respeito, ficando perfilado diante d'elle com toda a firmeza militar.

—Sargento-mór, faça reunir a tropa —disse o reitor, pondo em João Peres olhos de pouco satisfeito, e engrossando a voz para dar á desbarbada virilidade fradesca o aspecto marcial, que com ella repugnava pertinazmente.

—Ordenança, sentido! Chega á fôrma, com um milheiro de diabos! —bradou o sargento-mór, erguendo a alabarda, e arremettendo aos encontroens, com os que estavam mais pegados com elle.

Levou bem meia hora de trabalho a metter em ordem desordenada a *tropa* do capitão-mór de Villar. Mas á força de muito sôcco, de muito empurrão e de muita alabardada, João Peres conseguiu finalmente enfileirar n'uma extensa linha em ziguezagues a turba-multa da ordenança. Era ridículo e muito ridículo o aspecto d'aquelle exército de aldeocens vestidos de rabonas, e de carapuças ou enor-

mes chapéus de Braga na cabeça, apurados desgeitosamente, e tendo cada um ao hombro uma espingarda de caça, um mangoal ou uma fouce roçadoira; mas o enthusiasmo que animava aquella multidão indisciplinada manifestava bem ao vivo que, arregimentados militarmente, os homens semi-selvagens das margens do Cávado e das fraldas da serra do Airó, seriam muralha inexpugnável, de encontro á qual era mais que provável que se esmagassem inutilmente os soldados aguerridos de Soult.

Milhares de desesperos e de raivas custára porém ao bom do sargento-mór a metter aquella populaça em linha. Se assim como durou trinta, durasse trinta e um minutos, aquella empreza quasi impossivel dava de certo com João Peres doido varrido.

— Ah ! bruto, não ouves? chega mais atraz — bradava esbaforido. E logo um

encontrão n'um selvagem, que, por mais que elle lhe tinha gritado, não atinára a pôr-se hombro a hombro com o camarada. — O' Zé da Cancellia, poem essa perna unida á outra, alma de cántaro! O' Thadeu Çapote, dá ahi um cachação n'esse bruto que tens á esquerda! Isso, homem; mais rijo, entendes? Metter em linha, lá os da direita. Ai que eu arreberto, ladroens dos meus peccados! — E n'isto era alabardada que te parto n'um renque de alarves, que não acertavam a enfileirar, e que continuavam a pôr-se ora de um lado ora do outro, e alguns até de costas, ás vozes do sargento-mór — O' Zé do Nuno, poem essa espingarda ao hombro, ladrão: olha que te racho, entendes? Assim. Um, dois... Sentido! Um passo em frente. Ai, que alarves estes! Lá se vai com seiscentos diabos a fórma!

E aqui o sargento-mór, cego de có-

lera, desandou a alabardada por toda a linha, que á voz de *um passo em frente*, tinha-se desorganizado por tal maneira que quasi se tornára a misturar em multidão.

A este modo muito expressivo e muito habitual de enfileirar a ordenança, cada um tratou de pôr-se o mais depressa que podia hombro a hombro com o companheiro. Alguns porém não tomaram a graça tanto a contento, que os epítetos de jacobino e hereje não respondessem em rosnadellas irritadas, acompanhadas de olhares de raiva, ás alabardadas, com que João Peres malhava n'elles, como quem malha em ferro frio.

Por fim a *tropa* logrou alinhar-se. João Peres tirou então o chapéu de bicos, e limpou o suor que lhe escorria pela cara abaixo. Tinha o rosto tinto de um formoso rôxo-terra apoplético.

Depois de tomar folego, bradou:

— Ordenança, sentido!

— Morram os jacobinos! Morram os herejes! Vamos aos francezes! — trovejou a multidão, oscillando e tendente já para a desalinhação.

— Se me sahem da fôrma, vai tudo com seiscentos diabos, entendem? — bradou o sargento-mór, empertigando os braços para a frente, como querendo acudir, ao cataclismo que ameaçava a disciplina, que tanto lhe custára a elle.

— Ordenança, sentido! — tornou a bradar — Vai proceder-se á chamada.

E dizendo, tirou do farto bolso da casa um grande caderno todo ensebado, que era o registro da ordenança do couto.

— Sentido!... Zé do Rio?

— Prompto.

— Thadeu Capote?

— Prompto.

— Manuel Sapateiro?

—Pariu-lhe hontem a mulher; não pôde vir.

Ah! ladrão madraceiro! Antonio da Preza?

—Prompto.

—Thomé Alves?

—Fugiu-lhe a bácia; anda atraz d'ella por Cabreiros.

—Ah! bargantaço! Zé Perpetuo?

—Está torto de um pé; não pôde vir.

—Multado n'um carto d'oiro¹, multado n'um carto d'oiro!.. Este não escapa! E dois dias de cadeia, entende? Eu lhe darei ensina d'esta feita, ladrão de uma figa! Zé Pancada?

—Prompto.

—Sargento-mór, escusa-se chamada. Está gente a maior — disse o reitor, já enfastiado, como o leitor o estará tam-

1 Em frase minhota quer dizer um quartinho 1\$200 réis.

bem, com estas minudencias da ordenança.

—Nada de chamada, nada de chamada!—gritou a turba voz em grita—Está gente a maior. Viva o nosso reitor capitão-mór!

—Callócio! Leva rumor, senão vai tudo com seiscentos diabos!—bradou o sargento-mór, tomando a alabarda pelo conto e levando-a a geito de pancadaria.

Era a unica desforra, em que podia despeitorar a sua reprovação aos alentos, que dava o reitor á indisciplina da gente da ordenança.

A'quelle meneio tudo se callou. O reitor acenou então com a mão, e disse em voz grossa e tom meio fradesco meio militar:

—Ordenança, sentido! Ahi estão os francezes; vamos a elles com a ajuda de Deus! Aquillo são uns herejes e uns jacobinos, que tiraram os olhos ao nosso

santo padre de Roma, e comem até creanças! *Deus pro nobis praeliat*, Deus combate por nós, e quer a extirpação d'aquelles excommungados, que cortaram a cabeça ao seu rei, insultaram a nossa santa religião, e andam feitos com o Bonaparte, que é o ante-christo. A elles, filhos! Não escape um só! Francez que se apanhe, é dar cabo d'elle, que o santo padre de Roma concede cem annos de indulgencias por cada francez que matarmos. E digam todos amen. Vai cantar-se um *Te Deum* em acção de graças a Nosso Senhor pela victória que vamos alcançar dos francezes. ¹

Assim orou o reitor capitão-mór. E não pense o leitor que esta trovoadade tolices era resultado da estupidez do bom do padre. Era elle homem letrado e bem visto nos mais intrincados casuístas. Sa-

¹ Isto é puramente historico, e contado ainda hoje por gente, que assistiu a esta farçada.

bia de cór as decisoens da Rota, e era chavão de commentadores, por mais obscuros e emmaranhados que fossem. O que dizia e o que fazia, fazia-o e dizia-o muito de propósito e com perfeita consciencia das toleimas que proferia; mas dizia-as porque a fallar e a obrar de outra maneira, era o mesmo que fallar grego ao mais atilado dos habitantes do couto.

Ao findar aquelle discurso, o reitor voltou-se, e, acompanhado pela fradaria, dirigiu-se á egreja, cuja porta principal estava aberta de par em par.

— Ordenança, sentido! Marcha! — bradou o sargento-mór, correndo a enfileirar-se na reçaga dos frades.

A ordenança abalou, e n'um momento desorganizou-se, e amontoou-se em multidão compacta, que se rolou em onda vertiginosa, a quem mais depressa podésse chegar, até á porta da egreja. Depois invadiu-a em turba-multa. Mas

a egreja era pequena para tamanho concurso de gente. A máxima parte ficou, com grande despeito seu, da parte de fóra. D'ella alguns engatinharam pelas umbreiras, fazendo finca-pé nos hombros dos mais visinhos; outros treparam-se acima de algumas árvores que havia no largo, mesmo em frente da porta da egreja.

Reinou por alguns minutos profundo silencio. Então Thadeu Capote, homem franzino e pequeno, e de nariz pontegudo e olho vivissimo, que estava armado de um mangoal duas vezes maior do que elle, e tinha na cabeça um chapéu de feltro de um terço da altura que Deus concedêra ao dono, puxou por uma perna a um alentado marmanjo, que se encarrapitára n'um carvalho, de sobre o qual se enfiava a vista pela porta da egreja dentro até o altar-mór, e disse-lhe em voz que todos ouviram :

— O' André Prelada, que estom os homes a fajer lá dentro?

— Home, callócio!

— Mas que diacho estom fajendo, André?

— Lá pousarom os frades as armas.

— Onde, onde as pousarom?

— Nas cadeiras do coro, e sentarom-se. O nosso reitor lá pega no bribiario.

O vozeirão de toda a fradaria resoou então pelo largo, entoando em cantoção o *Te Deum* annunciado.

— Dije cá, André; o reitor está de capa de asperces?

— Não, home. Callócio!

— Mas dije; antom como'stá?

— 'Stá de capitom-mór.

— De capitom-mór! Antom nom bale.

— Como nom bale, home, se antes de começar deitarom-le ao pescoço a chabe do sacrario por uma fita benta?

— Ah! dije-me d'essas. Antom sim, antom sim.

Alguns minutos passados, a multidão oscillou.

— Que é isso, ó André?

— O reitor lá entrega o bribiario e a chabe do sacrario — respondeu o outro.

— Acabou a funcçom. Lá tomom os frades as armas. Lá fajem continença ao aurtar-mór. Santa Maria! Como bem féros!

N'isto o ondear da turba-multa cresceu cada vez mais, e logo arremessou-se em tropel pela porta da egreja fóra. Em seguida appareceram a ella o reitor e os frades.

— Sargento-mór, faça metter a tropa em fórma — disse o reitor. — Vamos marchar para Braga.

— Ordenança, sentido! Metter em fórma, que se vai marchar para Braga — bradou o sargento-mór, levantando a

alabarda e desandando em bordoadas regularisadora sobre aquelles rebeldes á disciplina.

A' voz — marchar para Braga — viu-se do couce da turba-multa fugir a todo o correr alguns homens em differentes direcções. Foram poucos porém os que fugiram; não chegaram talvez a trinta.

Os outros ficaram, e bradaram com entusiasmo bellicoso:

— A Braga! A Braga! Morram os jacobinos! Morram os francezes!

A multidão enfileirou-se n'uma tal ou qual ordem. O sargento-mór acenou então ao Trinta e tres, que estava a distancia, olhando com compaixão desdenhosa para aquella guerrilhagem, e que tinha na mão as grossas esporas de cor-reia, de que usava o sargento-mór quando cavalgava. Ao aceno do seu capitão, o veterano aproximou-se.

— Trinta e tres, — disse-lhe João Pe-

res a meia voz — vai haver muito pancadaria, homem. Parece-me que já me cheira a pólvora. Eu vou que não ha remedio, e não sei quando voltarei. Portanto, entrego-te a minha casa e a minha filha. Cuidado n'ella, Trinta e tres, cuidado n'ella, entendes? Vou descansar porque tu ficas, e sei como és amigo d'ella. Portanto, dá cá as esporas e adeus.

— Vocemecê não quer que lhe vá buscar a égua?

— Homem, não; estes madraços eram capazes de m'a roubar. Ademais em casa fica mais segura. Por lá não faltam bestas. Adeus. Cuidado com a menina, entendes? cuidado com a minha filha.

— Vá descansado, meu capitão; para vigiar por ella é que eu fico; senão, raios de diabos!.. Mas porque não quer vocemecê ir a cavallo na égua?

— Homem, nem por penso. Isso era

a mór asneira da minha vida, entendes?

— Porém de que lhe servem então as esporas?

— Eu cá sei, eu cá sei. Deixa estar. Anda cá, choupêlo ¹ — continuou, dirigindo-se a um rapaz anazado e magrissimo, mas de olho arregalado e vivo, d'estes emfim que logo denunciavam na infancia que hão-de ser na velhice uns verdadeiros figos passados. — Anda cá, toma-me conta d'estas esporas, entendes? e depois m'as darás; que, por vida minha!, que vou agora a pé, mas faço conta de vir cavalleiro no melhor cavallo, que trouxerem os francezes.

N'isto o reitor e alguns dos frades já tinham cavalgado n'umas doze ou treze mulas e trotoens do convento, que alguns criados lhes tinham trazido, para irem aos poisos até Braga.

1 *Choupêlo* quer dizer rapaz, em linguagem minhôta.

Sargento-mór, — disse o reitor — toca a marchar.

— Trinta e tres, adeus; toma conta da minha filha. Adeus, amigo; cautella, entendes?

O veterano acenou com a mão em signal de intelligencia, e desviou vagarosamente ao lado.

— Ordenança, marcha! — bradou então João Peres.

A esta voz a multidão abalou, precedida pelo sargento-mór de alabarda em punho, e de tres tambores e dous bombos que serviam nas funcçoens do couto, e que iam agora atroando os ares com um barulho infernal.

A meia duzia de passos a formatura desbaratou-se, e a ordenança do couto de Villar tornou-se massa confusa e desordenada de homens de chuços, de mangoes e de foices roçadoiras, que atroavam os ares com o som dos bombos, com

o estrepito dos tamancos, com vivas e morras tumultuosos, e com a vozeria do fallatorio vasconço d'aquelles quinhentos a seiscentos selvagens da Europa do principio d'este século.

D'esta fôrma — n'esta desordem e n'esta vozeria — atravessaram elles até Braga, seguindo por Areias, Encourados, Martim e Anaia, freguezias que lhes ficavam na passagem. De caminho ia-lhes crescendo o numero com a gente que d'ellas se lhes unia, uns de grado, outros de força. Era um valente bravatear o com que solemnisavam a marcha e a futura campanha; e, sempre a andar, iam bradejando para a direita e para a esquerda aos velhos, ás creanças e ás mulheres, a todos aquelles emfim que lhes sahiam ao encontro, e que não obrigavam a ir ávante com elles por serem incapazes do serviço. A marcha era o caminhar do povo revolucionado. O entusiasmo

suppria na maior parte a disciplina; contudo roubos houve feitos por alguns, em quem nem mesmo elle era capaz de des-nortear a bossa da rapina, que é quasi geral na gente d'aquellas localidades. Sobretudo gallinhas, frangos e até porcos anafados e taludos soffreram o mais que sufficiente para se suspeitar que tinha por alli passado uma horda de salteadores ou pelo menos um exército invasor e inimigo. Se os francezes seguissem apoz elles, não teriam em que exercer indústrias. Achavam tudo litteralmente esgotado.

N'estas gentilezas, n'estes berreiros e n'estes recrutamentos á força, gastaram quatro horas, para andar um caminho que, quando muito, leva hora e meia a percorrer. A ordenança tinha sahido de Villar ao meio dia, e quando chegou a Braga já passava das quatro horas da tarde.

No campo de Sant'Anna parou, fazendo retumbar os ares com uma trovoadade de vidas. O general Bernardim Freire estava fóra. Tinha ido visitar os póstos de Salamonde e Ruivaens; mas devia chegar n'essa tarde. Os bravos do couto de Villar acamparam então, e trataram de refocilar as forças perdidas, á custa da cosinha dos habitantes da cidade.

N'esse momento Braga achava-se na maior agitação. Estava em face da anarchia, que d'ahi a dois dias havia de estuar medonhamente dentro d'ella. A gente gráda atravessava, como a medo e como suspeitosa, de umas ruas para as outras. A arraia miuda tumultuava desenfreada e preparando-se para os terribes acontecimentos que iam seguir-se. Nos rostos dos primeiros reluzia o receio e a anciedade pela incerta ventura que proximamente os aguardava em poder dos invasores estrangeiros; na canalha

havia a superexcitação do enthusiasmo, que, chegadas as grandes occasioens, se desfaz quando muito em féros e bravatas sómente. Espalhára-se na cidade a noticia de que os francezes estavam em marcha sobre Ruivaens e Salamonde, isto é, entre cinco e nove léguas distantes de Braga; e esta noticia amedrontára uns e déra azo á loucura dos outros. As difficuldades, com que Bernardim Freire luctava, baldo a tudo que é preciso para fazer a guerra; as ordens e disposiçoens que tomava para retirar sobre o Porto e cobrir esta cidade importante, como lhe fôra ordenado pelo governo supremo do reino ¹, eram interpretadas pela gentalha e mesmo por algumas pessoas que o não eram, como provas de jacobino e de traidor á patria. Desgraçadamente esta errada persuasão

1 Aviso regio de 24 de janeiro de 1809.

era alimentada na plebe pelo character do activo general, de quem não tardaremos a fallar mais detidamente; e sobretudo pela imprudencia que tinham commettido os governadores do reino, em lhe darem para quartel-mestre-general um official, que no anno anterior elles proprios tinham deshonrado, fazendo-o conduzir preso no meio de uma escolta a Lisboa por suspeito ou *inconfidente*, como então se dizia. Fôra uma monstruosa injustiça, porque o unico crime do engenheiro Villasboas era o ter partilhado com o capitão Mariz e Luiz Candido Furtado o pensamento de crearem um governo sensato e forte, que provesse ao armamento geral do paiz, excluindo Beresford e os inglezes de toda a influencia n'aquelle grande feito nacional. O povo não via porém as cousas assim; e Bernardim Freire estava despopularisado e notado de jacobino, não só pelas únicas provi-

dencias sensatas que em tal conjunctura se devia e podia tomar, mas tambem por ter por quartel-mestre-general o engenheiro Villasboas.

A anarchia estava portanto a arreben-tar por momentos. O terror apossára-se de toda a gente. De um lado eram os francezes que se aproximavam com todos os males da conquista; do outro a gentalha que se remexia, e ameaçava a cidade com todos os horrores da desordem. Combinavam-se pois ali dois elementos inteiramente oppostos um ao outro; o pavor concentrado e ancioso da gente séria, e a ironia feroz e tumultuosa da canalha, que se declara conhecedora de crimes publicos, os quaes suppoem não só ter direito, mas até obrigação, de punir.

Braga apresentava então aspecto aterrador. Nas ruas tumultuava a plebe, em

magotes, ameaçadora e armada; as portas das lojas estavam fechadas aqui e ali ouvia-se um sino tocando a rebate, e ao longe o continuo tanger dos das freguezias ruraes. Era um borborinho apavorador; e quem n'aquelle momento entrasse em Braga, e se achasse no meio d'aquelle tumultuar, cercado de paisanos armados, e topando aqui e ali com ranchos de homens, que, acompanhados por tambores e com bandeira arvorada, percorriam as ruas, dando *morras* atroadores, parando aqui para apedrejar uma casa, ou marcando as portas de outras a golpes de chuço, não se demoraria um instante, ainda que jogasse a opulencia na perca dos interesses urgentes, que ali o tivessem levado.

Tal era o estado em que estava Braga, quando o sargento-mór de Villar entrou no campo de Sant'Anna á frente da

ordenança dos coutos de Villar e de Manhente, e de muito outro populacho que se lhe tinha aggregado no caminho.

A's cinco horas e meia da tarde Bernardim Freire entrou em Braga, acompanhado por Ayres Pinto de Souza seu ajudante general, e pelos seus dous ajudantes de campo D. João Correia de Sá e Gonçalo Barba Alardo. O general vinha carregado e descontente. Não só conhecia a impossibilidade da defeza, e dava-lhe grave cuidado a perda irremediavel da provincia do Minho; mas tinha sido pela primeira vez insultado em S. Gens, a cinco leguas de Braga, e n'esses insultos reconhecêra, não só que estava despopularisado totalmente, mas tambem que a vida lhe corria perigo imminentissimo no exercicio de uma authoridade, que a honra lhe não permittia abandonar.

—Ordenança, metter em fórmula. Apre-

sentar armas—bradou João Peres, fiel á disciplina militar, mal Bernardim Freire entrou no campo de Sant'Anna, e se dirigiu para a casa que lhe servia de aposentadoria e de quartel general.

A população da ordenança não cumpriu a ordem do seu sargento-mór, não só porque lhe era impossivel fazel-o com a rapidez e precisão necessaria, mas tambem porque a communicação com a gentilha da cidade já a contaminára das loucas predisposições que havia contra Bernardim Freire. Assim poucos homens lhe obedeceram, e d'esses uns apresentaram armas caçadeiras, outros chuços e outros malhos de lavoura. Era sobre o sargento-mór, que tinha recahido o completo commando d'aquella força; porque o reitor capitão-mór e a fradaria de Villar havia-se adiantado á divisão, e desaparecêra sem se saber para onde.

Bernardim Freire guiou o cavallo

para a ordenança de Villar, que cumprimentou tirando o enorme chapéu agaloado que, ao uso do tempo, trazia atravessado na cabeça; depois, dirigindo-se ao sargento-mór, disse-lhe com agrado e de modo que toda a gente ouviu:

— Snr. sargento-mór da ordenança de Villar, estimo conhecer os muitos e leaes vassallos que o principe regente, nosso senhor, tem n'esta provincia do Minho; e congratulo-me de coração com vocemecê pelo bom espirito, disciplina e valentia das tropas do seu commando. Póde vocemecê estar certo que farei conhecer aos senhores governadores do reino a dedicação e o patriotismo da valente ordenança do couto de Villar de Frades; e desde já espero que vocemecê e a sua brilhante divisão prestem os serviços que o bem da pátria requer. Os francezes avançam sobre Ruivaens, mas eu espero em Deus que lhes façamos lá

como no Minho; espero que não poderão forçar aquelle posto, que está guarnecido por gente valorosa e aguerrida. Vocemecê marchará immediatamente a reforçar aquelles valentes, e ficará em Salamonde para o caso dos francezes forcarem Ruivaens, o que Deus não ha-de permittir. Vai-se distribuir uma ração á tropa, e depois marcharão — accrescentou em tom de authoridade.

— General, — replicou João Peres — não é preciso. Estes madraços estão fartos e mais que fartos. Com um milheiro de diabos! Os malditos não foram pêcos para isso, apesar de que me parece, entende?, que não servem para nada mais. Portanto, não tenha cuidado. Eu vou partir já para Salamonde, e por alma de meu pai! entende? que por ali não passe nem um francez vivo, com um milheiro de diabos!

Depois deu dois passos atraz, e fez a rigorosa continencia militar.

— Vmc. militou... pelo que vejo — disse então Bernardim Freire.

— As dragonas que tenho, ganhei-as no assalto de Belver.

— Tambem eu lá estive, — replicou em tom melancólico o general — e melhor me lá tivesse acertado uma bala — accrescentou em tom mais baixo.

Assim dizendo, cortejou a ordenança, e voltando o cavallo, dirigiu-se para o quartel general, atravessando vagarosamente por entre o povo, que se não arredava, como que o fazendo acinte e para o desauthorisar. Aos ouvidos chegaram-lhe até, em rosnadellas, epíthetos de jacobino e traidor; mas o bom e leal portuguez fingiu não dar por isso nem pelos olhares provocadores e cheios de ameaças, que de propósito o fitavam, e como que irónicamente o mediam.

Mal o general se arredou, João Peres de Villalobos voltou-se para a sua divisão, e bradou:

— Ordenança, leva arriba. Marcha!

Alguns homens fizeram um movimento, mas o todo da *bicha* não se mexeu, rosnando descontente. O sargento-mór lembrou-se então da velha disciplina que tinha aprendido no exercito; empunhou a alabarda pelo conto e arremetendo com a turba, exclamou com os dentes cerrados:

— Marcha, com seiscentos diabos! E tenho dito. Quem se não mover, arre-bento-o, entendem?

— O' snr. sargento-mór, — gritaram então os da gentilha — ha por ahi alguns jacobinos?

— Morram os traidores!

— Morram os jacobinos!

— Queimem-se os herejes!

A ordenança de Villar poz-se toda

de pé. João Peres viu o conflicto imminente, porque conhecia a fundo a gente que commandava.

—Quaes traidores nem quaes diabos!—bradou de repente—Aqui tudo são portuguezes leaes, que marcham para combater pela independencia da nação. Ordenança de Villar e Manhente, marcha.

A multidão poz-se em movimento, e abalou atraz do seu sargento-mór, não sem ter primeiro deixado cahir um bom par de mangoais e foices roçadoiras pelas cabeças dos valentoens, que a tinham insultado, mas que não se atreveram a replicar diante d'aquella massa compacta de gente, que não parecia muito para graças.

Hora e meia depois a confusa multidão da ordenança de Villar passava para além do forte posto do Carvalho d'Este, e quatro mais tarde, entrava em Sala-

monde. Era perto da meia noite. N'aquella fortissima posição encontraram já para cima de tres a quatro mil paisanos armados; mas as únicas fortificaçoens, que tinham, eram as agruras da montanha que alli corre parallela ao Cávado. A mais d'isso nem uma trincheira, nem uma estacada, nem sequer meia duzia de pedras amontoadas, por traz das quaes podessem fazer fogo a coberto.

IX

Suspende a todos um temor incerto,
Que perigo rebente, ou se vem perto.

QUEVEDO. *Aff. Africano*. Cant. II.

A's oito horas da manhã do dia seguinte—16 de março—Braga em peso agitava-se tumultuosamente. Correra o boato de que os francezes haviam forçado os postos de Ruivaens e Salamonde. As portas fechavam-se com ruido, os sinos tocavam a rebate, e por toda a parte se via gente correndo em differentes direcções, inquirindo apavorada e ansiosa ácerca da verdade do que se dizia.

A gentalha principiava tambem a desenfrear-se do respeito da authoridade.

Aqui e alli parava aos magotes, insultando, dando morras e apedrejando esta e aquella casa. No campo de Sant'Anna, e sobretudo em frente do quartel general de Bernardim Freire de Andrada, era onde ella tumultuava com maior fogo, com enthusiasmo que principiava a descambar para a licença, para a exaltação anárchica, que dementa as populaçoens ignorantes e rudes, fazendo acachoar n'ellas os preconceitos e as illusoens estupidas, que as irritam até ao ponto da ferocidade selvagem.

Bernardim Freire achava-se então reunido com parte do seu estado-maior em torno de uma grande meza, collocada no centro da melhor sala da casa que lhe servia de quartel.

Bernardim Freire, com a cabeça descoberta e vestido com uma farda, no peito da qual brilhava uma commenda de Aviz, e que, em razão das tres estrellas

de prata nas dragonas de ouro e do ramo de ouro, que tinha bordado na gola e pela parte de fóra da abotoadura, que lh'a apertava de alto a baixo, indicava a sua patente de tenente-general, passeava a todo o comprimento da sala a passos largos e agitados. Do lado, em que elle passeava, estavam sentados Custodio José Gomes Villasboas, e Ayres Pinto de Souza, dos quaes o primeiro era seu quartel-mestre-general e o segundo seu ajudante-general. Junto d'estes estava tambem Gonçalo Pereira Caldas, general das armas da provincia. Do outro lado estavam Manoel Ferreira Sarmiento e João Malheiro de Abreu, ajudante de campo de Bernardim Freire; Pedro da Cunha Sottomayor, ajudante de ordens de Gonçalo Pereira, e pegado com este João Nogueira Gandra, secretario do general em chefe. De pé e mais distantes da meza os outros dois ajudan-

tes de campo D. João Correia de Sá e Gonçalo Barba Alardo.

Entretanto que o general Freire passeava agitado e meditabundo, Villasboas estudava attentamente um mappa que tinha diante de si; Ayres Pinto, voltado para elle de lado e com o cotovello esquerdo apoiado na meza, estendia-se tambem com toda a attenção para o mappa; Gonçalo Pereira, encostado para o espaldar da cadeira, estava de mãos nos bolsos, e com os olhos fitos na mesma direcção, mas deixando vêr no olhar distrahido o pensamento empregado em ideia differente. Os tres ajudantes fitavam tambem o mappa como quem esperava a solução do estudo de Villasboas; e Gandra, recolhido e meditabundo, assistia immovel e sem dar palavra áquella scena, a que os gritos do tumulto e os sinos a tocar a rebate imprimiam um certo todo apavorador.

D'estes personagens cumpre que o leitor conheça a fundo os dous primeiros.

Bernardim Freire de Andrada e Castro, general em chefe de todas as forças da provincia do Minho e do partido do Porto, era descendente de uma das mais nobres e mais antigas familias portuguezas, principiada, *si vera est fama*, no conde D. Mendo, irmão de Desiderio, rei dos longobardos, que, no tempo do nosso conde D. Henrique, passou com mais quatro cavalleiros a Portugal, e serviu nas guerras contra os mouros. Era cunhado do conde da Feira, D. Miguel Pereira Forjaz, que fôra seu ajudante-general no governo das armas do Porto; e tinha por irmãos Nuno Freire de Andrada, então general commandante em Coimbra; e o desgraçado Gomes Freire de Andrada, que n'esse tempo estava ao serviço de Napoleão I, na divisão portu-

gueza, commandada pelo marquez de Alorna, e que mais tarde, em 1817, por influencia de Beresford, havia de subir ao primeiro cadafalso, em que, n'este paiz, se derramou sangue liberal. Sangue liberal, deve-o o leitor saber, era n'essa epocha o de todos aquelles que não queriam que Portugal continuasse a ser verdadeira colonia ingleza, como o gabinete britanico o pretendia conservar, apparentando governar-nos com as ordens e com as leis de el-rei D. João VI.

Bernardim Freire estava em todo o vigor da idade. Nascera em Lisboa a 18 de fevereiro de 1759; tinha portanto cinquenta annos apenas de idade. Era de estatura mais do que alta; grosso, espadúdo e um pouco nutrido. Usava o cabello cortado muito curto, e da espessa barba negra que tinha, deixava crescer apenas uma pequena suíssa ao lado das

orelhas. As feições eram grosseiras, a bocca rasgada, o nariz grosso, e os olhos grandes e cheios de vida e de intelligencia. ¹ Era dotado de intrepidez e de coragem temerária, e de energia e tenacidade pouco vulgar. Na vida privada era dotado de tal bondade que attrahia amigos sinceros; e de um cavalheirismo digno do appellido illustrissimo, de que tantos grandes feitos se narram nas nossas velhas crónicas. O seu único defeito eram uns longes d'aquelle espirito indeciso e irresoluto, que perdeu mais tarde o desgraçado Gomes Freire, e que n'elle se pronunciavam sobretudo nos casos imprevistos, e em que lhe era preciso abandonar o procedimento franco e rasgado, e transigir hypócritamente com a dissimulação. Era o nosso melhor general d'essa epocha. Cobrira-se de louros na

1 Vid. not. ix.

Rolissa e no Vimieiro, onde commandava a divisão portugueza, e onde a sua intrepidez, vista segura e sangue frio inalteravel se fez admirar pelos inglezes. Depois de formar uma resolução, era tenaz e aferrado a ella, e, sobretudo se a honra e o dever o aconselhavam, não cedia a consideração de qualidade alguma. Assim foi elle o unico portuguez que protestou contra a infame capitulação de Cintra, a qual embarçou por todos os modos em quanto pôde, dando causa, com este procedimento, ao conselho de guerra que a Inglaterra se viu obrigada a mandar fazer a sir New Dalrymple, em satisfação á opinião publica desvendada pelo nosso valente general. Da sua energia a prova mais grandiosa é a defeza do Minho, depois que foi nomeado general em chefe das forças da provincia, em razão da morte de sir John Moore e da derrota dos inglezes na batalha da

Corunha. Nomeado pelo aviso regio de 24 de janeiró de 1809, tomou o commando a 30 do mesmo mez. Partiu immediatamente para a provincia, e ahi sem dinheiro, sem soldados, sem armas e sem municoens, organisou de tal maneira a defeza popular, que obrigou Soult a prescindir da ideia de atravessar o rio, e a conceber o plano audacioso de marchar pelas alturas de Barroso, e dirigir-se a Traz dos montes, por onde effectivamente entrou em Portugal.

A campanha de 1808 e a sua resistencia á convenção de Cintra fizeram-n'o popularissimo; e em razão d'essa popularidade é que o péssimo governo do reino o fez governador das armas do Porto, depois da expulsão de Junot. Mas os inglezes não esqueceram a affronta de sir Hew Dalrymple; e aproveitando a entrada de Soult pela Veiga de Lille, lançaram a responsabilidade d'ella á con-

ta de Bernardim Freire, e, graças ás intrigas do ambicioso barão d'Eben, conseguiram transformar-lhe a popularidade no rancor e no ódio que levou depois a plebe a assassinal-o.

Custodio José Gomes Villasboas, seu quartel-mestre-general, era official de engenharia, homem intelligente e de muito saber. Foi o primeiro engenheiro, a quem se incumbiu a canalisação do Cávado, assumpto sobre que deixou escriptas algumas memórias e bastantes mappaes manuscriptos. Era homem alto, secco, fronte espaçosa e elevada, e aspecto carregado e meditabundo. Gosava de toda a confiança e amizade de Bernardim Freire, a quem tinha auxiliado valiosamente com o seu saber e com a sua energia na organização da defeza do rio Minho. A circumstancia porém de já ter estado preso por *inconfidente*, fazia-o odioso á plebe, que desde muito o tinha na

conta de jacobino convicto e de traidor e inimigo da patria.

Havia já mais de dez minutos que durava a scena muda, que descrevemos, em torno de Villasboas, ao mesmo tempo que Bernardim Freire passeava agitado a todo o comprimento da sala.

Um *morra* terrivel e medonho, o primeiro enfim em que a anarchia se desmascarou totalmente, fez estremecer todos os officiaes e parar o general.

— Então, snr. Villasboas? — disse este para o quartel-mestre, que era o único que tinha ficado impassivel e sem o mais pequeno signal de dar fé do tumultuar da multidão — então em que ficamos?

— General — replicou Villasboas — continuo a sustentar a minha opinião. E' tempo de retirarmos sobre o Porto, e abandonar inteiramente a provincia do Minho.

— Mas a respeito da defeza do Ave?

— A minha opinião é que façamos convergir todas as forças para o Porto; que fortifiquemos o Ave na Trofa, e que ahi demoremos a marcha do inimigo, até que se completem de todo as fortificaçoens do Porto.

Bernardim Freire deu mais dois outros passeios ao longo da sala, e durante elles o rosto carregou-se-lhe mais melancólico e mais triste.

— A minha opinião — disse por fim — é que morramos todos aqui, n'algum d'esses postos avançados. E' isso melhor do que ir morrer com má fama e deshonradamente dentro dos muros do Porto.

— General, permitta-me v. exc.^a que lhe diga que exaggera...

— Exaggero o que, snr. Villasboas? Pois não vê o que diz o brigadeiro Parreiras?

— Mas perdão, senhor, a presença de v. exc.^a na cidade do Porto ha-de acalmar aquella effervescencia, e então não será difficil defender...

— Ha-de acalmar-a como a acalma aqui, snr. Villasboas. Attenda—interrompeu Bernardim Freire, apontando para a praça, d'onde n'aquelle momento partiu um novo brado sedicioso, que atroou por alguns momentos a sala.— Ha-de acalmar-a como a acalma aqui. Esta gente quer impossiveis, e em toda a parte de Portugal o povo está assim. *Quos Deus vult perdere prius dementat*, snr. Villasboas. E entre nós está-se realisando o proverbio, e realisando medonhamente. Ouve esses gritos lá fóra? D'aqui a pouco esses loucos passarão talvez dos gritos ás obras, isto em face dos proprios inimigos, quando Soult está a dous passos de nós, quando é preciso fazer convergir todas as forças, to-

dos os meios e todas as intelligencias para a defesa commum. E' agora, veja bem, ouça, ouça... é agora que elles desorganisam tudo e embaraçam tudo; é agora que elles querem inutilisar os homens, a cujo cargo está a direcção da defesa. A plebe soltou-se do freio da authoridade, governa em vozerias, e com ellas não se resiste a Soult. Isto está tudo perdido. Deus dementa-os, por que os quer perder. Algum grande crime quer elle punir de certo em nós. A resistencia é por tanto inutil, por que todos enlouqueceram, todos, desde o mais alto até o mais baixo, e entregaram a nação indefesa nas mãos dos francezes. Está tudo perdido, está tudo perdido...

E depois de dar mais algumas voltas, parou, e, aproximando-se da meza, disse para o ajudante Sarmento:

— Deixe-me vêr d'ahi esse mappa.

O ajudante passou-lhe o papel indi-

cado, e o general abriu-o, e fitou-o um momento.

— Que queriam elles que eu fizesse com isto? — exclamou, como em satisfação a si proprio e batendo impaciente com os dedos da mão direita no papel — Eis-aqui as forças que me entregaram no Minho — um batalhão do regimento n.º 9; um batalhão do n.º 21, mas que tinha só 684 praças; cento e sessenta praças de artilheria n.º 4, das quaes a maior parte estavam doentes e incapazes para o serviço; oito regimentos de milicias... Oito! se só o de Villa do Conde estava bem armado; os outros nem armas tinham. Seiscentas praças dos regimentos n.ºs 6 e 8, mas sem officiaes, snr. Villasboas, mas sem officiaes, meus senhores! E artilheria... Lembra-se da artilheria que nos entregaram? Seis peças de 3 e oito de 6! Parece incrível! E é com isto que queriam que

eu fizesse parar os trinta mil soldados de Soult! Muito fiz eu; tenho a consciencia de que ninguem faria mais. E porque não pude defender toda a fronteira do norte de Portugal com essa meia duzia de soldados e com esses milhares de paisanos armados de chuços, chamam-me jacobino, chamam-me traidor á patria! Que mais queria essa gente de mim? Que mais se podia fazer do que fiz?

E atirando, vivamente abalado, com o papel para cima da meza, poz-se de novo a passear agitado.

— Mas, general, — disse então Villasboas com rosto carregado e voz firme — é preciso tomar uma resolução, e é preciso tomal-a immediatamente. Isto não póde continuar assim.

— Mas que resolução quer que eu tome?

— A que já disse, senhor. V. exc.^a

deve expedir ordens a todos os commandantes de forças para que retirem sobre o Porto, e deve partir immediatamente para aquella cidade...

—E para quê, snr. Villasboas? O Porto não se defende; o Porto perde-se como vamos perder Braga...

—Mas, general, desculpe-me v. exc.^a,
—replicou serenamente Villasboas—
d'essa fôrma é que se não faz nada. Assim não se remedeiam as cousas. Urge o tempo, e com estarmos a deplorar a situação, não a concertamos de certo. Repito, a minha opinião é que v. exc.^a ordene a retirada de todas as forças sobre o Porto, que parta immediatamente para lá, que fortifique a Trofa...

—E que vamos morrer miseravelmente dentro dos muros do Porto, onde o ser vencido é mais vergonhoso, porque o Porto é uma grande cidade, e passa por muito forte. Depois não dirão que

a derrota foi resultada da anarchia em que está o Porto, mas sim que aconteceu por incapacidade e por covardia nossa...

— V. exc.^a, desculpe, sonha a anarchia no Porto.

— Como sonho, senhor! — bradou Bernardim Freire, batendo impaciente com o pé no soalho — Que diz o officio do brigadeiro Parreiras?

— O officio de Parreiras, quanto a mim, indica pussilanimidade...

— O brigadeiro Parreiras é um official valente, snr. Villasboas, — disse secamente Bernardim Freire — e a prova de que disse a verdade é que, de todos os reforços que nos mandaram, apenas podéram chegar a tempo o regimento de Traz-os-montes e o batalhão do 21 que estava na Beira. O parque de artilheria do Porto, o batalhão do 9 e a Leal Legião lusitana chegaram já muito

tarde, como sabe. E a razão d'isso foi o estado anárchico, em que está o Porto; a não ser elle chegariam a tempo conveniente.

— A' vista d'isso ficamos assim, general? Não se faz cousa alguma? — disse Villasboas com ironia severa.

— Eu sei lá o que se ha-de fazer com as cousas n'este estado? Decidam os senhores, decidam os senhores.

— V. exc.^a dá licença que eu falle, general? — disse então Gonçalo Pereira Caldas.

— Falle, general; v. exc.^a sabe que o tenho em muita conta, e que respeito a sua opinião.

— Visto que v. exc.^a me concede licença, direi que a opinião do snr. Villasboas me parece acertadissima. D'esta fôrma cumpre v. exc.^a á risca as instrucções que lhe são dadas no aviso regio de 24 de janeiro. Defende o Porto, e sal-

va talvez a nação de ser completamente conquistada. E' pois minha opinião que v. exc.^a parta immediatamente para lá; e mesmo, meu amigo, deve concordar em que no estado de agitação, em que está Braga, v. exc.^a corre perigo, correm-n'o também sua esposa e seus filhos...

—E quer v. exc.^a que os leve para o Porto! Por ventura estão lá mais seguros?

—Pelo menos, general, lá não exercem influencia as intrigas do barão d'Eben...

—Oh! sim, do barão d'Eben! — exclamou Bernardim Freire, com as feições rapidamente illuminadas de cólera, e com os dedos a tremerem-lhe convulsivamente sobre os copos da espada — Oh! sim, esse canalha é o concitador de tudo isto, bem o sei. Os inglezes não me perdoam o ter protestado contra o

infame Dalrymple, e não os ter deixado assenhorear inteiramente do Porto, quando o anno passado queriam patrulhar elles sós a cidade, e eu exigi que metade das patrulhas fossem soldados portuguezes. Não me podem vêr depois d'isso, bem o sei; e Beresford jurou perder-me. Tornar-me suspeito ao povo era a melhor de todas as vinganças! Inutilisou assim toda a minha opposição ao dominio inglez, e vingou-se de mim, atacando-me no que prézo sobre todas as cousas d'este mundo... na honra! Infames! Beresford calculou bem a partida, e Eben é um excellente agente. Mas cautella comigo, cautella comigo; nem sempre hei-de ser o bom homem, o excellente homem que elles pensam!..

E aqui Bernardim Freire parou, com os dentes cerrados pela cólera e os olhos chammejantes como dous carvoens accezos.

—Mas por isso mesmo, para inutilisar as intrigas d'Eben é que v. exc.^a deve partir para o Porto.

—Snr. Gonçalo Pereira, — respondeu Bernardim Freire em voz serena, mas fitando n'elle um olhar de decisão inabalavel — não partirei para o Porto, senão depois que não tenha um só cartuxo para defender o Carvalho d'Este e a Senhora do Porto. Se levar por lá com uma bala, tanto melhor. Vale mais acabar assim, do que victima das intrigas d'esse infame agente de Beresford. A morrer, morrerei como soldado portuguez, no meu posto. E depois elles para ahi ficam, os grandes homens; que defendam Portugal.

—Porém, general, se v. exc.^a não partir... — disse Villasboas sempre com serenidade imperturbavel.

—Não partirei, não partirei — bradou

Bernardim Freire, batendo impaciente com o pé na casa.

Aqui um brado medonho e pavoroso atroou toda a praça, e Bernardim Freire e o seu estado maior ouviram estoirar com estrondo a porta da casa, a sentinella chamar ás armas em voz afflicta, e o arruido e a vozeria de gente, que tinha atulhado o páteo, e que subia em motim pela escada acima.

Bernardim Freire correu ao encontro dos amotinados. Todos os officiaes seguiram immediatamente apoz elle.

— Que querem, senhores? — bradou com firmeza o general, esbarrando com os revoltosos, que iam a chegar ao ultimo degrau do primeiro patamar da escada.

O sangue frio e a authoridade, com que Bernardim Freire disse aquellas palavras, abalou momentaneamente o furor da multidão, que recuou um pouco

sobre si, como se recebesse um choque eléctrico. Por fim recompoz-se d'aquelle primeiro aballo, e um dos mais dianteiros respondeu com rudeza e em tom de quem mandava :

— General, acabamos de ter a certeza de que os francezes forçaram Salamon-de. O povo não quer generaes para estarem no quartel da saude, mas sim para combaterem á frente d'elle. O povo quer que v. exc.^a o acompanhe até ao Carvalho d'Este.

— Snr. ajudante Malheiro, — disse serenamente Bernardim Freire — dê ordem para que sellem os cavallos.

Depois, voltando-se para o homem do povo, que lhe dirigira a palavra, acrescentou em voz alta e forte :

— O povo tem razão. Vamos lá todos para o Carvalho d'Este vencer ou morrer pela patria! Veremos agora quem são os verdadeiros jacobinos!

Em seguida affastou-se ao lado com Ayres Pinto, e disse-lhe rapidamente e em voz baixa:

— Fique, e espreça immediatamente um officio para o Porto ao brigadeiro Parreiras, e participe-lhe que os francezes estão próximos de Salamonde, e que o povo está aqui como v. s.^a vê. Diga-lhe da minha parte que se previna. E se eu morrer, conduza v. s.^a a minha familia para onde lhe parecer mais conveniente. Entrego-lh'a á sua honra e á sua amisade.

— Viva o nosso general!

— Viva o snr. Bernardim Freire de Andrada!

— Morram os jacobinos!

— Morram os traidores!

— Vivam os verdadeiros amigos da pátria!

Foi com estes gritos estrepitosos, que o povo acolheu as palavras que o

general lhe dirigira. D'ahi a pouco, este, acompanhado por Villasboas, pelo general Caldas e pelos quatro ajudantes de campo, montou a cavallo, e sahiu para o Carvalho d'Este entre innumeravel multidão de canalha, e ao som dos berros d'ella, dos sinos a rebate e do rufar dos tambores e bombos de alguns corpos de ordenanças, que entravam n'aquella occasião na cidade.

Eram onze horas da manhã quando Bernardim Freire chegou ao posto do Carvalho d'Este. Estavam alli alguns regimentos de linha, com algumas peças de artilheria e um innumeravel gentio de ordenanças, por detraz de estacadas irregulares e parapeitos de terra e de pedra solta. A agrura natural da montanha, se estende d'alli até á Falperra, era porém a verdadeira fortificação do posto, e suppria em parte por tudo o que se não soubera ou não podéra fazer.

Commandava o posto do Carvalho d'Este o barão d'Eben, que era coronel do célebre regimento chamado Leal Legião Lusitana, ou o dos tres LL, em razão dos que os soldados traziam na grande aba revirada dos chapéus que lhes serviam de barretinas. Eben era o verdadeiro typo do inglez orgulhoso da convicção de que é o ser mais perfeito da creação. Era alto e de feições graves e frias; mas por traz d'esta apparencia de fleugma britânica referviam n'elle a mais desmedida ambição, a inveja das almas pequenas e o espirito enredador e de intriga, de que são geralmente dotados os homens de carácter assim. Para desculpar estes grandes defeitos, Eben não tinha senão o seu ridiculo orgulho bretão e a mediocridade mais chata e mais somenos que se póde imaginar. Mais tarde, por occasião do assassinato de Bernardim Freire, é que se desmascarou a podridão

d'aquelle carácter. Deixou-o infame-mente assassinar diante de si, sem que, para o salvar empregasse nenhum dos muitos meios, de que dispunha em razão da popularidade, que grangeára á custa das intrigas e das atoardas plebeias, com que o despolarisára a elle. Aceitou da canalha a nomeação de seu general, e depois, officiando a Beresford, metteu-lhe aos olhos esta nomeação como quem demonstra a sua grande aura, e se impoem necessario para aquelle cargo. Por fim, contramandando as ordens de Bernardim Freire, em lugar de retirar sobre o Porto e fazer convergir para esta cidade todas as forças de que ainda podia dispor, julgou-se bastante para fazer parar as tropas de Soult, e, inspirado pelo seu orgulho e pela sua estupidez, sacrificou milhares de homens na defeza da ponte do Porto, do Carvalho d'Este e da Falperra. O des-

fecho de tudo isto foi fugir a toda a brida para esta cidade, onde a sua chegada esbaforida e as ridículas desculpas da sua derrota incendiaram a gentilha, aumentando-lhe o preconceito dos jacobinos e dos traidores á pátria.

Tal era o barão d'Eben, que da empreza infamante, em que se metterá, logrou apenas o grande medo que teve de ser apanhado pelos francezes, quando entraram em Braga, e a obscuridade a que a Providencia condemna as mediocridades parvoas, por mais enredadoras e mais pavoneadoras que sejam dos seus merecimentos.

Ao chegar á linha do Carvalho d'Este, Bernardim Freire desmontou, segurando-lhe o estribo um dos seus ajudantes de campo, como então era de estilo militar. Eben sahiu-lhe ao encontro com o respeito devido ao general em chefe, mas com a frieza própria do ridiculo or-

gulho de que era dotado, e que lhe convinha agora fazer sobresahir para se popularisar mais com aquelles, entre quem fizera callar a convicção do jacobinismo do seu chefe. Bernardim Freire recebeu-o com a sobranceria própria de um official superior, que se sabe offendido ás occultas por um seu subordinado, e com o desdem de um verdadeiro fidalgo portuguez para com os intriguistas depressiveis. Passou por elle, tocando ao de leve no chapéu, e acompanhado de Villasboas e do estado-maior, principiou a inspeccionar a linha e a dar as ordens, que lhe pareceram necessarias, para regularisar mais os pontos fortificados. Em seguida montou a cavallo, e seguiu para a Falperra, onde a ordenança se havia afortalezado n'um pequeno cerrado pertencente ao convento, e tinha na frente uma ladeira ingreme e escabrosa e na retaguarda a montanha cortada em

desfiladeiro. Depois de examinar toda esta parte da linha, voltou para o Carvalho d'Este.

Eram quatro horas da tarde quando ahí chegou. A linha achava-se então vivamente agitada.

—Que é isto, snr. barão de Eben?

—disse Bernardim Freire com altivez e authoridade.

—Acabam de chegar alguns homens que dizem que os francezes forçaram o posto de Salamonde.

—Isso não póde ser—replicou serenamente o general.—O posto de Salamonde é muito forte, e está defendido por gente, que de certo se não deixará vencer com tanta presteza.

Dizendo, continuou a guiar vagarosamente o cavallo ao longo da linha de fortificação.

O tumulto rompeu então mais des-

mascarado. De toda a parte começaram a soar estes gritos:

— Ahi vêem os francezes; já passaram Salamonde para o lado de cá.

— Morram os jacobinos!

— Morram os traidores á patria!

— Isto foi entrega. Morram os afrancezados!

— Morram os inconfidentes!

— Bernardim Freire esporeou o cavallo para o lado, onde o arruído era maior.

— Que é isto, amigos? Que é que aconteceu? — bradou rijamente.

— Lá se foi Salamonde com seiscentos diabos! — gritou um ordenança, apontando para o caminho de S. Gens.

Bernardim Freire olhou. De feito uma multidão de povo da ordenança dirigia-se em confusão e como fugindo, pelo caminho indicado. Uns vinham des-

calços, outros sem chapéu, e todos sem armas e misturados em desordem. Era a população a fugir apavorada e sem olhar para traz. De repente atravessou por entre elles um official, correndo á redêa solta sobre um magnifico cavallo baio. Bernardim Freire assestou o oculo, e reconheceu Luiz Vasques de Encourados, que por ordem d'elle tinha ficado em Salamonde, quando de lá partira havia dois dias.

Minutos depois os primeiros fugitivos entraram nas fortificaçoens do Carvalho, e em seguida a elles chegou Luiz Vasques. Dando com os olhos em Bernardim Freire, dirigiu-se immediatamente para elle.

— Então, snr. Luiz Vasques? — disse o general, pondo com anciedade os olhos n'elle.

— Os francezes forçaram o posto de Salamonde sem acharem resistencia.

— Sem acharem resistencia!

— Sem um só tiro, general! Os homens da ordenança fugiram como uns covardes!

O rosto de Bernardim Freire exprimiu n'um momento a anciedade, a hesitação e a duvida.

— E agora que se ha-de fazer?! — balbuciou elle.

— Agora — acudiu friamente do lado o barão d'Eben, elevando a voz de fórma que fosse bem ouvido — agora resta-nos defender esta linha. E aqui não seremos nós, serão os francezes que hão-de fugir!

Luiz Vasques mediu o inglez com um olhar de cólera e de desdem.

— Agora, general, — disse então — agora mais que nunca se torna preciso que v. exc.^a adopte as providencias que meu tio aconselhou.

N'isto a linha foi invadida por novo

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE



Que não escape um só, entende?

magóte de fugitivos. Bernardim Freire, abstracto e quasi machinalmente, ia a voltar o cavallo, quando do meio da turba-multa rompeu um homem, que lh'o segurou pela rédea, e o fez immediatamente parar.

—General, — gritou o tal homem — mande formar essa tropa de linha que ahi tem, e mande-me já fuzilar estes trahentes da ordenança de Villar e de Manhente, entende? Que não escape um só, entende? Eu commandarei o fogo.

Era João Peres de Villalobos, era o sargento-mór de Villar; mas em cabello, sem o chapéu de bicos, com a casaca verde sem uma aba e esfarrapada n'um hombro, e com a espada de Belver empunhada, e com nódoas de sangue fresco na lámina.

—Quem é este homem? — disse Bernardim Freire, fitando aquellas feicoens, de que tinha alguma reminiscencia.

— Quem sou? — replicou João Peres — sou o sargento-mór de Villar, sou um soldado velho, um homem que esteve com v. exc.^a em Banhuls e em Puig-Cerdá. Estou a arrebentar de raiva e de vergonha com o que acaba de acontecer, entende? Com um milheiro de diabos! Fugiram como uns gallegos, como uns jacobinos, como uns herejes... entende? V. exc.^a é um soldado valente e leal, um hómem honradó e amigo da glória da sua patria...

Aqui o general curvou-se, e apertou com gratidão a mão do velho soldado. A justiça, que a altos brados lhe fazia aquelle homem, compensava de certo modo as amarguras que lhe tinham causado as injustas e estúpidas atoardas de traidor, com que o pretendiam deslustrar.

O rosto de Bernardim Freire exprimia toda a gratidão, que profundamente o demovia. João Peres sentiu instincti-

vamente que n'aquelle momento as suas palavras eram valiosissima protecção para aquelle honrado homem, que estava tanto acima d'elle, que era emfim o general em chefe. A natural generosidade do seu character despertou energicamente.

—Honrado e leal, sim! — exclamou, apertando com effusão a mão, com que Bernardim Freire apertava a d'elle — honrado e leal, portuguez ás direitas e amigo da patria como poucos! Vi-o eu, entendem? vi-o eu em Puig-Cerdá e em Belver, com seiscentos diabos! E que me não digam que não esses marinellos, que comiam as papas á borralha, enquanto que nós andavamos por lá ás cutiladas aos francezes; não me digam que não, que o vi eu, entendem? E tenho dito. Portanto, meu general, faça o que lhe digo; colha-me já esses tratantes da ordenança dos meus coutos, e fuzile-m'os.

Que não escape nem um, entende? Vê esta espada? Não me deram tempo para a empregar nos francezes que avançavam; mas despiquei-a nas costellas d'estes gallegos que fugiam! Alguns ficaram por lá estendidos; mas não os pude acabar todos! Portanto, é fuzilar estes covardes, entende? é fuzilal-os, com seiscentos diabos! que eu não posso fazer tudo!

Bernardim Freire sorriu, e prometeu ao sargento-mór que tomaria em consideração o que lhe recommendava. Depois voltou o cavallo, e dirigiu-se para o lugar, onde se achava o quartel-general do commandante do posto.

João Peres continuava a vociferar furioso no meio da immensa multidão de soldados, de milicianos e de ordenanças, que os berros, que soltava, attrahiam para alli.

Luiz Vasques tentou apasigual-o,

mas vendo que o não conseguia, deixou-o, e foi reunir-se a Bernardim Freire. João Peres, vendo-se desembaraçado d'elle, deu então largas á lingua, que a rethórica da raiva lhe agitava em redemoinho na bocca.

— Que estão vocês a olhar para mim, sôs basbaques? — gritava, agitando furioso a espada — Nunca me viram? E' como lhes digo. Fugiram como uns covardes, como uns gallegos... entendem?... Oh! Thadeu Capote, pois estás ahi, ladrão! E tu tambem, Manoel Prelada, alma de seiscentos diabos!... e tu, Zé da Preza... Eu vos ensinarei, ladrões!... Nunca se viu uma vergonha assim, entendem? E' como lhes digo. Estive em Belver, estive em Puig-Cerdá, estive em Banhuls, estive em Pons de Moulins, e sempre lá vi os portuguezes honrarem as barbas de seus pais como homens de antes morrer que fugir. Até

em Pons de Moulins, onde fomos vencidos, aconteceu assim, com um milheiro de diabos! O meu regimento, que era o segundo do Porto, só elle, entendem? só elle, atreveu-se a arremetter com todos os francezes para ver se salvávamos os nossos companheiros do primeiro regimento, que tinham sido tomados de surpresa e aprisionados sem se poderem valer. Por mais de duas horas pelejamos de fórma que os francezes ficaram sabendo o que são portuguezes de lei, e não portuguezes como vocês, corja de fracalhoens! que fogem de meia duzia de homens e de dous caens, com seiscentos diabos! E' como lhes digo, entendem? Pois olhem que foi uma batalha de lei. Até lá ficou estendido no campo o conde da União, nosso general em chefe, que a não ser isso, entendem? pelo inferno, não iria tudo de foz em fóra...

Aqui João Peres foi interrompido por

violento puxão que lhe deram no braço. Voltou-se com os olhos incendiados e fero como um leão.

— Snr. João Peres, o general deseja fallar-lhe—disse-lhe Luiz Vasques de Encourados, que fôra quem por elle traxera.

— E o general que me quer, morgando?—perguntou João Peres, impaciente da interrupção que lhe cortára aquelle despeitoramento de raiva, em que ardia.

— Elle lh'o dirá. Venha d'ahi.

João Peres seguiu de má vontade o joven senhor de Encourados até ao logar, onde Bernardim Freire se achava. O general estava rodeado por todo o seu estado-maior e por alguns soldados de milicias e da Leal Legião, e ladeado por Custodio Villasboas e pelo general Caldas. No rosto de todos os officiaes lia-se a anciedade e o mais profundo cuidado a respeito da situação, em que se viam.

— Snr. sargento-mór, — disse Bernardim Freire, mal avistou João Peres — queira ter a bondade de nos informar do que se passou em Salamonde.

— O que se passou, general! — exclamou João Peres — Passou-se uma covardia infame, passou-se a vergonha do nome portuguez! No nosso tempo...

— Pois os francezes não acharam nem sombra de resistencia? Nem um tiro, snr. sargento-mór, nem um tiro? Dil-o vocemecê, dil-o esta gente, mas affigura-se-me impossivel...

— Pois é como lhe digo, senhor. Assim sem mais nem mais... — interrompeu João Peres voz em grita. — Se quando v. exc.^a me mandou hontem para lá, eu soubera que tal havia de succeder, não ia, entende? não ia. Pois, senhor, que haja um homem de escapar da guerra, para depois ter de morrer envergo-

nhado por uma cousa d'estas! E' duro, entende? é duro!

— Porém, snr. sargento-mór...

— Porém, general, é como lhe digo, entende? E não me diga v. exc.^a que não; sei o que digo. Porquanto, senhor, affigure-se v. exc.^a que eu dispuz as cousas em ordem, como no tempo da nossa campanha, na agrura da serra, e a alcance de meio tiro do sitio, onde os francezes tinham por força de passar. Estavamos a peito descoberto, e éramos uma linha de mais de tres mil, com seiscentos diabos! Se estes tratantes fizessem a sua obrigação, não passava um só, entende? não ficava francez para uma mezinha. Porque, senhor, imagine v. exc.^a que estávamos de cá da volta da serra, entende? de fórma que francez que apparecesse era fuzilado, e o que escapasse das balas, não escapava, por vida minha, entende? não podia escapar dos ca-

jados nem das foices roçadoiras, que para isso é que podia prestar aquella canalha, que para outra cousa não lhe sei prestimo, a não ser, salva tal logar, para comer e para roubar.

Aqui João Peres fez pausa momentânea para tomar fôlego, e continuou em seguida :

— Pois, senhor, estávamos assim, em linha de batalha, em pontos de podermos sustentar a fuzilaria em descarga cerrada contínua, e eu na frente, entende? para mostrar áquelles covardes o que é um soldado portuguez, que esteve em Banhuls e em Puig-Cerdá. Havia enthusiasmo que farte em toda a linha. Mas deram dez horas, e os francezes não appareciam. Então estes excommun-gados começaram a asnear uns com os outros, e senti, por vida minha! senti que começavam a esmorecer. — Nada — disse eu cá com os meus botoens —

nada, isto não está bom. Isto não são soldados, é paizanada, que, se arrefece, toma toda as de Villa Diogo, com os narizes pelo faro da lareira. E' preciso animal-os. — E então, senhor, desço á povoação, e faço vir para alli vinho, deilhes a beber até tocarem com o dedo, e então, entende? começo a dizer que estavam ahi os inglezes de soccorro. N'isto começo a descortinar a cavalleria dos herejes pelo caminho de Ruivaens. — Sentido! que ahi vêem os jacobinos. Rapazes, é ter firme, que aqui não passa nem um! — Tudo mette em linha, mas estavam com uns olhos tão espantados, pelo inferno!... N'isto começam a apparecer na volta dous esquadroens de cavalleria, que metteram a dous de fundo, e continuaram a passo e de espadas desembainhadas, e sem fazerem caso de nós. — Fogo! — grito eu — fogo, fogo, com seiscentos diabos! Fogo! — Mas

nem um só tiro, entende? nem um só tiro!... Arremesso-me para elles com a cabeça perdida. Agarram-me, sujeitam-me, e um d'elles diz-me baixo — não lhes atire, senão olhe que se assanham! — Ai, com que tunantes estou mettido. Eu nem podia fallar, quizera-os trincar todos de uma vez! N'isto os dous esquadroens passaram, e logo apparecem duas companhias de caçadores que traziam quatro caens de fila na frente. — Foge, foge, que ahi vêem os caens que comem gente! — ouço gritar. N'isto toda aquella massa se remexe em confusão, e parte á desfilada, arrastando-me, entende? arrastando-me em turbilhão na fugida, sem que eu podésse assenhorear-me por muito tempo, sem me poder atinar, porque mal que pude, entende? desandei ás cutiladas a elles... Ah! canalha! ah! covardes!... (1)

(1) Este facto foi narrado ao author por uma testemunha

Aqui João Peres soltou um grito de raiva, e começou a gesticular em fôrma de quem acutilava. Bernardim Freire escutava-o sem dar palavra, e deixando ver no rosto o desalento, em que aquella covardia o lançára. Villasboas curvou-se então para elle, e disse-lhe a meia voz:

—Eu sempre esperei isto, general. E' necessario tomar a resolução conveniente. Não ha tempo a perder; repare v. exc.^a para ali.

Bernardim Freire olhou na direcção que Villasboas lhe apontava. A noite havia cerrado, e por entre a escuridão começavam a scintillar em Salamonde, desde as alturas da montanha até ás margens do Cávado e por estas abaixo, as fogueiras do acampamento francez.

presencial. D'esta vergonhosa fugida falla ameaçadoramente o marechal Beresford na ordem de exercito do 30 de março de 1809.

O general esteve por muito tempo com os olhos fitos n'ellas, sem dar uma só palavra. Por fim aproximou-se de um tambor, que estava ali junto, e escreveu a lapis sobre um bocado de papel um bilhete, que em seguida entregou a Luiz Vasques.

— Parta immediatamente para Braga, e entregue hoje mesmo este bilhete ao snr. ajudante general Ayres Pinto de Souza.

Luiz Vasques tomou o bilhete, e, lançando-se de golpe sobre o cavallo, despediu á rédea solta para Braga. João Peres espantou os olhos, quando viu a fria e melancólica serenidade do general ao dar aquella ordem, e a presteza com que Luiz Vasques havia desaparecido.

— Pois, por alma de meu pae! — exclamou finalmente — aqui não fico eu nem que me pezem a ouro! Com tal gente nem para o céu, entende?

Assim dizendo, lançou-se de repelão e a pé, pelo caminho por onde Luiz Vasques se tinha dirigido.

Bernardim Freire viu-os partir sem dar palavra. O rosto porém, com quanto impassivel e sereno, assombrára-se-lhe de uma melancolia e de uma tristeza indefiniveis.

— Snr. ajudante Malheiro, — disse por fim — monte a cavallo, e vá á Ponte do Porto dizer ao commandante do posto, que retire immediatamente sobre a cidade do Porto, seguindo as instrucções que hontem lhe dei.

Depois voltou-se para Gonçalo Barba Alardo, e ordenou-lhe que fosse levar igual ordem ao commandante do posto da Falperra.

Os dois cavalgaram, e partiram a toda a brida para as direcções oppostas, que ficavam nas extremidades da linha de fortificações que cobria Braga. Es-

tas fortificaçoens formavam um verdadeiro quarto de circulo, em cujo raio ficava na extremidade esquerda a Ponte do Porto, no centro S. Mamede do Carvalho d'Este, e na extremidade direita as fortificaçoens da Falperra, com Braga na retaguarda, a distancia de uma légua pouco mais ou menos de cada uma d'estas tres localidades.

Depois que os dois ajudantes de campo partiram, Bernardim Freire sentou-se n'um dos muitos penedos que haviam no sitio, poisou o cotovello direito sobre o joelho, encostou a barba na mão, e assim ficou por muito tempo abstracto e com os olhos invariavelmente fitos na chamma de uma fogueira que ardia perto d'elle.

—E nós? — perguntou então Villasboas.

—Nós... partiremos amanhã — balbuciou Bernardim Freire em voz de entoação, que cabalmente indicava aquel-

les assomos da irresolução de que era dotado.

O bilhete, de que Luiz Vasques era portador, dizia estas palavras :

Os francezes atravessaram o posto de Salamonde sem acharem resistencia. Está tudo perdido. Avisinha-se o inimigo. A'manhã deve estar aqui. Retire immediatamente para o Porto com a caixa militar e com a secretaria. Avise do acontecido aos brigadeiros Victória e Parreiras. Recommendo a minha familia á sua amisade e fidalguia.

Minutos depois da partida dos dois ajudantes de campo, espalhára-se por todo o acampamento a noticia de que se ia retirar sobre o Porto. O descontentamento principiou desde logo a manifestar-se altamente. A' uma hora da noite estava tudo em completa anarchia.

COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Sargento-mór	<i>Frontispicio</i>
Sentido, trinta e tres, pag.	44
Tu aqui, minha Camilla, pag.	63
Pague-me snr. fidalgo, pag.	211
O tiro foi ás estrellas, pag.	241
Que não escape um só, pag.	379



LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
Eduardo da Costa Santos

EDITOR

4, RUA DE SANTO ILDEFONSO, 6

PORTO

Camillo Castello Branco

D. Luiz de Portugal, 4 vol.....	600
O general Carlos Ribeiro, 4 vol.	400
O Vinho do Porto, 4 vol.	500
A Maria da Fonte, 4 vol.....	1\$000
Serões de S. Miguel de Seide, publicação mensal, cada vol.....	250

Dr. Emygdio Navarro

Quatro dias na Serra da Estrella (um gran- de volume com 12 phototypias)	1\$200
---	--------

Z. Consiglieri Pedroso

As grandes épocas da historia universal. (O mundo oriental.) 4 grande vol.....	1\$000
---	--------

Alfredo Campos

A Filha do Cabinda, 2. ^a edição, 4 vol....	500
A Jurity. 4 vol.....	500

Nunes d'Azevedo

Contos modernos, 4 vol..... 500

A. Gama

A comedia a sério, 4 vol..... 500

Abel Acacio

Lyra insubmissa, 4 vol..... 500

Visconde de Villas Fortes

O Rei dos Navegantes, 4 vol..... 400

Henrique Perez Escrich

A casaca azul, 2 vol..... 45000

Dr. Ricardo d'Almeida Jorge

Hygiene social (um grande volume)..... 800

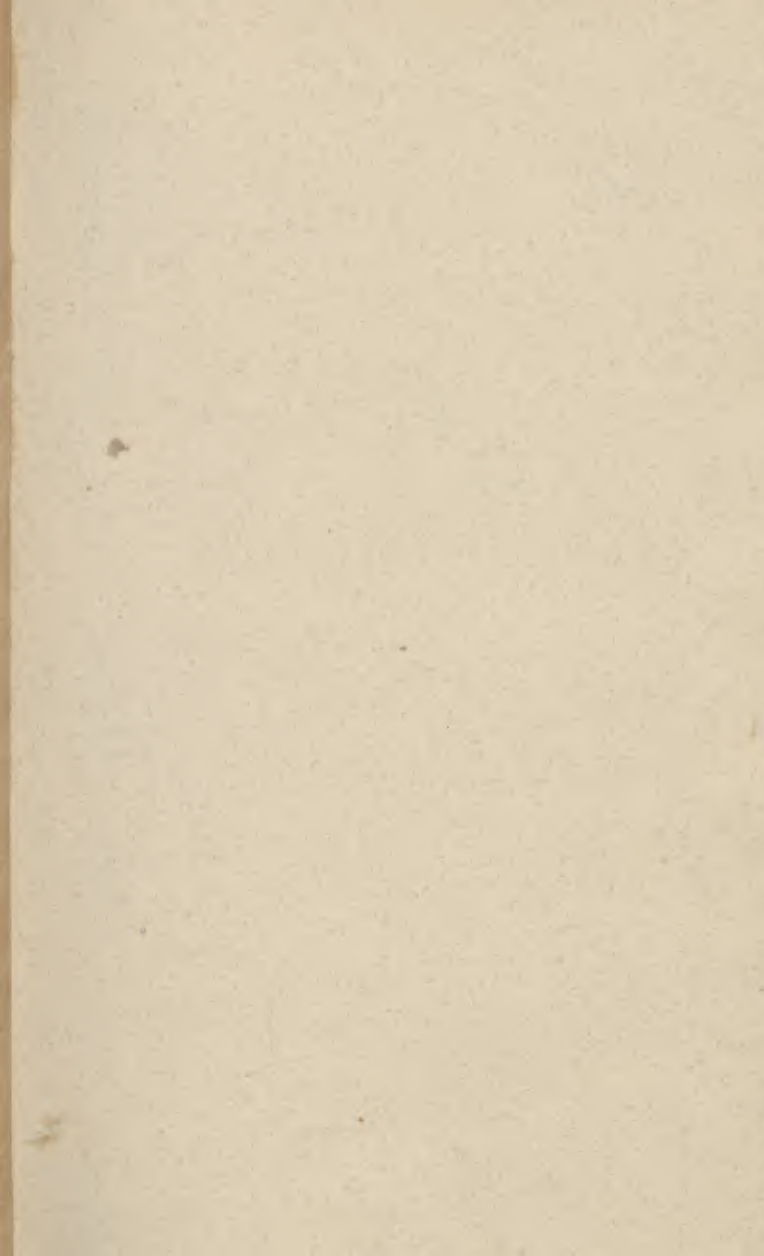
Dr. Costa Pinto

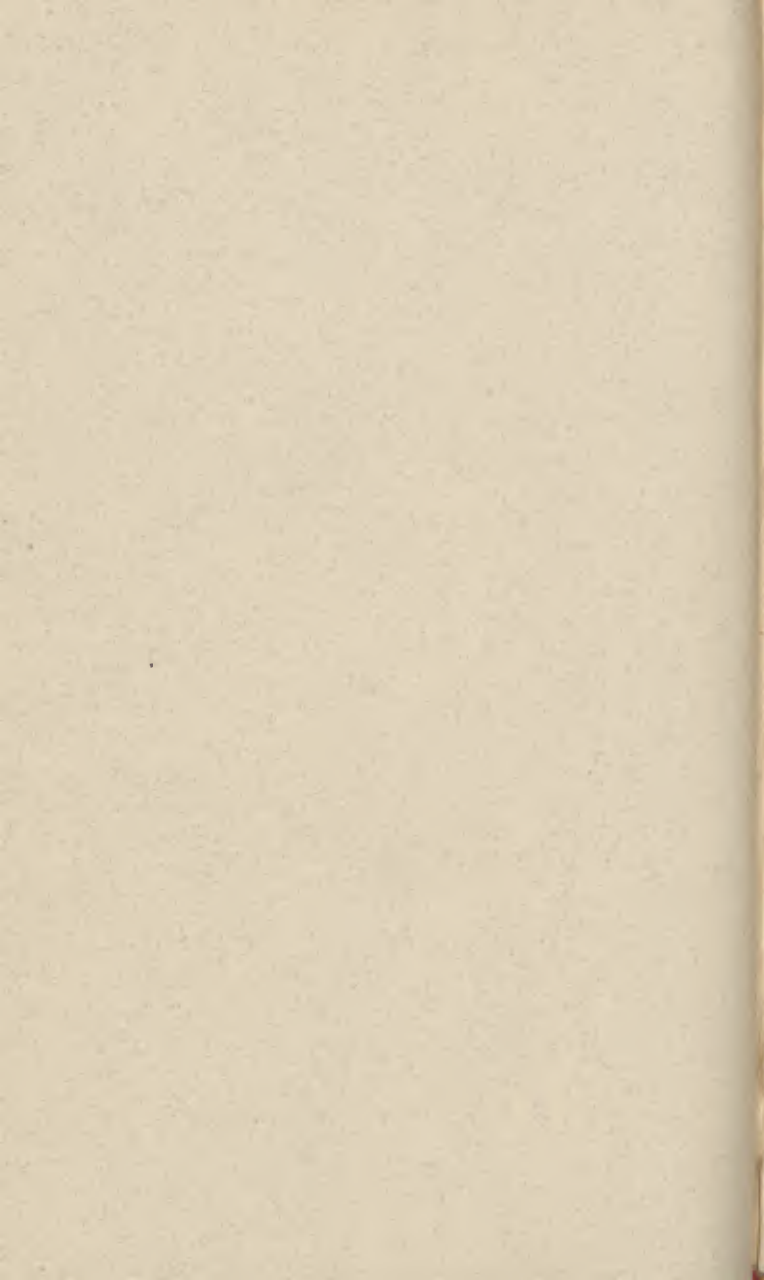
O livro das familias christãs, 2.^a edição,
1 vol..... 500

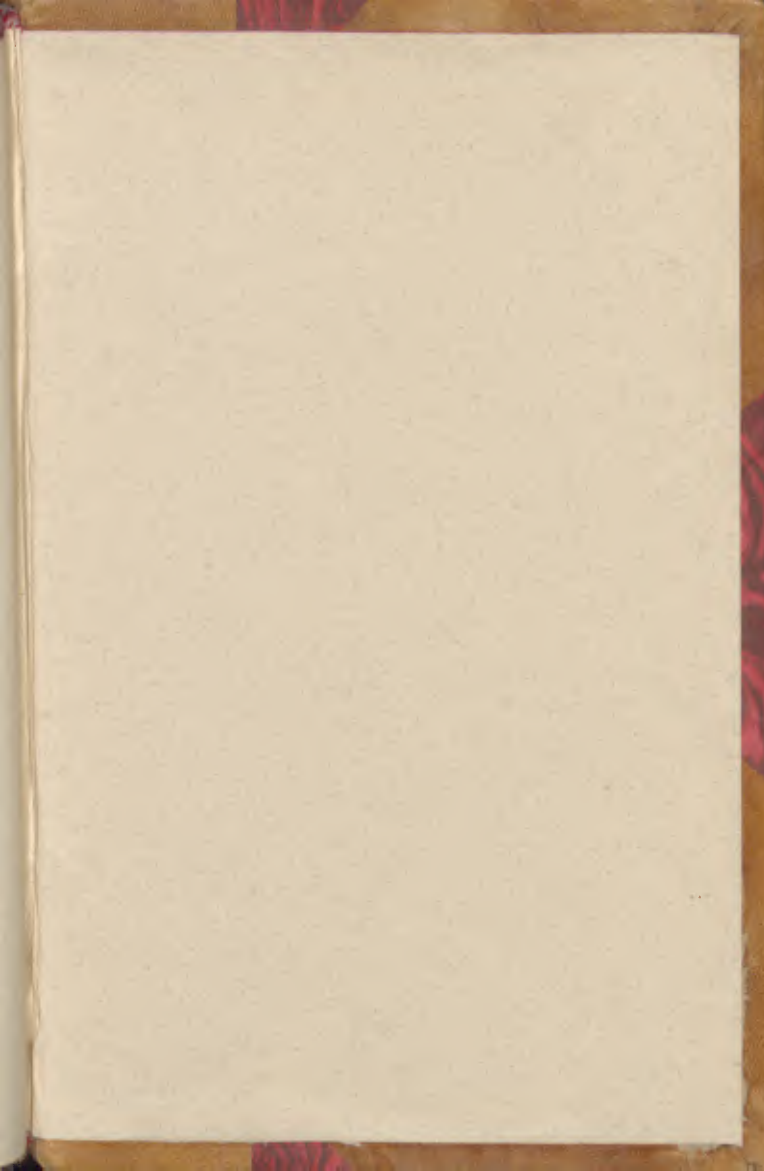
Vinte sermões, 4 vol..... 600

Archivo photographico, (vista dos princi-
paes monumentos de Portugal) redacto-
res: dr. M. Freitas e M. Gomes, série
de 42 numeros..... 25400

Em publicação : *Os Miseraveis*, por Victor Hu-
go, edição illustrada com 500 gravuras.







Biblioteca
Municipal
Barcelonès



5210

12 Setembre de 1980